



Ano XXV

RAÍZES

São Caetano do Sul | Dezembro de 2013

48



Registro poético
de lambe-lambe
no Parque da
Água Branca,
em São Paulo,
na década de
1970. A autoria
da imagem
é de Antonio
Reginaldo
Canhoni,
fotógrafo da
Fundação
Pró-Memória
*Arquivo/Antônio
Reginaldo Canhoni*

Gilberto Nakano, um dos fundadores do Foto Gilberto, em seu estabelecimento

Acervo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Paula Fiorotti

Fotógrafos e repórteres fotográficos amontoam-se na busca pelo melhor ângulo. Infelizmente não temos informações sobre a data (acreditamos que a fotografia tenha sido feita na década de 1960), o local exato de São Caetano do Sul ou mesmo sobre a ocasião da produção da imagem, de autoria de José Honório de Castro, que ilustra a capa desta edição de *Raízes*. Mesmo assim, não houve dúvidas em sua escolha para representar o tema principal da publicação, a fotografia.

A expectativa e o entusiasmo dos profissionais ali postados é um indicativo de que um fato importante transcorria, chamando a atenção da imprensa. A oportunidade era para que, a partir do melhor ângulo, enquadramento e composição, não perdessem o instante e, com a sensibilidade de seus olhares, registrassem o acontecimento, levando para as páginas de jornais e revistas representações da realidade.

A primeira fotografia publicada na imprensa, no jornal norte-americano *Daily Herald*, data de 1880. Sua utilização nas mídias impressas com regularidade deu-se a partir de 1904, no britânico *Daily Mirror*, mas o fotojornalismo como conhecemos hoje surgiu na década de 1920. A partir de então, jornalistas e escritores passaram a contar suas histórias e relatar acontecimentos com luzes e sombras, causando grande impacto em seus leitores. Uma janela para o mundo se abriu, revolucionando a história da imprensa.

O fotojornalismo como instrumento de informação também representou grande contribuição para a preservação da memória dos séculos 19 e 20, já que grande parte das fotografias deste período foram geradas pelos meios de comunicação. Nos dias de hoje, as imagens estão cada vez maiores, mais coloridas, e em maior quantidade nas páginas de jornais e revistas. São personagens principais na relação do público com a notícia, e continuam fazendo história, dia após dia.

PAULA FIOROTTI

É GRADUADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E TEM PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E EDITORA DA REVISTA *RAÍZES*.

RAÍZES

São Caetano do Sul | Dezembro de 2013

Número 48
Distribuição gratuita
Publicação semestral da
Fundação Pró-Memória de
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição: 2.000 exemplares
Dezembro de 2013

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL
Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL
DE CULTURA
Jander Cavalcanti de Lira

PRESIDENTE DA
FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO
Cristina Toledo de Carvalho
Paula Fiorotti
Marília Tiveron

CONSELHO
EDITORIAL

Sonia Maria Franco Xavier
Cristina Toledo de Carvalho
Renato de Alencar Dotta
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Mário Porfírio Rodrigues
Paula Ferreira Fiorotti
Roberta Sernagiotto Soares
Antônio Reginaldo Canhoni
Francisco José Gripp Bastos
João Alberto Tessarini
Fernando Scarmelloti
Jander Cavalcanti de Lira
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior

PROJETO GRÁFICO
E EDITORAÇÃO
Roberta Giotto


FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO
E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS
Antonio Reginaldo Canhoni
Auderí Martins

APOIO À PESQUISA
ICONOGRÁFICA
Jussara Ferreira Muniz
Monica Iafraite
Paula Sidelnik
Vanessa Peixoto

CTP E IMPRESSÃO
Lugi Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.



Rodolfo Famula
em foto tirada em
1920, no estúdio
de Alfredo Famula.
Rodolfo e seu irmão
Waldemar seguiram
os passos do pai,
Alfredo. Foram
proprietários do
estúdio fotográfico
R. Famula & Irmão,
que se localizava na
Avenida Conde
Francisco Matarazzo
Acervo/Fundação
Pro-Memória de São Caetano do Sul

Editorial

Sonia Maria Franco Xavier

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Sempre com o propósito de ampliar o conhecimento, trazendo novas luzes sobre a formação e o desenvolvimento da cidade de São Caetano do Sul, a revista *Raízes* se propõe a fazer uma busca em meio às imagens registradas pela sociedade e, a partir delas, analisar nossa história.

A fotografia é a proposta da seção *Em Foco*, primeiro e mais denso conjunto de pesquisas, que utiliza diferentes olhares para melhor interpretar os registros existentes. Apresenta a fotografia como documento histórico e fonte de informações, como impressão do cotidiano e arte, a partir do olhar do fotógrafo e da qualidade de sua produção. Temos um panorama da cidade baseado em imagens registradas por profissionais e amadores, as quais formam um cenário rico em detalhes de diferentes períodos do processo de desenvolvimento local. Vários estúdios fotográficos aqui existentes desde o século passado são lembrados, destacando sua importância e respectivas funções em diferentes épocas. O papel do fotógrafo e sua participação nas atividades sociais, políticas e culturais ganham destaque dentro desse contexto.

Imagens selecionadas no concurso de fotografia *São Caetano em Foco*, realizado pela Fundação Pró-Memória em 2004, ilustram esta edição.

Outras seções como *Memória e História Oral* são apresentadas de forma minuciosa por pesquisadores que, contando com o entusiasmo

e a participação da comunidade, deixam seus depoimentos embasados em documentos que revigoram as pesquisas a serem transmitidas às gerações futuras.

Contamos também com matérias e artigos regionais que documentam peculiaridades como os trabalhadores e políticos do ABC e o rebaixamento de São Bernardo. Novos colaboradores revigoram a publicação, atuando como facilitadores na ampliação do conhecimento através do estudo do passado, fazendo-o mais presente à medida que continua vivendo nas lembranças dos participantes de inúmeros acontecimentos.

Poesias e Crônicas traz a história da autonomia municipal, celebrando os seus 65 anos. Alguns aspectos da educação são lembrados, bem como da religiosidade, por meio das lembranças de padre Ézio Gislimberti. *Curiosidades e Moda de Outrora* também enriquecem esta publicação. Alguns personagens marcantes da cidade têm suas trajetórias registradas em nossas páginas. Cada artigo recupera experiências das pessoas envolvidas, enfocando suas particularidades sob várias perspectivas, compondo uma verdadeira análise técnica do passado.

Raízes agradece a todos os colaboradores pelas pesquisas, pelos relatos e pelo entusiasmo demonstrado na partilha das suas memórias, e aproveita o ensejo pra desejar um ano de 2014 pródigo em realizações.



pág

8

Em Foco

- 08 Para além da imagem
O universo cultural inerente
às fotografias de moradores
de São Caetano
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO
- 19 Memória revelada
Os estúdios fotográficos
de São Caetano
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

28 O encontro da fotografia
com a história
PRISCILA GORZONI

32 Fotografia: o que mudou
NEUSA SCHILARO SCALÉA

38 Memória Fotográfica Especial
EXPEDIÇÕES FOTOGRÁFICAS



pág

50

Memória

Rinserbor: a primeira loja de
50 produtos de borracha do ABC
PRISCILA GORZONI

53 Aresm comemora 50 anos de
histórias e conquistas
PAULO ALVES DA ROSA



pág

56

História Oral

56 Nas braçadas de uma vencedora
MARÍLIA TIVERON

59 Yolanda Zapparoli Larangeira
Noventa e um bem-vividos anos
EVA BUENO MARQUES

62 Sem segredos ou teorias,
100 anos de simpatia
MARÍLIA TIVERON



pág

65

Personagens

65 Tia Irany:
a caçadora de talentos
PRISCILA GORZONI

69 O garoto das bicicletas
MICHELA CUCUZZA

72 De São Caetano para Hollywood
MÁRIO PORFÍRIO
RODRIGUES

pág 74
Cultura

Grupo Jazztual
Cinco vozes que saíram
do ABC para conquistar o
público há 30 anos
MÁRCIA GIMENEZ



pág 99
Regionais

99 Trabalhadores e políticos
do ABC Paulista
CANDIDO G. VIEITEZ

108 História esquecida: rebaixamento
e emancipação política de São
Bernardo do Campo
CARLOS EDUARDO
SAMPAIO BURGOS DIAS

pág 78
Curiosidades

78 São Caetano... uma polêmica
GLENIR SANTARNECCHI

80 O túmulo de Ernesto Toretta
PRISCILA GORZONI

pág 85
Artigos

85 Família Gesellmann:
89 anos em São
Caetano do Sul
MARLENE GEZELMAN

88 Família Scotta
Uma história de
resistência nas lembranças
de Luiza Scottá
TALITA SCOTÁ SALVATORI

92 Eles conheceram
o fogo do inferno, sentindo
o frio, o gelo, a neve...
LEONILDA VERTICCHIO

pág 108
Memória
Fotográfica

114 Especial – Guarda Civil Municipal



pág 82
Moda de
Outrora
SUZETI ROCHA

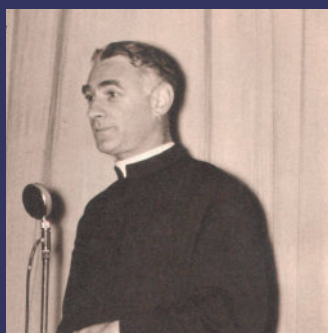
pág 95
Poesias e
Crônicas

95 AUTOS NOMOS
JOÃO TARCÍSIO MARIANI

97 Lembranças de padre Ézio
JOÃO JENIDARCHICHE

pág 117
Baú de
Memórias

pág 84
Recordando
nossas Raízes
HUMBERTO PASTORE



pág 120
Registro

Cristina Toledo de Carvalho

« A verdadeira imagem do passado
perpassa, veloz. O passado só se deixa
fixar, como imagem que relampeja
irreversivelmente, no momento
em que é reconhecido. »

Walter Benjamin

PARA ALÉM DA IMAGEM

O UNIVERSO
CULTURAL
INERENTE ÀS
FOTOGRAFIAS DE
MORADORES DE
SÃO CAETANO

A fotografia comporta um universo cultural rico e inesgotável de possibilidades e aspectos que trazem para a seara da produção do conhecimento proveitosos diálogos com as chamadas ciências humanas. A sociologia, a antropologia e a história são apenas algumas dessas ciências que oferecem seus referenciais teóricos e metodológicos para a elaboração de pesquisas e trabalhos cujas temáticas contemplam o fotográfico como objeto de estudo.

Em meio a esse leque de relações com tais áreas científicas, a fotografia deixa de ser estática e fixa ao ser submetida a um aparato de fontes destinadas a compreendê-la e a interpretá-la para além da imagem nela focalizada ou representada. Sua estética é assim transposta, e questões que se encontram nela imbricadas, como as alusivas a hábitos, valores e costumes pertencentes, por exemplo, à cultura vigente numa dada sociedade, vêm à tona. Como endossa Cláudio de Sá Machado Júnior, “o conhecer de uma fotografia passa pela informação indireta, ou seja, não somente o que a imagem significa em si, mas o que outras fontes podem falar sobre ela”.¹

As considerações de Machado Júnior estão embasadas nos argumentos de Boris Kossoy, precursor, no Brasil, dos trabalhos que inseriram a fotografia no campo historiográfico de análise e abordagem. Para esse estudioso pioneiro, a pragmática da representação do real “ocorre com o cruzamento de informações oriundas a partir de outros objetos [...], como fontes de natureza escrita, iconográficas, orais e objetos”.²

Esse cruzamento de fontes e informações torna-se imprescindível na medida em que por meio dele faz-se a recuperação dos traços culturais implícitos na fotografia. Pela mediação das fontes e da própria narrativa histórica, advinda de pesquisa exaustiva junto a um conjunto documental, a interpretação da sociedade representada nas imagens é possível.

As fotografias que compõem o acervo iconográfico do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul ganham razão de ser se acompanhadas de uma série de dados reunidos tanto nos registros de cunho arquivístico, em que são lançadas informações primordiais fornecidas pelo próprio doador da imagem, como as relativas à data, identificação das pessoas e evento contemplado na imagem, por exemplo, quanto informações veiculadas, subsidiariamente, em livros, jornais, documentos e relatos, os quais podem trazer luz a cenas e contextos captados por determinadas fotos, no que diz respeito a temas, situações, momentos e conjunturas concernentes à história e à memória da localidade.

É desse inevitável diálogo com todo um rol possível de fontes que o sentido histórico, social e cultural de uma fotografia emerge, produzindo significados, fazendo aflorar representações acerca do que está na imagem, para muito além de sua imediata fixidez. Em termos da iconografia reunida no acervo da Pró-Memória, inúmeras são as possibilidades que ela pode gerar no que tange à produção do conhecimento histórico de São Caetano, principalmente sob

um viés cultural, que remete a uma história do cotidiano de seus moradores, cujos valores, costumes, hábitos e sociabilidades apresentam-se como aspectos privilegiados das fotografias da instituição.

Desta forma, pela análise de boa parte das imagens situadas na primeira metade do século 20, é viável recuperar as principais opções de lazer da população, assim como momentos especiais nos quais ela se envolvia e que ensejavam o registro fotográfico, como os eventos religiosos, sobretudo os que versam sobre a realização de casamentos e primeira eucaristia.

Esses são os aspectos que recortarão o amplo leque da temática cultural inerente às fotografias de moradores locais, neste artigo, que enfocará, assim, as inserções historiográficas de tais imagens.

As fotografias no desenrolar das sociabilidades locais: lazer e celebrações religiosas

- A fotografia, por força das inúmeras abordagens que ocasiona, conforme as representações focalizadas ou no cerne de cada imagem, pode dar margem à escrita de muitas histórias e reflexões. Essa pluralidade de focos e inserção historiográfica é bastante evidente nas produções da Fundação Pró-Memória, quer em seus projetos de cunho editorial, quer nos de outra natureza, como nas exposições. Em todos esses casos, os temas discutidos são abrangentes e suas relações com o mundo fotográfico bem estreitas, visto as

diferentes finalidades para as quais as imagens são colocadas em tais trabalhos. O recurso a elas, em muitas situações, extrapola o fim meramente ilustrativo, desencadeando análises mais apuradas acerca de um aspecto da história da localidade.

A série de artigos *A fotografia e a cidade*, assinada por Neusa Schilaro Scaléa a partir da edição de nº 24 da revista *Raízes*, num total de quatro matérias (à publicada na edição citada somam-se outras três, divulgadas nos números 27, 28 e 29 da revista), elucida bem isso. Além de aspectos técnicos inerentes à arte fotográfica,

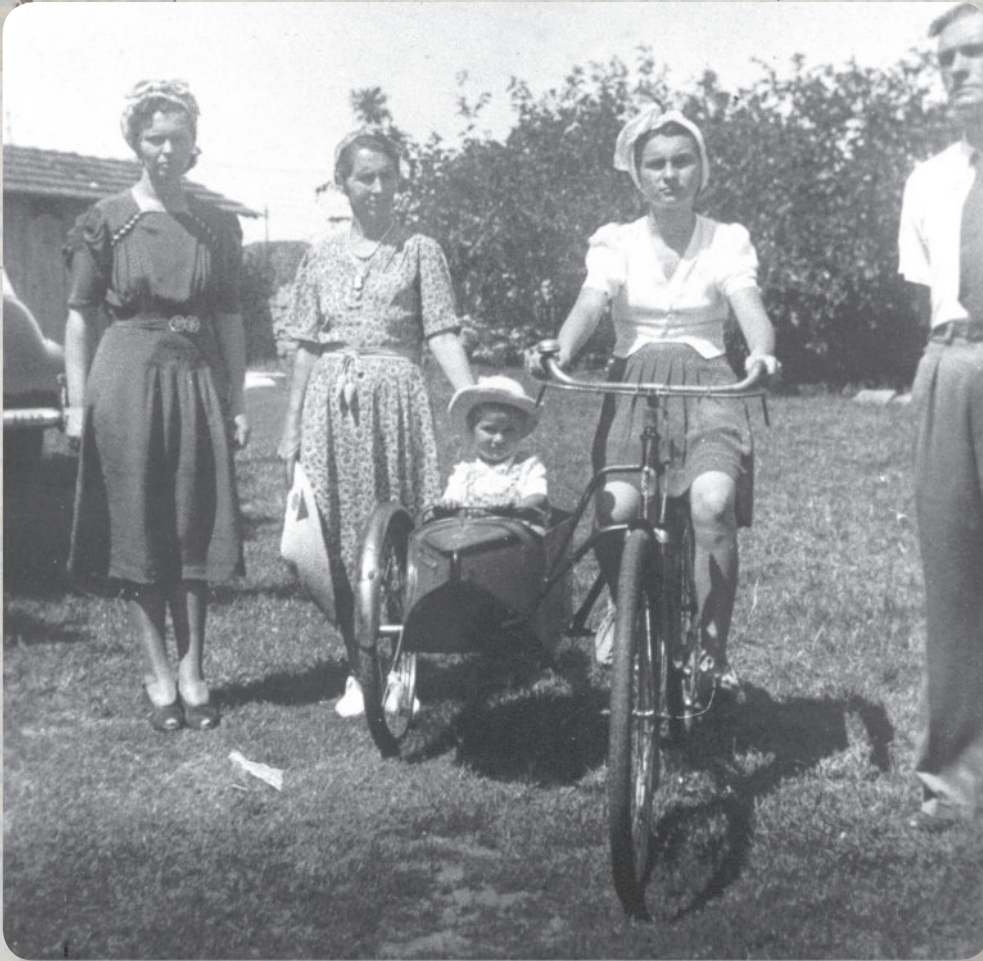
como o relativo ao processo de colorizar as fotos com *ecoline*, com o auxílio de delicados pincéis, procedimento muito em voga no início do século passado, a autora, na aludida série, também falou de São Caetano, sobretudo no tocante às transformações sofridas por sua paisagem urbana ao longo dos anos. Para tanto, valeu-se dos trabalhos de Waldomiro Chomen, fotógrafo da municipalidade já a partir da gestão do primeiro prefeito de São Caetano, Ângelo

Raphael Pellegrino (1949-1953).

Não só nesta série a fotografia foi objeto de sua atenção, mas também em outros artigos publicados em *Raízes*, como o presente em seu número 31, que aborda a temática iconográfica por uma perspectiva mais estética e artística no contexto da cidade. Nele, Neusa Scaléa faz comentários sobre a mostra *Poéticidade*, que ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal no ano de 2005. Ao tecer considerações a respeito dos trabalhos expostos, a autora fala da natureza

“A fotografia, por força das inúmeras abordagens que ela ocasiona, conforme as representações focalizadas ou no cerne de cada imagem, pode dar margem à escrita de muitas histórias e reflexões.”

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Família Lorenzini durante um passeio a Santos, nas proximidades da Praia do José Menino, em 1940. A partir da esquerda, Palmira Lorenzini, Rosa Fiorotti Lorenzini, o menino Henrique Lorenzini, Clara Lorenzini e Henrique Mário Lorenzini

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Família Morelato em foto tirada durante um passeio à Represa Billings, na década de 1930. A partir da esquerda, Yolanda Morelato Barile, Eugênio Primo Morelato, Antônio Marino Morelato e Ada Morelato

dupla da fotografia, enquanto obra e documento, destacando o modo como elementos e marcos históricos do cenário urbano local, como a Avenida Goiás, o Rio Tamandateí e o Ribeirão dos Meninos, foram apropriados e interpretados, artística e fotograficamente, pelos participantes da exposição.

Cinquenta anos antes da realização de tal mostra, a municipalidade, por meio da lei nº 535, de 24 de junho de 1955, instituiu um concurso de fotografia que tinha como finalidade a divulgação de diferentes aspectos da paisagem da cidade, pela subjetividade do olhar de cada participante do certame. Segundo consta, os trabalhos encaminhados foram julgados por uma comissão composta por artistas do Museu de Arte de São Paulo, endossando o quão estreita pode ser a relação da fotografia com o segmento artístico. Nove pessoas participaram do concurso, ficando nas três primeiras colocações os seguintes trabalhos fotográficos: *Símbolo do Trabalho*, de autoria de René Schoeps (1º lugar); *Vista do Viaduto*, de Santos Parra (2º lugar); e *Rodas para o Brasil*, de Mário dos Santos Simões (3º lugar).

Vale lembrar que, em 2004, a Fundação Pró-Memó-

ria organizou o São Caetano em Foco, concurso que tinha também como objetivo a divulgação de elementos marcantes do quadro urbano local, pelo viés da linguagem fotográfica. Uma comissão constituída por quatro fotógrafos escolheu os 40 melhores trabalhos, entre os mais de 100 inscritos. Além de expostas em uma mostra que ficou em cartaz no antigo salão expositivo da instituição (Avenida Goiás, nº 600), entre os dias 21 de outubro e 26 de novembro daquele ano, as fotografias premiadas foram ainda divulgadas em um caderno especial publicado na edição de nº 30 da revista *Raízes*.

Iniciativas como as dos dois concursos mencionados, além de trabalhos como o *Poéticidade*, que suscitam reflexões, pensamentos e ideias sobre o fazer fotográfico, são apenas uma pequena amostragem do que a fotografia pode aventar, em termos de produção do conhecimento. No que tange, mais especificamente, ao conhecimento produzido sob uma perspectiva histórica, as possibilidades criadas pelas imagens do acervo da Fundação Pró-Memória são também diversas, como já foi dito. Até porque elas já carregam, em sua essência, uma historicidade latente, apenas à espera da intervenção do historiador,

pesquisador ou estudioso.

No caso deste artigo, o afloramento de questões e aspectos históricos inerentes à fotografia, a partir de um prisma cultural, remete, principalmente, às imagens que registram momentos de descontração e lazer de moradores locais, no decorrer das primeiras décadas do século 20. Trata-se, em sua maioria, de fotos tiradas durante excursões a praias do litoral paulista e passeios a lugares bucólicos da cidade e região, ocasião na qual ocorriam os famosos convêcotes, como eram chamados, na época, os piqueniques. Realizados por iniciativa de clubes recreativos locais ou mesmo por grupos de famílias ou de amigos, tais passeios eram a expressão de um momento que, por ser especial, merecia ser registrado pelas lentes de uma câmera fotográfica. A partir das imagens correspondentes, é interessante notar o rol de informações presentes, como as atinentes aos locais mais procurados, às suas características e ao figurino utilizado, ao qual se misturavam “enormes trajés de banho, ternos, chapéus e vestidos”³.

Entre os moradores de São Caetano eram também recorrentes os passeios ao tradicional Jardim da Luz, em São Paulo, local muito requisitado



“Todos esses recursos que caracterizavam os estúdios, aliados ao modo como os fotografados apresentavam-se ou se inseriam na cena, tornam compreensível a afirmação de que as fotografias ‘nunca tiveram como interesse principal o registro de uma realidade social, mas sim de ilusões sociais.’”

Família de Maria Benedetti Peruchi em foto tirada na década de 1920, no estúdio Affonso Giannini Photographo, que ficava na Rua José Paulino, em São Paulo. Em pé, da esquerda para a direita: Maurício, Maria Benedetti Peruchi, José e Miguel. Sentados: Antônio e Rosa. Os cenários eram a marca característica dos estúdios de antigamente

para o *footing*, ou seja, a caminhada, na companhia de amigos, familiares ou entre casais de namorados. A ida à capital com essa finalidade, um costume refinado para os padrões da época, criava também condição para o registro fotográfico. Era um requinte guardar como lembrança uma foto do passeio àquele romântico jardim. Nessas imagens, os trajes dos fotografados revelavam a elegância necessária à realização de passeios dessa natureza. A figura do fotógrafo ambulante, popularmente conhecido como *lambe-lambe*,⁴ era marcante nesse cenário. A importância de sua presença era tamanha que até rendeu o ensaio de Boris Kossoy, intitulado *O fotógrafo ambulante: a história da fotografia nas praças de São Paulo*, publicado no Suplemento Literário da edição de 24 de novembro de 1974 do jornal *O Estado de São Paulo*. Isso sem falar de pesquisas e trabalhos mais recentes sobre a temática.

E, até pelo menos o advento da massificação do uso de máquinas por não fotógrafos, o deixar-se fotografar deveria, de fato, acontecer em momentos que fugissem do ordinário ou de contextos comuns ao cotidiano da população. Não que tais contextos nunca fossem fotografa-

dos, uma vez que há registros, no acervo da instituição, que remontam, por exemplo, a ambientes de trabalho, em que operários e funcionários aparecem em plena realização de suas tarefas. Mas é preciso ponderar que, mesmo nessas situações, havia motivos que justificavam a foto, como a comemoração de datas importantes, a propaganda ou mesmo a visita de alguma autoridade ou figura de projeção no cenário local ou nacional.

Em suma, o ato de fotografar e ser fotografado estava fortemente ligado ao extraordinário, ao caráter especial de um acontecimento, algo bem diferente do que se observa hoje, período de uma intensa profusão da tecnologia digital e, por consequência, das fotos dela originadas. Estas, por conta do suporte das redes sociais, difundem-se quase que instantaneamente, originando novos referenciais e paradigmas de comportamento em face do fotografar-se. Se, nos dias atuais, as facilidades que cercam a fotografia, tanto no que diz respeito à tarefa de tirá-la quanto no que se refere ao aparecer nela, beiram à banalidade de um cotidiano facilmente apreendido pela cibernética, em outros tempos, existia toda uma preparação para o registro fotográfico. “Fotos de família foram sempre muito importantes. Dia e hora eram marcados, preparavam-se as roupas, os homens compareciam ao barbeiro e as mulheres caprichavam no penteado [...]”⁵

As características dos estúdios fotográficos de antigamente eram condizentes com tais preparativos e rituais que antecediam o registro. E, mesmo alguns instantes antes da sua realização, um protocolo deveria ser seguido, a fim de que a qualidade da fotografia fosse assegurada. “Nos estúdios, para serem fotografadas, as pessoas obedeciam a certas exigências do fotógrafo, e uma delas era que ficassem imóveis. Fazendo pose.”⁶ Para harmonizar, incrementar ou ainda compor o ambiente, cenários eram montados

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



A partir da esquerda, Hermínia Bonesso, Antônia Gallina e Maria Ferrante, em foto tirada durante um passeio à Praia Grande, em 1946




Foto tirada
por ocasião do
casamento de
Maria José de
Carvalho e
Antônio Rosa
Alves, na década
de 1950, em
São Caetano do Sul,
no estúdio
Foto Americano.
Destaque
para o requintado
cenário

Acervo/Antônio Rosa Alves

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Foto tirada no Jardim da Luz em 1924, durante um passeio realizado por Albino Quaglia, Fizia Astolfi, Angelina Martorelli e Olguinha Quaglia. Os trajés utilizados demonstram a elegância que se reservava a momentos como este. Destaque para a inscrição que indica o nome do fotógrafo autor da imagem

nos estúdios. Eles, na maioria das vezes, simulavam cortinados e pinturas que dialogavam com móveis e objetos dispostos pela cena criada.

Todos esses recursos que caracterizavam os estúdios, aliados ao modo como os fotografados apresentavam-se ou se inseriam na cena, tornam compreensível a afirmação de que as fotografias “nunca tiveram como interesse principal o registro de uma realidade social, mas sim de ilusões so-

ciais. Não tiveram a preocupação com a vida comum, mas sim com as performances que são feitas dentro dela. Uma fotografia não deve ser interpretada somente na sua verdade, mas também na forma de como é construída em sua fantasia”.⁷ Agregando essa fantasia ao sabor especial de celebrações, como casamentos e primeira eucaristia, os estúdios fotográficos eram uma espécie de extensão desses eventos. Era costume os noivos irem a esses estabelecimentos, tendo em vista o registro da data. Acerca disso, Liselotte, esposa do fotógrafo Jean Wild, proprietário do Foto Ideal, estúdio nascido em 1953, em São Caetano, mais precisamente na Rua Rio Grande do Sul (em 1962, mudou-se para a Manoel Coelho), relatou: “Quando o Foto Ideal começou, em 1953, fazíamos álbuns de casamento. Os noivos vinham tirar fotos ali na Rua Rio Grande do Sul, e os táxis que os traziam acabavam por causar engarrafamentos [...] Eram entre 25 e 30 casamentos por sábado”⁸

Dessa intensa movimentação participavam, naturalmente, outros estúdios da cidade. Basta ressaltar que uma parcela significativa das fotos de casamento do Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória foi tirada em estúdios locais. Observando-as, é possível visualizar o mundo fictício elaborado para marcar os registros fotográficos matrimoniais. Os cenários eram diversos, apontando, assim, tendências e outros traços que distinguiam um estabelecimento de outro.

A montagem cenográfica ocorria também com bastante frequência nas celebrações de primeira eucaristia. Cenários com temas e símbolos relacionados ao sacramento da comunhão davam o tom em alguns estúdios, conforme representado nas fotos publicadas neste artigo. Além da diversidade das características dos elementos que compunham tais cenários, que permite vislumbrar como o próprio estúdio au-



As celebrações
de primeira
eucaristia
ensejavam
também belas
fotografias em
estúdios.
Nesta imagem,
Yolanda Ascencio,
em 19 de julho
de 1946

*Acervo/Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul*

tor da fotografia concebia ou interpretava a celebração eucarística, as imagens em foco possibilitam ainda o acesso a informações sobre o tipo de vestuário utilizado, como também os acessórios religiosos mais usuais na ocasião.

Nas fotografias dessas celebrações, na maioria das vezes, é possível a identificação dos estúdios que as produziram, o que faz de tais imagens uma importante fonte de rastreamento dos estabelecimentos fotográficos que atuaram em São Caetano. Como bem descreve e expõe Neusa Scaléa, “nos arquivos fotográficos encontramos, em grande número, fotografias [...] pro-

tegidas por encartes de papelão. Algumas preservam ainda um fino papel de seda separando a face da foto do papelão cinza chumbo ou bege claro, com o nome do fotógrafo ou do *studio* em letras elaboradas (ou ainda a chancela do estúdio ou do fotógrafo). Essas preciosidades nos deixam muito felizes, não só porque facilitam nosso trabalho, mas também pelo encantamento e respeito que nos despertam”.⁹

Abordar a temática da fotografia sem reservar espaço aos fotógrafos e seus respectivos estúdios é promover uma lacuna historiográfica. Na qualidade de personagens centrais das histórias e memórias que envolvem o assunto em questão, não podem ser esquecidos. Na sequência, segue uma apresentação, para fins de registro, de estúdios fotográficos e de seus proprietários, com breves dados a respeito. A ideia é complementar e enriquecer as modestas e sucintas reflexões feitas neste artigo. Que o trabalho seguinte cumpra, assim, o seu propósito, contemplando nomes, fornecendo-lhes visibilidade e inserindo-os na cena urbana da São Caetano do século passado. **R**

Acervo/Sebastião Rosa Alves



Registro da primeira eucaristia de Gabriel Rosa Alves, em 11 de outubro de 1967, no Estúdio Foto Americano. Na imagem, destaca-se a figura de Jesus Cristo, marcante nos cenários instalados em estúdios, tendo em vista o registro de celebrações de primeira comunhão

NOTAS

¹ MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. *Escrevendo a história com imagens fotográficas: historiografia das principais tendências no Brasil*, p. 3. Disponível em: eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/contente/anaais/1217344386_ARQUIVO_EscrevendoaHistoriacomImagensFotograficas.pdf. Acesso em: 20 set. 2013.

² KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2ª. ed. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 65 apud MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá, p. 3.

³ ORTEGA, Isabel Cristina. No tempo dos convoscotes. Exposição fotográfica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2008.

⁴ Existem algumas versões explicativas para o surgimento do termo lambe-lambe. De acordo com Boris Kosssoy, sua origem é controversa. “Segundo alguns, lambia-se a placa de vidro para saber qual era o lado da emulsão, o que explicaria o nome. Tal fato, porém, parece pouco viável, pois o simples tato, ou a observação da chapa em local escuro mostra qual o lado da película sensível. Há quem diga que se lambia a chapa para fixá-la, porém a origem mais viável parece estar ligada ainda ao antigo processo da ferrotipia. Este processo envolvia uma camada de asfalto sobre uma chapa de ferro de mais ou menos 1mm sobre a qual era aplicada a emulsão. Após a revelação com sulfato de ferro, o fotógrafo lambia a chapa, fazendo com que a imagem se destacasse do fundo preto asfáltico pela ação do cloreto de sódio existente na saliva.” KOSSOY, Boris. O fotógrafo ambulante: a história da fotografia nas praças de São Paulo. In: Suplemento Literário, *O Estado de São Paulo*, 24 nov. 1974 apud FRANCO, Marcelo Horta Messias. *Profissionais em extinção: o caso do fotógrafo lambe-lambe*. Monografia de Conclusão de Curso. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2004, p. 22. Disponível em: <http://www.anthropologia.com.br/divu/colab/d25-mfranco.pdf>. Acesso em: 24 set. 2013.

⁵ A fotografia e a cidade II. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 25, jul. 2002, p. 76.

⁶ SCALÉA, Neusa Schilaro. Fotografia e realidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 33, p. 61-65, jul. 2006, p. 65.

⁷ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: imagem e história*. Bauru: Edusc, 2004, p. 34-35 apud MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá, p. 5-6.

⁸ O alemão Jean Wild finca raízes no município. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 23, p. 89-92, jul. 2001, p. 91.

⁹ SCALÉA, Neusa. Fotografia e realidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 33, p. 61-65, jul. 2006, p. 64-65.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PUC/SP

MEMÓRIA REVELADA

OS ESTÚDIOS
FOTOGRAFÍCOS
DE SÃO CAETANO

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada do estúdio que pertenceu ao fotógrafo Alfredo Famula. Situava-se na Rua Perrella, nº 64. Foto de 1925

João Netto Caldeira, no *Álbum de São Bernardo*, ao relacionar os estabelecimentos comerciais do então distrito de São Caetano, em 1937, destacou a existência de “2 photographias”.

Por meio dessa nomenclatura, referia-se ele aos estúdios fotográficos existentes na cidade na época. Embora não tenha especificado os nomes de seus proprietários, é possível deduzir, com segurança, que um deles dizia respeito ao estabelecimento da família Famula, pioneira do segmento na localidade.

Uma foto do ano de 1925 constitui o registro mais antigo que há no acervo da Fundação Pró-Memória alusivo ao ateliê que pertenceu a Alfredo Famula, localizado na Rua Perrella, nº 64. Seus filhos Rodolpho e Waldemar deram continuidade ao ofício, comandando, posteriormente, o estúdio R. Famula & Irmão, localizado na Avenida Conde Francisco Matarazzo. Tais dados são suficientes para concluir que uma das duas “photographias” mencionadas por Netto Caldeira referia-se aos Famulas. A dúvida persiste, contudo, em relação ao outro estabelecimento. Que fotógrafo seria o seu proprietário?

Responder a essa questão não é tarefa fácil, levando em conta que as fontes consultadas para compor esta matéria são dispersas e as informações reunidas, coletadas junto a antigos fotógrafos e seus descendentes, são fragmentadas. Mas, mesmo diante do teor dificultoso das condições metodológicas da pesquisa, foi possível recuperar dados para a revelação da memória de estúdios fotográficos da cidade atuantes entre a primeira metade do século passado e os dias de hoje (alguns sobreviveram aos novos padrões impostos pelo avanço da tecnologia digital e continuam em atividade). Cumpre também esclarecer que determinados estabelecimentos mencionados não possuíam estrutura e características que pudessem qualificá-los como estúdios, mas, por terem atuado no ramo da fotografia, foram lembrados. Obviamente, a lista aqui apresentada não está esgotada. Suponho, em razão do exposto, que, além dos estabelecimentos contemplados, muitos outros tenham integrado o quadro socioeconômico de São Caetano. Partindo de tal suposição, lanço o desafio junto aos leitores de *Raízes* para que enriqueçam a referida listagem, encaminhando novas referências a respeito.

Retornando à questão que gerou a dúvida quanto a quem teria pertencido um dos dois estúdios que a localidade possuía em 1937, cabe

ressaltar que a resposta pode estar entre os próprios estabelecimentos que serão, na sequência, apresentados. Isso não é impossível de acontecer, se for levado em consideração o fato de eu não ter conseguido levantar o período exato de atuação de todos os ateliês citados.

Na busca por respostas, uma nova hipótese surgiu. Pesquisando edições do *Jornal de São Caetano*, encontrei uma nota interessante a respeito do fotógrafo Jacinto Raio Rodrigues. Por ocasião de seu aniversário, ele recebeu os cumprimentos da equipe do jornal, do qual foi o primeiro fotógrafo: “Completará mais um aniversário natalício no dia 2 de Setembro o nosso particular amigo Jacinto R. Rodrigues, que é também um dos que colaboram com este Jornal. Pessoa bastante conhecida em nossa cidade, o aniversariante já foi proprietário de inúmeros ateliers fotográficos, sendo atualmente dono do Foto Glicério. Em nossa folha tem o Jacinto emprestando sua eficiente colaboração como fotógrafo, fixando expressivos flagrantes que ilustram as nossas páginas. [...] A capacidade do Jacinto Rodrigues é de todos conhecida, não sendo necessário falarmos dos magníficos flagrantes e fotografias artísticas elaboradas por esse mago da arte fotográfica”.¹

As informações veiculadas permitem a mim deduzir que o fotógrafo em questão pode ter sido o proprietário daquele outro estúdio de 1937. Isso porque, conforme o jornal, ele havia comandado, até a data da publicação da nota (1948), muitos ateliês, podendo, assim, estar em atividade já desde 1937. É interessante registrar que, em 1948, Jacinto Rodrigues era proprietário do Foto Glicério, como foi dito. Infelizmente, não foram encontradas mais informações sobre esse estabelecimento em guias, anuários e listas telefônicas, como seu endereço e ano do início de suas atividades. Mas, independente da carência de dados, é importante mencionar que, nos

Acervo/Antônio Rosa Alves



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

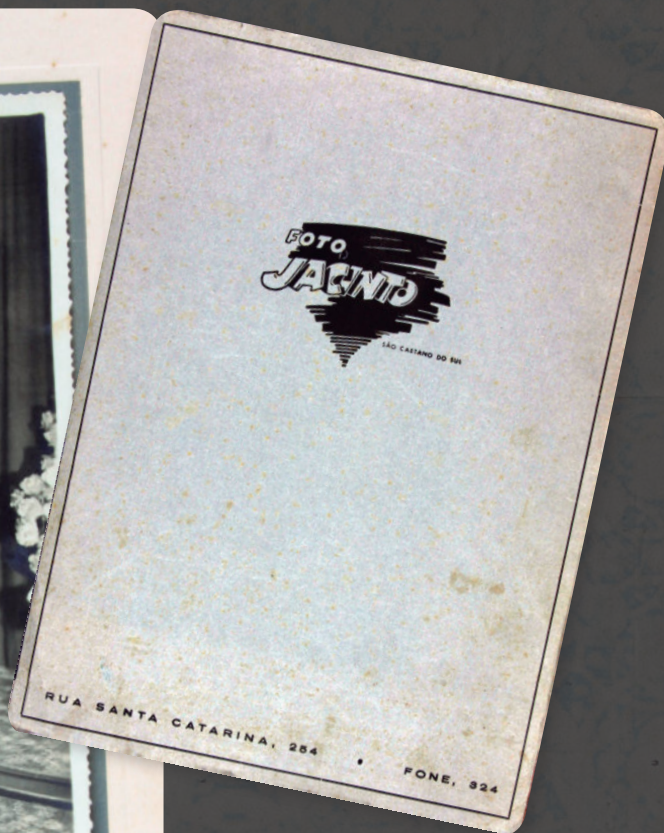


O casal José Rosa e Dorcília Trevisan Rosa, em foto tirada em 1º de fevereiro de 1946, no estúdio Foto Americano, quando ainda pertencia ao norte-americano Miranda, seu primeiro proprietário. Depois, o estúdio passou para o comando de João Baptista. Risaburo Goto foi seu terceiro proprietário

levantamentos feitos, deparei com fotos e algumas informações sobre um estúdio denominado Foto Jacinto, que, segundo consta, funcionou em dois endereços: Rua Perrella e Rua Santa Catarina. Se esse estabelecimento foi ou não uma continuação do Foto Glicério, só mesmo o conhecimento de antigos profissionais da área e de velhos moradores para esclarecer.

Esse conjunto de fontes, por outro lado, foi muito útil para a preparação deste trabalho, uma vez que trouxe à baila nomes de estúdios cuja existência não havia sido ainda registrada nas páginas de *Raízes*. Abaixo, segue então a listagem dos ateliês fotográficos levantados pela pesquisa, uma espécie de panorama ou breve inventário sobre o assunto. As informações que acompanham

Foto tirada no Estúdio R. Famula & Irmão, por ocasião do casamento de Tereza e Roberto Ferrante, em 9 de novembro de 1946. O estúdio ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo



Fotografia tirada no estúdio Foto Jacinto, por ocasião do casamento de Antônio e Olga, no dia 9 de dezembro de 1950. Ao lado, a capa do encarte de papelão que envolve a imagem, com a logomarca e o endereço do estabelecimento



Família de José Cervan Sedeño, em foto tirada em 14 de janeiro de 1953, no Foto Studio Nitto, pertencente ao fotógrafo Pedro Takeaki Nitta. Da esquerda para a direita: Rafaela Cervan Frias, Maria Dolores Cervan Frias, Luiz Carlos Cervan Frias (no colo), José Cervan Sedeño, José Cervan Frias, Manoel Cervan Frias e Francisco Cervan Frias

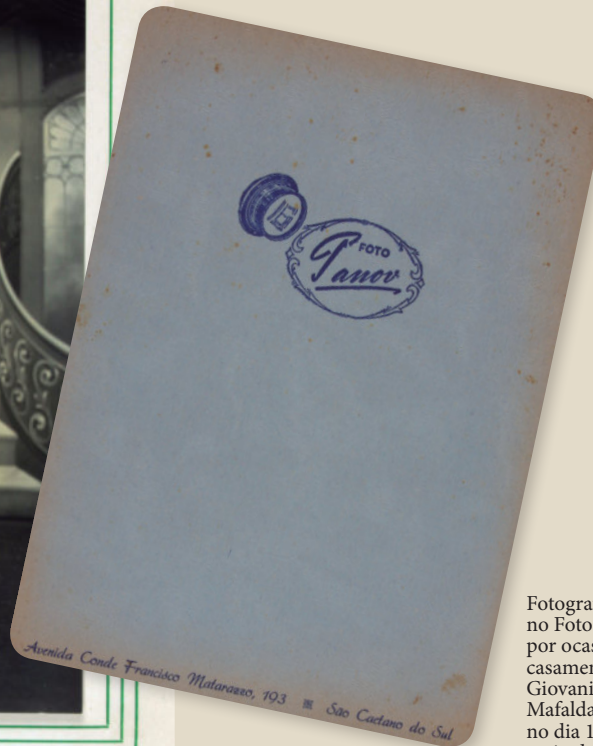
cada um deles não são lineares ou padronizadas, em termos qualitativos e quantitativos, variando de acordo com o que foi possível investigar. Em alguns casos, só há referência ao nome do estabelecimento, por conta da ausência de dados. Vale ainda frisar que os nomes dos estúdios estão agrupados em ordem alfabética. Não descarto a possibilidade de terem pertencido a mais de um proprietário ao longo de suas atividades. Quando foi possível confirmar tal hipótese, fiz menção a respeito, indicando os seus respectivos nomes. Que este trabalho lance um “flash” sobre a temática, contribuindo para a revelação de novas memórias e outras histórias sobre os antigos estúdios e fotógrafos da cidade. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

Acervo/Cláudio Batista



Cláudio Batista, filho do fotógrafo Narciso Batista, em foto tirada no estúdio da família, no final da década de 1960. Hoje Cláudio está à frente do estabelecimento

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fotografia tirada no Foto Panov, por ocasião do casamento de Giovani Recine e Mafalda Manile, no dia 17 de maio de 1958. Destaque para a capa do encarte de papelão em que a foto foi colocada, com a logomarca do estúdio e seu endereço



Casamento de Narciso Batista e Maria Aparecida Batista, em meados da década de 1950. Foto tirada no próprio estúdio do noivo, o Foto Studio Narciso, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, reduto dos antigos ateliês fotográficos de São Caetano

PANORAMA DOS ESTÚDIOS FOTOGRÁFICOS DE SÃO CAETANO UM BREVE INVENTÁRIO

Estúdio que pertenceu a Alfredo Famula – Rua Perrella, nº 64. Posteriormente, os seus filhos Rodolpho e Waldemar deram continuidade ao escritório, ficando à frente do ateliê R. Famula & Irmão, localizado na Avenida Conde Francisco Matarazzo;

Foto Americano – Rua Perrella, nº 113 (posteriormente, com a ampliação da rua, passou a ser nº 342). Teve três proprietários: o norte-americano Miranda (o que explica o nome do estúdio), João Baptista e Risaburo Goto;

Foto Angelin – Avenida Senador Roberto Simonsen;

Foto Altelino – Rua Antonieta;

Foto Barcelona – Rua Taipas, nº 360;

Foto Bossa Nova – Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 67, sala 1. Pertenceu ao fotógrafo Yogi Agata. Em 1961, Agata adquiriu o estabelecimento, que tinha uma outra denominação (Foto Kei). Como a bossa nova estava no auge na época, o fotógrafo resolveu homenagear o gênero musical. Posteriormente, vendeu o estabelecimento para o seu irmão, o fotógrafo Yoshitaka Agata. Após a venda, Yogi Agata fundou o Foto Brasília na Alameda São Caetano, transferindo-o, depois, para a Rua Oriente, nº 446. Simultaneamente, foi fotógrafo da prefeitura de São Caetano, onde ingressou em agosto de 1965 e permaneceu até aposentar-se. Nos trabalhos à frente do estúdio, Jorginho (como é carinhosamente conhecido) contou com o auxílio da esposa Inês Lisboa Agata e da filha Maria Lisboa Agata Sodré;

Foto Brasil – Rua Manoel Coelho, nº 240. O primeiro proprietário foi Juvenal França Gomes, a partir de meados da década de 1940, quando funcionava em outro endereço (Avenida Conde Francisco Matarazzo). No dia 1º de abril de 1960, Albino Tureikis adquiriu o estabelecimento, que continua, sob seu comando, em atividade;

Cine Foto Ótica Ásia – Rua Nelly Pellegrino, nº 511;

Foto Copiadora Modelo – Rua Santa Catarina, nº 89.

Pertenceu a Hugo Faria de Castro;

Foto Fernandes – Pertenceu a Newton Fernandes da Silva. O último endereço do estabelecimento foi na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 67, onde, em uma das salas, funcionou o Foto Bossa Nova. Fernandes começou a trabalhar no ramo da fotografia no final da década de 1950, quando tinha 15 anos. Além de ter possuído estúdio, registrou, durante 30 anos aproximadamente, casamentos, batizados e demais eventos ocorridos na Paróquia Nossa Senhora da Candelária;

Foto Gilberto – Rua Santa Catarina, nº 226. Ainda em atividade, o estabelecimento foi inaugurado no dia 1º de dezembro de 1961 por Gilberto Nakano, Mauro e Roberto Fukunari, no número 254 daquela rua. Tratava-se de um pequeno ateliê, que, antes de ser adquirido pelos três sócios, chamava-se Foto Buquê. A instalação no endereço atual deu-se em razão da montagem de uma ampla seção de vídeo e som, iniciando a comercialização de aparelhos das famosas marcas japonesas, além de dar continuidade aos serviços fotográficos;

Foto Gomes – Avenida Visconde de Inhaúma (nas proximidades da Praça da Figueira). Um dos estabelecimentos pioneiros do segmento fotográfico no Bairro Nova Gerty, pertenceu a Reinaldo Gomes;

Foto Guerrero – Rua Manoel Coelho, nº 552, sala 31. Iniciou as atividades em 1º de abril de 1958, com o fotógrafo Rubens Lojudice, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 74, salas 1 e 2. No dia 5 de agosto de 1969, transferiu-se para a Rua Manoel Coelho, nº 574, onde atualmente se encontra o Banco Safra. No final da década de 1980, mudou-se para o local em que atende hoje, na mesma rua, só que no número 552, sala 31. Quando houve a transferência para a Rua Manoel Coelho, em 1969, o irmão de Rubens, Renor

Lojudice, passou a trabalhar no estabelecimento, dando origem a uma parceria que permaneceu até 2006, ano do falecimento de Rubens. Renor continua em atividade, tanto à frente do estabelecimento quanto como fotógrafo na Paróquia Sagrada Família, registrando os eventos lá ocorridos, além de fotografar também os casamentos realizados no cartório da Rua Pará;

Acervo/Renor Lojudice



Fachada do Foto Guerrero, quando estava localizado no número 574 da Rua Manoel Coelho, em imagem da década de 1980. As reportagens realizadas em clubes da cidade, em ocasiões festivas e de bailes, foram uma das marcas registradas do estúdio

Foto Henmi – Rua Heloísa Pamplona, nº 503. O estabelecimento foi adquirido por Takashi Henmi na década de 1970 e continua em atividade;

Foto Ideal – Fundado em 1953, instalou-se, inicialmente, na Rua Rio Grande do Sul. Em 1962, transferiu-se para a Rua Manoel Coelho, nº 551. Pertenceu ao fotógrafo Jean Wild;

Foto Jacinto – Rua Perrella, nº 202. Pertenceu a Jacinto Raio Rodrigues. Posteriormente, estabeleceu-se na Rua Santa Catarina, nº 254, endereço no qual funcionou o Foto Buquê, adquirido, em 1961, pelos sócios Gilberto Nakano, Mauro e Roberto Fukunari. Não foi possível confirmar se era ou não o próprio fotógrafo Jacinto que comandava o estabelecimento, na ocasião;

Estúdio que pertenceu a Kastsumi Iwata – Rua Manoel Coelho, nº 653;

Foto Moderno – Rua Amazonas, nº 1.171. Pertenceu à família de Yoshica Aikawa, instalada em São Caetano em 1957;

Foto Nelson – Rua Visconde de Inhaúma, nº 215;

Nova Ideia Fotografia – Rua Ingá, nº 400;

Foto Ótica Namoto – Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira, nº 1482;

Foto Ótica Tanaka – Estrada das Lágrimas, nº 1.708;

Foto Panov – Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 193;

Foto Rovilson – Rua Nelly Pellegrino, nº 830. Pertenceu ao fotógrafo Rovilson Fidelis de Lima. O estabelecimento foi fundado na década de 1980 e encerrou as atividades há aproximadamente quatro anos;

Foto Santa Maria – Alameda São Caetano, nº 1.775. Pertenceu a Toshihiko Ueda;

Foto São Caetano – Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 67. Localizava-se no endereço em que em uma das salas funcionou, anteriormente, o Foto Bossa Nova, do fotógrafo Yogi Agata, e também o Foto Fernandes, de Newton Fernandes da Silva. A referência encontrada em relação ao Foto São Caetano é do ano de 1978, só para situar a informação;

Scobar Foto e Vídeo – Alameda São Caetano, nº 815;

Foto Studio Narciso – Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 551. Foi fundado em abril de 1952 pelo fotógrafo Narciso Batista. Desde o final da década de 1980, o estabelecimento é comandado por seu filho, Cláudio Batista. Mas seu trabalho, nesse segmento, começou alguns anos antes, no início daquela década, auxiliando o pai no ofício;

Foto Studio Nitto – Rua Manoel Coelho, nº 220. Pertenceu a Pedro Takeaki Nitta;

Foto Studio Paradiso – Pertencente a Ângelo Aletta, iniciou as atividades em espaço próprio, em novembro de 1990, na Rua Conselheiro La-

Acervo/Beth Henmi



Câmera fotográfica do início do século passado pertencente ao Foto Visconde. Embora não seja mais utilizada, é uma das marcas do estúdio, atraindo a atenção de clientes e curiosos

fayette, nº 529. Todavia, o envolvimento de seu proprietário com a área já vinha desde 1986, realizando coberturas de casamentos, tanto em termos de filmagem quanto de fotografia. Na parte fotográfica, teve como parceiro Yogi Agata, além do sócio, Osni Carrilo Martins, que permaneceu na sociedade até 1992. Tendo como foco os trabalhos de registro de eventos, prestou serviços à Agência Pritty, no período em que Tia Irany esteve em seu comando. Desde 2011, o Studio Paradiso encontra-se na Rua Oriente, nº 696, sala 1; **Foto Studio Rio** – Rua General Osório, nº 58. Pertenceu a Hiroshi Sato;

Foto Studio Suguino – Inicialmente ficava na Rua Perrella, nº 245. Transferiu-se, posteriormente, para a Rua Baraldi, nº 1.059. Foi fundado, na década de 1950, por Katsuji Suguino. Após seu falecimento, os filhos Kiokatsu, Katsunobu e Katsutoshi Suguino assumiram o comando do estúdio;

Foto Viana – Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 74, sala 2;

Foto Visconde – Rua Visconde de Inhaúma, nº 898. Em 1969, Hélio Mitsuru Henmi adquiriu o estabelecimento do fotógrafo Mário, ficando à frente do estúdio até seu falecimento, em 1995. Após o ocorrido, seu filho Micael Henmi e sua esposa, Beth Henmi, assumiram o comando do estabelecimento. Micael foi também fotógrafo da então Diretoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul. O Foto Visconde continua em atividade no mesmo endereço;

Foto Vitória – Avenida Senador Roberto Simonen. Pertenceu a João Kuruchi.

NOTAS

¹ Fotógrafo Jacinto R. Rodrigues. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano III, n. 56, p. 2, 22 ago. 1948.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anuário de São Caetano, nº 2. São Caetano do Sul, 1978.
 CALDEIRA, João Netto. *Album de São Bernardo*. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul, 1937.
 Guia Becepel do ABC, s.d.
 Guia do ABC: Editora Guiar, s.d.
 Guias de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 1979/1980; 1982/1983; 1996; 1997/1998; 1999/2000;
 Isto é São Caetano. São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1952.
 Quem é quem no Grande ABC. Santo André; São Paulo: Teucro Ltda., 1971.
 Roteiro das boas compras: Informativo ABC e Grande São Paulo, 1997.

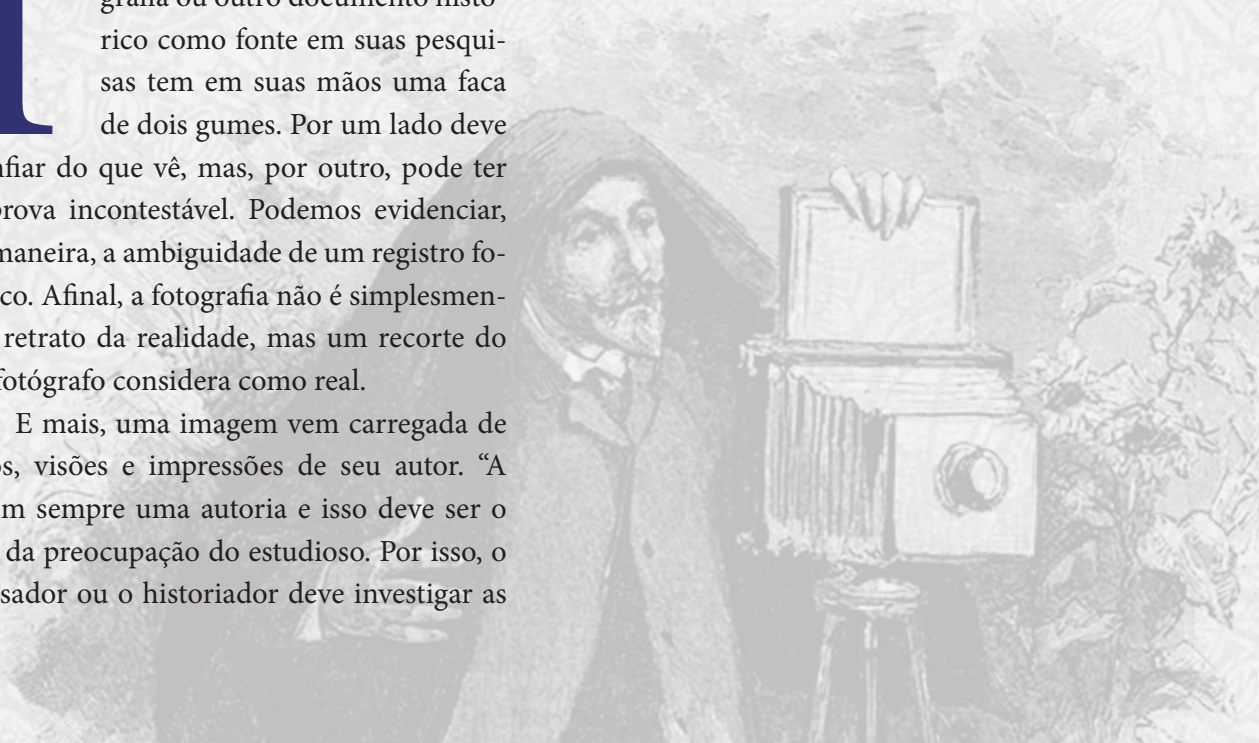
Priscila Gorzoni

O ENCONTRO DA FOTOGRAFIA COM A HISTÓRIA

“AS FOTOGRAFIAS DEVEM SER CONSIDERADAS PELOS HISTORIADORES DA MESMA FORMA QUE OUTRA PROVA QUALQUER, AVALIANDO MENSAGENS QUE PODEM SER SIMPLES E ÓBVIAS OU COMPLEXAS E POUCO CLARAS. NUNCA CONTÊM TODA A VERDADE E MUITAS VEZES SE LIMITAM A REGISTRAR ASPECTOS VISÍVEIS, DE MATÉRIA-PRIMA A SER ELABORADA”, LEMBRA A HISTORIADORA MIRIAM MOREIRA LEITE.

Todo historiador que usa a fotografia ou outro documento histórico como fonte em suas pesquisas tem em suas mãos uma faca de dois gumes. Por um lado deve desconfiar do que vê, mas, por outro, pode ter uma prova incontestável. Podemos evidenciar, desta maneira, a ambiguidade de um registro fotográfico. Afinal, a fotografia não é simplesmente um retrato da realidade, mas um recorte do que o fotógrafo considera como real.

E mais, uma imagem vem carregada de códigos, visões e impressões de seu autor. “A foto tem sempre uma autoria e isso deve ser o centro da preocupação do estudioso. Por isso, o pesquisador ou o historiador deve investigar as



condições do autor. Considerando, por exemplo, quando o fotógrafo é do sexo masculino, pois uma mulher buscaria outras imagens a serem focadas”, ressalta Pedro Paulo Abreu Funari, bacharel em história, mestre em ciências sociais, doutor em arqueologia, sempre pela Universidade de São Paulo (USP), professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisador do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte da Unicamp e coordenador do Centro de Estudos da universidade. Portanto, é preciso desconfiar do que uma imagem mostra.

As fotografias são representações do real, símbolos visuais que, para serem compreendidos, precisam ter seus contextos conhecidos. Se não dominamos os códigos sociais de determinada sociedade, não conseguimos absorver com clareza o que suas imagens querem dizer. Por isso, antes de analisarmos uma fotografia, devemos ler muito sobre seu contexto histórico e social. Funari explica: “A foto de um escravo, por exemplo, só adquire sentido se for para estudiosos que tratam do caráter escravista da sociedade, assim como sobre as ocupações dos escravos naquele momento”.

A ideia da leitura de imagens surgiu entre os anos 1920 e 1930. E autores como o historiador inglês Peter Burke consideravam importante ler as imagens usando os mesmos requisitos dos da leitura e análise de documentos. Para ele, as imagens só podem ser compreendidas levando-se em conta os contextos social e cultural de onde foram retiradas. Elas não são nem um reflexo da realidade social, nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos.

Apesar de muitas dúvidas sobre a importância de seu uso, as imagens sempre têm algo a acrescentar que os documentos deixam escapar, elas mostram o ponto de vista das classes menos privilegiadas. No entanto, muitas vezes elas são

ambíguas e polissêmicas, portanto o historiador deve ler as imagens em suas entrelinhas. “O pesquisador deve usar a fonte fotográfica com o mesmo cuidado com que trata as outras fontes: com suspeita e senso de oportunidade, ao mesmo tempo. Há manipulações que devem ser buscadas e esclarecidas, assim como as limitações. Por exemplo, há muitas fotos da elite e poucas do povo”, explica Funari.

O interesse da fotografia como documento histórico deu-se após a Segunda Guerra



Acervo/ Pedro Paulo Funari

Mundial, com as fotos do combate e de outros conflitos. Isso se intensificou a partir da década de 1960 e da explosão das revistas ilustradas com fotografias. “A partir do mundo digital, tudo passou a ser fotografado, de modo que, hoje, o principal desafio é escolher uma imagem entre as milhões que aparecem no mundo virtual. A maioria desaparece em 48 meses”, relata o professor.

Após a Segunda Guerra Mundial, alguns momentos se tornaram chaves para a fotografia usada como fonte de pesquisa. Funari destaca alguns deles: as fotos de Robert Capa, que exibem as brutalidades das guerras, desde a década de 1930, e que mostram o valor desse tipo de registro para o historiador; a profusão de imagens desde a revista *Life*, que se popularizou após

Pedro Paulo Abreu Funari é bacharel em história, mestre em ciências sociais, doutor em arqueologia, pela Universidade de São Paulo (USP), professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisador do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte da Unicamp e coordenador do Centro de Estudos da universidade

aquele grande conflito, mostrando outro resultado das imagens. E por fim, a multiplicação de fotos do nosso mundo digital, mas ao mesmo tempo efêmero, pois as imagens hoje não duram muito.

A fotografia pode ajudar muito o historiador, pois oferece informações que não existem em documentos escritos. “As fontes fotográficas foram determinantes, por exemplo, para o estudo dos crimes de guerras nazistas. As fotos também servem para registrar os costumes indígenas, como fizeram os irmãos Villas Boas e Darcy Ribeiro e sua esposa, Berta. Podem, portanto, render ótimos frutos”, lembra Funari.

Após a Segunda Guerra Mundial, alguns momentos se tornaram chaves para a fotografia usada como fonte de pesquisa.

No entanto, é preciso estar atento a alguns pontos como a manipulação das fotografias. Um exemplo é o caso de Stalin, que manipulou fotos para eliminar os seus inimigos. A iconografia também é muito sujeita a alterações e, modernamente, ao *Photoshop*.

No caso do próprio historiador ou pesquisador ser o autor das fotos a atenção deve ser redobrada. “Ele deve atentar para sua própria subjetividade. Até mesmo o estudioso escolhe o ângulo, a distância e tudo o mais, de modo que ele deve ser muito cuidadoso ao fotografar, sabendo que sempre está presente na foto (ao determinar o que deve aparecer)”, lembra Funari.

No Brasil, as maiores referências na historiografia da fotografia brasileira foram Boris Kossoy, Ana Maria Maud e Solange Ferraz de Lima. Em 1990, Kossoy trouxe à discussão temas como o filtro cultural, teoria na qual são criadas diversas realidades a partir da fotografia. Segundo ele, mesmo com o duplo sentido da fotografia, por ser uma cena do passado e a visão de mundo do autor, ela é ainda uma possibilida-

de de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural.

Para trabalhar com essa fonte, o historiador deve pesquisar a procedência do documento histórico, reconstituir o processo que gerou o artefato, determinar os elementos que compõem o registro visual, verificar os pontos de repetição das fotos e conferir a história e trajetória do autor da foto.

Kossoy sugere que o historiador siga um roteiro ou uma ficha da fotografia contendo as seguintes informações: referência visual do documento (detalhes, frente, verso, aparência, etc), procedência do documento (código de referência, origem da aquisição, tipo de aquisição, coleção), conservação do documento (estado atual de conservação, condições físicas, condições ambientais), identificação do documento (assunto, autor, tecnologia), informações referentes à foto (assunto, época, características detalhadas da imagem), informações referentes ao autor (nome, origem do autor, tempo, data, tipo de montagem, características de estilo), informações referentes ao processo da fotografia (equipamento, suporte, processo fotográfico, textura da superfície, tonalidade da foto).

Apesar de todos esses pontos a fotografia é uma ótima fonte de pesquisa, pois amplia muito os objetos a serem analisados. Para Funari, há muitas informações que só aparecem em uma imagem, como a beleza de uma situação concreta, de uma pessoa, planta ou animal. Tudo isso transcende o que se encontra em um documento escrito. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
 CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.
 BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
 GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
 KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Autêntica Editorial, 2003.
 BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
 KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: Edusc, 2002.
-

PRISCILA GORZONI

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, CIENTISTA SOCIAL PELA USP, E ADVOGADA PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. É ESPECIALISTA EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP E É MESTRANDA EM HISTÓRIA PELA PUC/SP. ATUALMENTE É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.



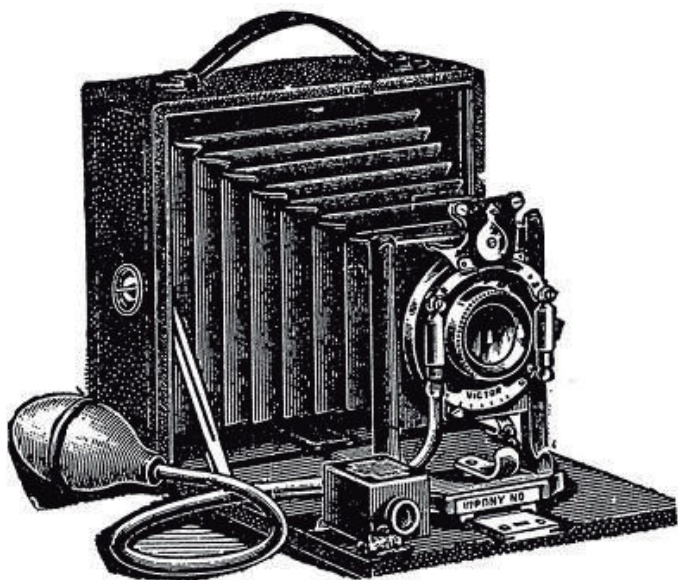
São Caetano
1m²
de área verde por habitante
Município de São Caetano

CHEVROLET
CONTE COMIGO
PRESERVA ESTA ÁREA

Monumento dedicado às Mulheres, foto de Daniele Rosa, participante do Concurso São Caetano em Foco, em 2004
Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Neusa Schilaro Scaléa

FOTOGRAFIA: O QUE MUDOU



“A fotografia
não se tira.
Se faz.”

Ansel Adams

Em contato com estudantes dos últimos anos do ensino fundamental, em visita a uma mostra de fotografia, ao ser colocada a questão: “O que é fotografia?”, a resposta única que surgiu do silêncio foi: - “Fotografia é *Photoshop*!”. Uma resposta, no mínimo, aterradora para qualquer fotógrafo, que sempre estará pensando em termos de retenção da imagem. Ou do referente, como nos diz Arlindo Machado. Sem o referente, não há fotografia. Não havia fotografia.

O que se faz com, e no mais famoso dos programas de manipulação de imagens, pode ser chamado de fotografia? A resposta é negativa no sentido de que fotografia é registro, e, portanto, exige a existência de um referente. O programa da Adobe não apenas transforma o referente como pode anulá-lo, transcendendo-o. Paradoxalmente, a disputa entre o visível e o invisível, entre o que a câmara registra e ao que subjacentemente induz, leva à conclusão de que a fotografia é ambivalente: registro, suporte, objeto de arte.

Tecnicamente, o que é fotografia? É o registro das emanações de luz dos objetos. Ou seja, todos os objetos existem aos nossos olhos porque emitem ou refletem a luz. Alguns mais intensamente, outros menos, assim criando a possibilidade do registro fotográfico.

Louis Daguerre² registrou na Academia Francesa seu invento em 1839, mas, alguns anos antes, pesquisadores incansáveis já capturavam imagens. Ingleses, alemães, belgas, americanos e um franco-brasileiro – Hercule Florence – conseguiram por diferentes métodos e materiais aprisionar a imagem em um suporte e torná-la visível, capturando o momento, o instante imoto, suspenso. Um conjunto ótico (lentes) qualificava os raios luminosos criando a imagem perfeita, refletida em um fundo neutro. Em princípio essa forma “mecânica” de retratar pessoas, criou antagonismos, susto e prejuízos, pois muitos pintores (chamados pintores de ofício), que faziam retratos por encomenda, começaram a perder clientes encantados pela novidade.

Nesse momento, o mais famoso fotógrafo foi sem dúvida Félix Nadar³, que, até a pri-

meira década do século 20, manteve seu famoso estúdio fotográfico em Paris (França).

Não era por acaso que as fotografias eram denominadas “instantâneo” ou “pose”⁴. Mas tudo isto é outra história, que fica para uma próxima vez. Por ora, ficamos com as mudanças mais acentuadas que têm ocorrido em anos recentes.

As emanações de luz dos objetos eram de início, nos primórdios da fotografia, fixadas em uma chapa impregnada de colódio, prata, albúme e outros metais ou derivados, e devidamente tratadas com soluções de amônia, hipossulfito de sódio e outros compostos químicos. Mais tarde, o suporte passou a ser o acetato, mas também por meio da prata e banhos químicos. Por volta de 1884, a criação do negativo fotográfico foi outro importante passo para o desenvolvimento da fotografia. O filme, inserido na câmara vedada, à prova de entrada de luz, captava a imagem no acetato. Posteriormente essa imagem era ampliada e projetada em um papel quimicamente tratado (papel fotográfico), que, por sua vez, recebia banhos químicos para resultar na imagem positiva, ou seja, como a vemos.

MAS O QUE MUDOU?

Atualmente, essas emanações de luz são transformadas em bits e armazenadas em um cartão eletrônico de leitura computadorizada.

Portanto, o que transformou de forma contundente a captação de imagens – simplificando-a enormemente – foram os procedimentos digitais (dígitos binários ou bits são usados como referência: unidade básica da informação).

A primeira experiência em processos digitais de captação de imagem vem de 1975, quando o engenheiro Steven Sasson, trabalhando na Eastman Kodak, conseguiu gravar uma imagem por meio de um dispositivo denominado CCD (Charge Cupled Device), convertendo a imagem ótica em um sinal eletrônico. Ironicamente essas pesquisas nos laboratórios da KODAK Co. qua-

Árvore no
inverno.
Foto de 2013
Foto/ Neusa Schilaro Scaléa



Handwritten text on the right edge of the page, including the name "Paula" and the number "808".

Handwritten text at the bottom right corner, including the number "808" and the name "Paula".

se levaram a empresa à falência, pois ela era a maior produtora mundial de filmes químicos e papéis fotográficos.

Rapidamente esse processo foi recebendo os benefícios de boas pesquisas e novos materiais, transformando radicalmente a maneira de captar imagens e realizando o grande sonho de George Eastman⁵ – o inventor e desenvolvedor de procedimentos mais simples de fotografar –, cujo ideal era o de popularizar de tal forma as câmeras fotográficas, e, por consequência, o filme fotográfico, possibilitando que até uma criança conseguisse fotografar.

Este também era o sonho de outros “sonhadores” que preconizavam a fotografia sem câmera. Bem, não se pode dizer que um *smartphone*, um *Ipod*, um telefone celular não são câmeras fotográficas, mas também não se pode dizer que o sejam.

A facilitação e o imediatismo propiciados pelos registros digitais ou memórias em pixels ou bytes são apenas formas recentes de obter, reter e descartar rapidamente esses mesmos registros sem nenhum sentimento de perda daquilo que está presente e, de imediato, torna-se inútil e sem sentido no enorme mundo transbordante de imagens. Quem é o fotógrafo do presente? Todos são autores e personagens de seus próprios registros imagéticos.

Em uma simples festinha de aniversário, pode-se ver todos os participantes fotografando-se uns aos outros, enquanto imagens são apresentadas em uma tela enorme, para qual poucos olham, pois estão mais entretidos em captar-se, fotografar-se!

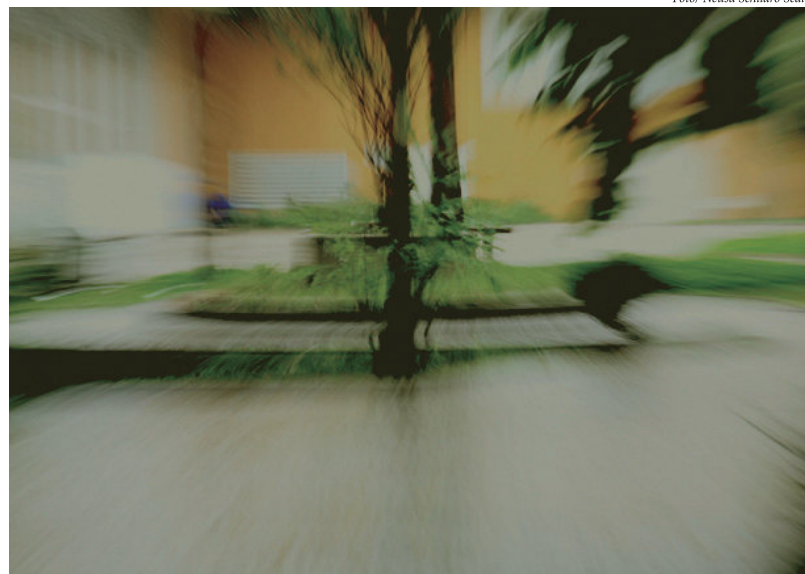
E onde levará essa sede insaciável de registro, sem seleções ou recortes? Não há respostas. Mas talvez exista uma quando a pergunta é: por que se fotografa tanto?

Primeiro, há que considerar que a facilidade vai ao encontro da natural preguiça, indu-

zida pela ausência de botões, pelo tamanho reduzido e de grande portabilidade dos aparelhos, mas, e principalmente, pela mesma e tão anterior vontade de guardar o momento presente, reter no tempo e no espaço a comprovação de existência, de ser, de ter estado, em um movimento ilusório de preservação. Sem contar o poder do exibicionismo, em um tempo previsto por Andy Warhol⁶. Fotografa-se por uma vaidosa vontade de chegar, como imagem, e pertencer ao grande mundo imaginário de figuras imutáveis e transcendentais.

Portanto, as mudanças da fotografia, por mais intensas e importantes que tenham sido, não são tão assustadoras como pareceram à primeira vista aos fotógrafos, nem tão inovadoras como querem os mais recentes. Para os amadores avançados e os fanáticos por fotografia, a digitalização não implica em desprezo pelos métodos manuais e químicos de captação e reten-

As mudanças da fotografia, por mais intensas e importantes que tenham sido, não são tão assustadoras como pareceram à primeira vista aos fotógrafos, nem tão inovadoras como querem os mais recentes.



Jardim da Fundação Pró-Memória sob a chuva em janeiro de 2013

Foto/ Neusa Schilaro Scal



Posentia em 2013

Foto de uma posentia alterada no programa *Photoshop* em 2013



ção de imagens, ou seja, um não anula o outro. Para o profissional conhecedor dos procedimentos, tanto de laboratório como das qualificações óticas e técnicas, os processos digitais trazem inúmeros benefícios. Para o amador, como já comentamos, as facilidades são ainda maiores.

Consideramos a fotografia pelo que ela nos traz de informação. Mas é notável o grau de perda de informação que a imagem sofre nas constantes manipulações, nos aparatos tecnológicos atuais. Lembremo-nos que isso não é novo, sempre houve registros de melhor ou pior qualidade técnica, em razão dos equipamentos e materiais. Sempre se manipularam imagens, muitas vezes em laboratórios e com grande maestria, retirando das fotografias seres, locais e detalhes indesejados.¹ Só essas observações dariam para um bom compêndio ou várias horas de bate-papo entre historiadores e fotógrafos. E, nesse âmbito, também se pode abordar a importância da fotografia nos arquivos históricos. E como se dará sua permanência nos arquivos digitais, quando sabemos que é tão precoce a obsolescência e as transformações que sofrem essas mídias⁷.

A fotografia, já idosa, não se esgota, absorve e muda de roupagem, adquire outro invólucro, usa novos aparatos e continua cativando o ser humano, em seu desejo secreto de guardar o momento presente, eternamente.

A fotografia está indelevelmente relacionada ao tempo, à história e ao ser humano, que a propõe ou dela faz parte. Está sempre no tempo passado, tentando uma permanência impossível. Sem dúvida encontramos consolo nas palavras de Walter Benjamin, que afirma que a fotografia oferece “uma beleza nova naquilo que está desaparecendo”.

A fotografia transforma o passado em objeto de carinhoso respeito, confundindo diferenças morais e desarmando julgamentos históricos, através do patético generalizado que é olhar para o tempo passado. (SONTAG, 1981:70). **R**

GLOSSÁRIO DIGITAL

Pixel: É o elemento básico da imagem, ou seja, é a menor porção de imagem que pode ser manipulada no computador. Um grupo de 8 bits é vulgarmente chamado 1 byte, mas, historicamente, o tamanho do byte não é estritamente definido.

Profundidade de pixel: Trata-se de um dos atributos do pixel. A profundidade está relacionada à capacidade de representação de cores: 1 bit equivale a duas cores, branco ou preto; 8 bits equivale a 256 cores, na escala de cinzas; 24 bits são equivalentes a 8 bits R + 8 bits G + 8 bits B = 16,7, o mesmo que milhões de cores.

PDF: Formato de arquivo o qual permite representar imagens vetoriais e BitMap. Sua aplicação é muito difundida na preparação de catálogos, folhetos e manuais digitais. É o formato de arquivo de imagem desenvolvido pela Adobe.

JPEG: Extensão de arquivo que utiliza uma compactação com perda de informação. Tal formato foi desenvolvido por uma comissão de profissionais da área fotográfica denominada Joint Photographic Experts Group.

Serrilhado: Efeito indesejável que surge em imagens de baixa resolução, também conhecido como pixelação. Neste efeito é possível observar os pixels (“quadrinhos”), devido à falta de definição.

TIFF: Formato de arquivo digital no qual as informações são gravadas em formato de BitMap. O formato TIFF permite a utilização dos espaços de cor RGB e CMYK, sendo um dos mais utilizados no processo digital.

DPI: Pontos por polegada. Refere-se à quantidade de pixels que estão dispostos em uma polegada. Por exemplo, impressão a 300 DPI, refere-se a acondicionar 300 pixels em uma polegada. Caso tenhamos um arquivo de 1800 x 1200 pixels, teremos uma imagem impressa a 6 x 4 polegadas, ou seja, 15 x 10 cm.

CCD: Charged Coupled Device (Dispositivo de Carga Acoplada). Trata-se de um dispositivo eletrônico, sensível à luz, o qual converte a energia luminosa em cargas elétricas. O CCD pode ser de área, ou seja, com duas dimensões (X/Y), ou em forma de linha.

Balanco de Branco: Recurso de correção disponível em câmaras digitais e de vídeo, destinado a pré-ajustar o equipamento em relação à iluminação utilizada (fluorescente, incandescente, dicroica etc).

NOTAS

¹ Photoshop é marca registrada da empresa Adobe Systems Software. Uma empresa produtora de aplicativos e programas de computador.

² Daguerre (Louis Jacques Mandé Daguerre) já pesquisava como registrar imagens quando, em 1829, associou-se a outro pesquisador, Joseph Nicéphore Niépce, que depois faleceu sem concluir seus trabalhos. Em 17 de agosto de 1839, Daguerre registrou no Instituto de France o daguerreótipo, cuja patente vendeu ao governo francês. Essa divulgação fez com que, por alguns anos, fosse considerado o inventor da fotografia, fato que só em parte é verdadeiro, tendo sido o sócio Niépce o responsável por maior parte das pesquisas e experimentações que levaram ao advento do chamado daguerreótipo. É digno de registro que ainda hoje há exemplares de daguerreótipos em museus e coleções particulares.

³ Félix Nadar é o pseudônimo de Gaspard-Félix Tournachon, fotógrafo, caricaturista e jornalista francês que viveu entre 1820 e 1910. É lembrado não só pela qualidade de seus trabalhos – muitos até hoje preservados em museus –, mas também pelas inovações que desenvolveu em seu ateliê e porque, em abril de 1874, cedeu o seu estúdio de fotografia a um grupo de pintores (Monet, Renoir, Pissarro, Sisley, Cézanne, Berthe Morisot e Edgar Degas), em um tempo em que o movimento denominado impressionismo era rejeitado pela crítica, o que lhes possibilitou apresentarem a primeira exposição “impressionista”, sem ser no Salon des Refusés (Salão dos Recusados, da Academia Nacional de Belas Artes).

⁴ Instantâneo ou pose são termos que passaram a ser usados mesmo depois que novos materiais e avanços mecânicos e óticos foram incorporados às câmeras. Devido a questões técnicas acerca dos equipamentos, como sensibilidade do filme ou da chapa fotográfica, as pessoas ao serem fotografadas deveriam ficar imóveis, ou seja, fazendo pose. A palavra instantâneo designava uma foto tomada sem pose, ou seja, supostamente espontânea ou em movimento. O mesmo se deu com as expressões retrato (a imagem no sentido vertical do quadro) e paisagem (recorte da imagem na horizontal), termos advindos da pintura clássica e ainda hoje utilizados para designar como se pode usar uma folha de papel nas impressoras, por exemplo.

⁵ George Eastman, quando jovem, largou um emprego estável de auxiliar em um escritório para fazer fotografia. Tanto se dedicou às pesquisas em sua própria casa, que conseguiu modificar a verdadeira parafernália utilizada para fazer fotografias, simplificando as câmeras e os filmes. Para produzi-las fundou a empresa britânica Eastman Kodak, com tanto sucesso que, em alguns anos, conseguiu doar alguns milhões de dólares para a Universidade de Oxford, que ele próprio não havia frequentado. Anteriormente, fazer-se fotografar era dispendioso, só pessoas que se destacavam socialmente, ou endinheirados, podiam pagar para serem imortalizados em uma fotografia. Uma câmera portátil, com material sensível que seria revelado pelo laboratório da empresa fabricante e devolvida com as fotos e um novo filme, com baixo custo, tornou o acesso à fotografia muito mais fácil, na primeira vintena do século 20.

⁶ Andy Warhol foi um artista plástico norte-americano que agitou os meios artísticos com a Pop Art. Incorporava materiais e técnicas da cultura de massa ao seu fazer artístico. É bastante conhecido não só pelos trabalhos com latas de sopa ou fotos de celebridades que se repetem em cores chapadas, mas por preconizar que “no futuro todos terão 15 minutos de fama”.

⁷ Mídia é o conjunto das tecnologias, no registro de informações, como em impressos, CDs, DVDs, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1980.
 BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da Desaparição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/M-Imagem, 1997.
 BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
 BERGER, John. *About looking*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1980.
 DUBOIS, Philippe. *O ato Fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus, 1994.
 KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
 MOURA, Carlos Marcondes Eugênio de (org.). *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983.
 REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, *Fotografia*, nº 27, IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 1998.
 SONTAG, Susan. *Ensaio sobre Fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SITES PARA CONSULTA

- <http://aulete.uol.com.br/midia#ixzz2clcfdqEl>
<http://www.photographia.com.br/fotograf.htm>
www.poppphoto.com
<http://www.cotianet.com.br/photo/hist/maddox.htm>

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

EXPEDIÇÕES FOTOGRAFICAS



A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul lançou, em 2013, o projeto *Expedições Fotográficas: um novo olhar sobre o Bairro*, realizado durante as edições do programa *Prefeitura Perto de Você*, que visa ao oferecimento de diversos serviços municipais aos moradores de São Caetano do Sul.

O objetivo do projeto é fazer com que, por meio da fotografia, os moradores da cidade conheçam melhor o espaço que habitam, valorizem as características locais, reforçando, desta forma, uma das missões da Fundação Pró-Memória: a de criar laços entre a população e seu bairro,

sua cidade. Para isso, no dia do *Prefeitura Perto de Você*, os interessados se reúnem em frente ao estande da instituição, munidos de máquina fotográfica, celular ou outro instrumento que tire fotos. Orientados por funcionários da entidade, eles percorrem um roteiro sugerido pelo bairro, durante o qual têm total liberdade de fotografar o que desejarem.

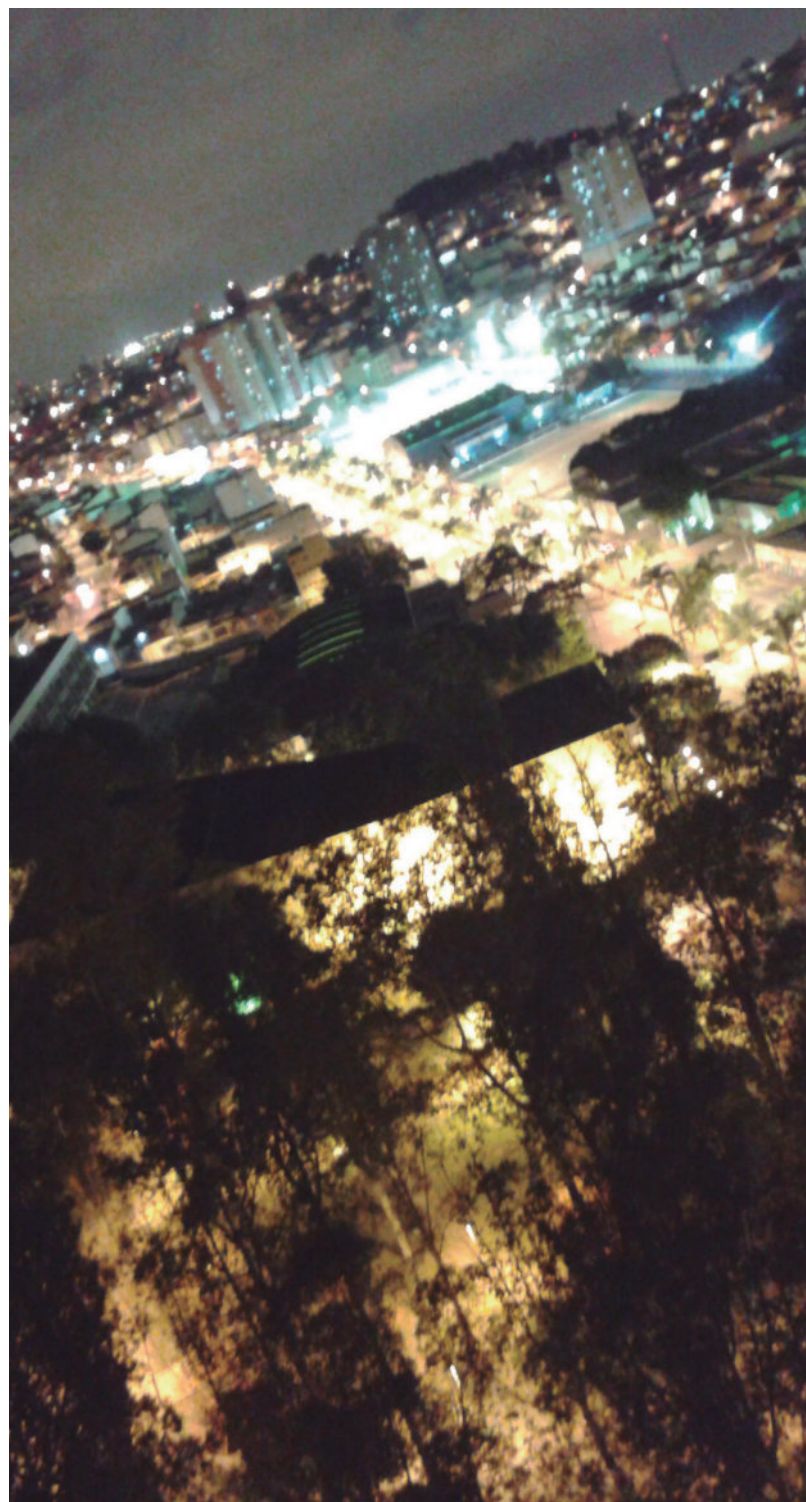
Nesta seção, reunimos uma parte das imagens captadas pelos moradores que participaram do projeto *Expedições Fotográficas* em diversos bairros da cidade, com a intenção de, dentro do tema principal desta edição de *Raízes*, mostrar a cidade, hoje, pelo olhar de seus moradores.

Área verde
do Espaço
Cerâmica, no
Bairro
Cerâmica
HEITOR
SERRA BEZZI





Estátua de São Caetano, no Espaço Verde Chico Mendes, no Bairro São José
MARIA EDITE RIBEIRO



Vista aérea de uma parte do Bairro Olímpico
DÉBORA POPLAWSKI



Chaminés das Indústrias
Reunidas Fábricas
Matarazzo vistas do
Complexo Viário
Prefeito Luiz Tortorello,
no Bairro da Fundação
ANDERSON
MARTINS REIS



Estátua do Padre
Cícero em praça
do Bairro Nova Gerty
NATÁLIA
CHAVES FREITAS

Monumento localizado
no Bairro Olímpico
THUANY TONON
LEOPOLDINO



Fachada da
EMEI João
Barile, no
Bairro da
Fundação
TERUO
FUJITA



Praça Morais
Sarmento, ao
lado da Rua
Antônio de
Andrade, no
Bairro
Cerâmica
HEITOR
SERRA BEZZI



Flores nascem
em jardim de
casa do Bairro
Olimpico
NATHALLY
TONON
SALVIANO



Rua Humberto
de Campos, no
Bairro São José
NATÁLIA
CHAVES
FREITAS



Parque
Catharina
D'Agostini
Scarpato, no
Bairro São José
NATÁLIA
CHAVES
FREITAS



Avenida
Presidente
Kennedy, no
Bairro
Olímpico
DÉBORA
POPLAWSKI

Sede da A.D.
São Caetano,
na Avenida
Fernando
Simonsen, no
Bairro São José
HEITOR
SERRA BEZZI





Campo de
futebol do
Estádio
Anacleto
Campanella,
no Bairro
Olimpico
SARA
REGINA O.
TONON

Campanário
da Paróquia
São Bento, no
Bairro Olimpico
HEITOR SERRA
BEZZI



Fachada do Museu Histórico Municipal, um dos braços de atuação da Fundação Pró-Memória, no Bairro da Fundação NATÁLIA CHAVES FREITAS



Ângulo do final da Rua Mariano Pamplona, onde observa-se parte da fachada das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, no Bairro da Fundação MARIA EDITE RIBEIRO





'Bairro Barcelona –
Vista da Vila
Prosperidade', foto de
Marcos Eduardo Mas-
solini, participante do
Concurso São Caetano
em Foco, em 2004.
Ao fundo, destaque
para o templo da
Igreja Ortodoxa
Ucraniana Paróquia
São Valdomiro,
na Rua dos Ucrânicos
*Acervo/Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul*

RINSERBOR:

A PRIMEIRA LOJA DE PRODUTOS DE BORRACHA DO ABC



Foto: Sérgio Rienzo

O título não veio à toa. Foi a primeira loja na região do ABC a vender esse tipo de mercadoria, tanto para o uso doméstico como para o industrial. “Meu tio e meu pai, Luis e Enzo Rienzo, criaram a loja. Meu pai veio de São Paulo e eu era pequeno quando cheguei a São Caetano. Todos nós somos da capital. Chegamos por volta de 1953 e a loja foi aberta em 1956”, lembra Sérgio Rienzo, 60 anos, proprietário da Rinserbtor.

Na década de 1960, diversas grandes indústrias instalaram-se no ABC, entre elas, montadoras de veículos. Além da General Motors, inaugurada em São Caetano em 1930, a região recebeu a Volkswagen em 1959, e a Ford, em 1967, ambas em São Bernardo do Campo. Este *boom* industrial chamou a atenção dos irmãos, que enxergaram uma boa oportunidade para a venda da borracha.

As empresas careciam de botas, luvas, capas, aventais e outros acessórios, feitos a partir da matéria-prima, para serem usados nas fábricas. Enfim, toda a linha de produtos que atendessem à indústria, tanto na área operacional

Quem entra na loja Rinserbtor, localizada na Rua Baraldi, nº 561, Bairro Centro, fica perdido no meio de seus 1.600 metros quadrados e 45 mil produtos diversos, que vão da linha doméstica, pet, parafusos até correias especiais. É difícil imaginar que uma loja tão variada, no início, vendia apenas artigos de borracha e, por isso, até os dias de hoje é conhecida como “Rei da Borracha”.



Sérgio, com apenas 3 anos de idade, nas dependências da loja. Foto de 1958



Sérgio Rienzo, proprietário da Rinserbor, em foto atual

quanto na técnica, era bem-vinda. “Atendíamos a esse setor, e, paralelamente a isso, com o desenvolvimento automobilístico na região, também passamos a trabalhar com a linha automotiva, com produtos como correias de automóveis, tapetes e guarnições. Tínhamos também uma linha doméstica, que oferecia borrachas de panela de pressão, tapetes para banheiro, luvas, entre outros”, lembra Rienzo.

Inicialmente Luis e Enzo eram sócios na Rinserbor, mas o pai de Sérgio acabou comprando a parte do irmão no estabelecimento. “Meu tio tinha uma loja de borrachas na Rua Timbiras, em São Paulo, que logo mudou para a Rua Florêncio de Abreu. A nossa família tem a tradição de trabalhar com borracha. Na década de 1960, o meu tio Luis, com seus irmãos, montou uma fábrica chamada Brasilbor, que começou em Moema e depois se transferiu para Diadema. Também tive primos que abriram lojas nessa área, no Bairro do Belenzinho”, conta o proprietário.

Nos anos 1960 investir nesse ramo era um bom negócio. Por isso, a Rinserbor deu certo. Mas muita coisa mudou desde o seu nascimento, uma delas foi a sua localização. Quando foi

inaugurada não ficava na Rua Baraldi, onde está atualmente, mas sim na Rua Amazonas. “Esperamos um ano para o prédio atual ficar pronto. No início a loja se chamava Enzo Rodolfo Rienzo Ltda, que era o nome do meu pai.”

O estabelecimento teve, primeiramente, o nome fantasia O globo das borrachas e, depois, Produtos de borracha e ebolite (tarugos sintéticos de borracha endurecida, usados para fazer peças contra o ácido). “Com o tempo o ebolite foi substituído pelo nylon e a Rinserbor se abriu para novos produtos.”

Mas não foi só Sérgio que acompanhou a evolução da loja. Gilberto Tibúrcio, 41 anos, é gerente da Rinserbor desde os seus 16 anos e vivenciou todas as suas renovações. Quando

chegou de Pernambuco não conhecia nada na região e a loja foi a sua porta de entrada em São Caetano. “Nasci em Olinda, e cheguei a São Paulo em 1987. Morei durante um tempo na Vila Bela, em São Paulo, e iniciei meu trabalho na loja em agosto do mesmo ano. Meu contato com o estabelecimento foi por meio da indicação de um amigo que lá trabalhava. Ele jogava bola comigo e um dia perguntei se havia vaga na loja. Cheguei a morar um tempo em uma das casas que ficavam no quintal da Rinserbor. Casei-me e tive os meus três filhos aqui”, conta o gerente.

Paixão pela borracha - A história de Sérgio Rienzo está intimamente relacionada à Rinserbor e à cidade de São Caetano do Sul. Ele acompanha a rotina da loja desde os 5 anos de idade e foi lá que descobriu sua aptidão para os negócios. Ele se lembra até hoje do dia em que assumiu a loja. “Quando eu tinha 17 anos, meu pai ficou doente e eu tive de assumir tudo durante sua ausência. Desde pequeno aprendi a sentir o cheiro de borracha e a gostar dele. Eu ficava na loja vendo o

meu pai trabalhar e aprendia o ofício. Estudava e o ajudava, e assim fui desenvolvendo o conhecimento do produto e da área comercial. Não tem segredo, para mexer com a borracha é preciso gostar e conhecer, pois é um produto bem específico. Como vou buscar o material em empresas que a produzem, acabo aprendendo um pouco como ela é confeccionada. Assumi a loja oficialmente quando meu pai faleceu, em 1984”, relembra Rienzo.

O proprietário tem mais duas irmãs, mas apenas ele se interessou pela Rinserbor. “Até hoje eu me lembro de quando era pequeno e ia visitar com o meu pai outras lojas da cidade na época do Natal. Uma loja em especial, que não existe mais, marcou a minha memória. Era a Casa Vincenzi. Eles costumavam montar um presépio na vitrine e isso, há 50 anos, era algo fantástico. A cidade era bem familiar e amistosa, para se ter uma ideia, quando um filme estreava no Cine Vitória, que pertencia à família Dal’Mas, eles nos mandavam convites”, recorda. (Priscila Gorzoni) **R**

A fachada da loja, localizada na Rua Baraldi, nº 561, Bairro Centro, em foto tirada na década de 1990



Paulo Alves da Rosa

ARESM COMEMORA 50 ANOS DE HISTÓRIAS E CONQUISTAS

A Associação Recreativa e Esportiva dos Servidores Municipais (Aresm) completou, no mês de outubro de 2013, 50 anos de história, transformações e conquistas, muitas conquistas. Uma trajetória que está estritamente relacionada à da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Quando o município foi instalado, em 3 de abril de 1949, eram apenas meia dúzia de funcionários, herdados da cidade-irmã, Santo André, para dar início às suas atividades.

Porém, desde o seu primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, a cidade cresceu de forma espantosa, ampliando os seus serviços e, conseqüentemente, o número de funcionários municipais, aumentou na mesma proporção.

Mudança:
posse de
nova diretoria,
em 1996,
marcou início
de nova fase
na trajetória
da associação



Acrivo/Alexandrina Moratto



Arquivo/Alexandrina Moretto

A cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, foi escolhida para a primeira viagem com os associados

Assim, já na gestão do segundo prefeito, Anacleto Campanella, os servidores da prefeitura resolveram se organizar para poder reivindicar melhores condições de trabalho e salários mais dignos para a classe. Foi então que todos os funcionários foram convocados para uma assembleia geral, realizada na Câmara Municipal, no dia 28 de outubro de 1963. Na ocasião fundou-se a Associação dos Servidores Municipais de São Caetano do Sul, sendo eleita a primeira diretoria, presidida por Rafael Daniel Filho, e o conselho deliberativo, com Delfe de Paula Coelho na presidência.

A primeira atividade da associação foi oficiar a Câmara Municipal para acompanhar o andamento do processo de reajuste dos salários dos servidores daquele ano. Já em 1964, foi realizada a primeira campanha para ampliar o quadro associativo. No mesmo ano, houve um acordo entre o prefeito e a Câmara Municipal para inclusão no orçamento de verba para aumento de 100 por cento aos servidores municipais.

Em 27 de outubro de 1965 foi eleita a segunda diretoria, presidida por João Batista Pinto. Dois anos depois, em 1967, foi escolhido o novo grupo de dirigentes, tendo como presidente Sidnei Vicário

Moreno, que seria reeleito em outubro de 1969.

Em 1971, a associação viveu um dos momentos mais interessantes de sua história. Uma chapa formada por 52 mulheres venceu as eleições e a Aresm passou a ser a primeira entidade de classe mista do município a ter em sua diretoria somente representantes do sexo feminino. Alexandrina Moretto foi eleita presidente. Em sua gestão, promoveu viagens, festas especiais e fez os primeiros convênios com comerciantes da cidade. Durante esse mandato, a associação foi declarada de utilidade pública, por meio da lei municipal nº 2005, de 29 de dezembro de 1972. Alexandrina foi reeleita para o biênio seguinte (1974/1975).

Para a gestão posterior, foi eleito Alcindo Pereira, que foi sucedido por Yogi Agata. Em 1980, Sidnei Vicário Moreno retornou à presidência da associação. Em janeiro de 1984 foi eleita a nova diretoria, tendo como presidente Sebastião Francisco dos Santos. A Aresm ainda teve como presidentes Clodoaldo Vecchi, Matheus José Bazzani, Plínio Turco, Maria Amélia da Silva e o atual, Rubens Bernardo. Nos últimos anos, deu um salto significativo na qualidade dos serviços, ampliando os benefícios oferecidos aos associados.



Confraternização: funcionários se encontram na antiga Garagem Municipal, na festa de fim de ano organizada pela diretoria da Aresm, em 1976



A presidente Alexandrina Moretto, ao lado do então prefeito, Raimundo da Cunha Leite, e demais diretores, assina documento de posse da sede da associação, localizada na Rua Maranhão, nº 96

Com isso, vem aumentando gradativamente o seu quadro associativo, que já está próximo de 4 mil sócios.

A quantidade de empresas conveniadas acompanhou o crescimento da associação. Hoje já são mais de 100 comerciantes, prestadores de serviços e profissionais liberais que mantêm convênio com a Aresm, um número que aumentou significativamente nos últimos anos, com os investimentos feitos no sistema de informatização de autorizações de compra.

A Aresm também recebeu melhorias em sua estrutura física, com a reforma do edifício, que apresentava piso deteriorado, infiltrações, vazamentos e goteiras. Os associados ganharam uma nova quadra poliesportiva, com pavimentação e iluminação adequadas. O salão de festas foi

reformado e também foram refeitas as fachadas da quadra e da entrada do prédio.

Ainda, a associação deverá ser uma das primeiras entidades recreativas e sociais da cidade a atender a atual legislação de combate a incêndio e a receber o alvará do Corpo de Bombeiros.

Assim a Aresm chega aos 50 anos de lutas ao lado dos servidores municipais, e com vitalidade para muitas outras conquistas. E o mais importante: sempre de portas abertas para os funcionários públicos de São Caetano do Sul. **R**

PAULO ALVES DA ROSA

É JORNALISTA E EDITOR DE JORNAIS E REVISTAS. É CRIADOR E EDITOR DO *JORNAL CONVIVÊNCIA* E RESPONSÁVEL PELA PUBLICAÇÃO DO *INFORMATIVO ARESM*, DESDE 2003. FEZ PARTE DO CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA *RAÍZES* (2011/2012). ATUOU COMO ASSESSOR DE IMPRENSA DA CÂMARA MUNICIPAL E DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

COLABORAÇÃO DE DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI.

Marília Tiveron

Cosma posa para foto ao lado de piscina do Complexo do Maracanã, no Rio de Janeiro, durante campeonato, em 1995



Foto: Cosma Maria Luz de Souza



Foto: Antonio Reginaldo Carbone

NAS BRAÇADAS DE UMA VENCEDORA

Durante entrevista, Cosma Maria Luz de Souza relembra sua trajetória e conquistas

São conhecidas histórias de pessoas que praticam a natação por conta de seus benefícios físicos ou ainda de idosos que buscam o esporte pela convivência social. Em São Caetano do Sul, uma personagem aliou saúde e bem-estar com uma pitada de paixão e escreve assim sua história de conquistas em meio a boias, raias e cloro.

Aos 24 anos, ela trocou os termômetros de 40°C de Belém (Pará) pelos 20°C chuvosos de São Paulo. Corria o ano de 1969. A princípio, a visita deveria durar uma semana, mas por aí já se vão mais de 40 anos. Desde cedo, Cosma Maria Luz de Souza desenvolveu interesse especial pelos esportes. E foi após vencer uma competição de corrida na escola que ganhou como prêmio uma viagem. O destino foi escolhido por eliminação, uma vez que São Paulo era a única cidade onde poderia se hospedar

na casa de parentes de amigos. E foi assim, sem dúvidas ou ressentimentos, que descartou Rio de Janeiro e Brasília. Arrumou as malas e partiu com bilhetes de ida e volta, não tendo por isso uma despedida dramática dos pais e irmãos.

Ao chegar, seguiu para Santana, na Zona Norte, onde a tia de uma amiga lhe esperava. Foi esta a figura determinante para a permanência de Cosma na terra da garoa. Com hospede-

dagem garantida e decidida a ficar, a paraense saiu em busca de trabalho e logo conseguiu uma oportunidade, na Rua José Paulino, como vendedora de roupas. Por meio de uma carta, avisou aos parentes que não voltaria. Na resposta da mãe, alguns simples pedidos: que a filha respeitasse as pessoas e tivesse educação, ótimos amigos e muita felicidade.

Para completar a mudança radical em sua vida, Cosma conseguiu vaga em um colégio na Vila Califórnia, na Zona Leste, e prosseguiu os estudos a fim de se formar no ensino médio. O Bairro de Santana já não era caminho para ela, que arrumou um quarto no fundo da casa de uma amiga, na Vila Alpina. Nos anos seguintes, a vida continuou sem muitas mudanças. Trabalhando na loja, a paraense conseguiu juntar dinheiro e alugar um quarto e cozinha, no mesmo bairro. Se a vida profissional seguia sem sobressaltos, a amorosa, por outro lado, começava a se agitar. Cosma conheceu um rapaz por intermédio de uma colega do trabalho e começou a namorar.

Em 1976, sete anos após ter se instalado em São Paulo, casou-se, aos 31 anos, com Francisco Emílio Trindade, na época com 40 anos, seu primeiro namorado, na Paróquia Santo Emídio, na Vila Prudente. Ela havia alugado um sobrado neste mesmo bairro há pouco tempo e foi nesse local que os recém-casados receberam os convidados e festejaram a união, preparada com apenas um mês de antecedência.

Depois de oito anos, Cosma e Francisco alugaram outro imóvel, desta vez em São Caetano do Sul, município

vizinho. O local escolhido foi um sobrado que existe até os dias de hoje na Rua Henrique Dias, no Bairro da Fundação. Em uma noite do ano de 1985, Francisco sofreu infarto fulminante e morreu. Não chegaram a ter filhos e, depois dessa fatalidade, Cosma nunca mais se casou.

História na piscina - Contudo, o que poderia ser ponto final se transformou em novo parágrafo. A partir daí, a dedicação, o empenho, a força e a paixão de Cosma voltaram-se exclusivamente à natação, interesse despertado na infância, mas que só ganhou impulso aos 48 anos de idade.

Cosma aprendeu a nadar sozinha, ainda em Belém, observando os amigos e repetindo os movimentos em piscinas, clubes e praias. Nunca usou boia nem teve professor. Além das dificuldades do aprendizado, ela também enfrentou a fúria da mãe, que acreditava que esse esporte “era coisa de homem”.

Mas, anos depois, já em 1993, Cosma dava suas primeiras braçadas em São Caetano, agora como atleta. O que antes era apenas uma opção de lazer virou rotina, objetivo de vida, uma boa obrigação. Treinava todos os dias. Foi também neste ano que participou de sua primeira competição na cidade de Marília, interior de São Paulo. Estimulada pelo técnico Wilson Barbosa Nogueira, conseguiu controlar a emoção e a ansiedade e pulou na piscina. Resultado: três medalhas em um peito saltitante.

Cosma já acumula mais de mil medalhas e 300 troféus. Um dos cômodos de seu apartamento é dedicado especialmente a eles



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni



Equipe da Só Nadar exibe medalhas após disputa de campeonato paulista de natação. Foto de 16 de junho de 1996

Este foi o primeiro “empurrão” para que Cosma buscasse outras conquistas. A academia onde treinava, em São Caetano, formou uma equipe para os demais campeonatos. E assim, treino a treino, medalha a medalha, pernas, braços, costas e, principalmente, autoestima, foram sendo fortificados.

Atualmente seu treino é focado nos 50 e 100 metros livres e nado borboleta, mas ela também disputa provas de 800 metros livres, 1.500 metros e nado costas. Há 10 anos, começou a treinar em águas abertas e, desde então, não parou mais. Sua coleção já soma mil medalhas e 300 troféus, aproximadamente, sendo que as duas últimas de ouro foram conquistadas nos Jogos Regionais do Idoso, disputados em Barueri (interior de São Paulo), em novembro deste ano. Ninguém sai de sua casa sem apreciar os prêmios. Ela apresenta-os como uma mãe que exibe orgulhosa os feitos do filho. “Quando eu morrer, não vou deixar dinheiro como herança, mas sim minhas medalhas e troféus.”

Por meio da natação, Cosma ampliou seus horizontes. Por onde a equipe sul-são-caetanense passava, lá estava ela. E assim costumes, cores e sotaques brasileiros foram sendo apresentados, seja em Uberlândia (Minas Gerais), Vitória (Espírito Santo), João Pessoa (Paraíba), Fortaleza (Ceará) ou ainda em Manaus (Amazons). Todas as despesas eram bancadas por ela mesma. Não havia qualquer forma de patrocínio. Mas nem isso era empecilho para esta jovem senhora. O ano de 1996 foi marcante para Cosma, que, emocionada, participou de seu primeiro campeonato brasileiro, realizado na cidade

de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). O contato com pessoas de diferentes partes do país lhe fez perceber a dimensão que o esporte havia ganhado em sua vida e o quão longe a havia levado.

De 1993 a 2008, esta foi a rotina de Cosma, que apenas deixou de competir pela academia após ela fechar as portas. Arranjou outros clubes de São Paulo para disputar os campeonatos, mas os treinos de musculação e de natação continuaram a ser realizados em São Caetano. Até hoje é assim, sendo que, para os circuitos de águas abertas, participa da categoria Master (atletas acima de 25 anos, divididos de cinco em cinco anos) da equipe do Círculo Militar de São Paulo, por onde é federada. Para as disputas de piscina, integra o time do complexo esportivo do Estádio do Pacaembu.

Três vezes por semana, Cosma sai de sua casa, no Bairro São José, e segue até a piscina do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes, no Bairro Olímpico, onde treina das 6h30 às 8h, e outras duas vezes, das 15h às 17h, faz musculação. Dedicada, ela treina faça chuva faça sol, e sem reclamar. Orgulha-se em dizer que, aos 68 anos, não “desperdiça” dinheiro com remédio. Com saúde invejável, gasta o que tem em competições. Quando não consegue juntar a quantia total, recorre a empréstimos. Tudo para não perder a chance de cair na piscina. “Incentivo meus amigos a nadar. Além de ser benéfica para a saúde, a natação é um meio de socialização para a terceira idade”, afirma.

Como não poderia deixar de ser, seu maior sonho também é relacionado a esse esporte: “Quero participar de um campeonato mundial de natação. Não importa se eu tiver 100 anos, eu vou!”, termina a entrevista tão determinada quanto começou, há muitos anos lá em Belém... **R**

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA, FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO SUL

Eva Bueno Marques

YOLANDA ZAPAROLLI LARANGEIRA

NOVENTA E UM
BEM-VIVIDOS ANOS

Yolanda
Zaparolli
Larangeira
em foto atual



Foto: Antonia Reginaldo Carbone

Desde que minha mãe mudou-se para um apartamento no Edifício Suécia, na Rua Monte Alegre, uma senhora, com quem eu cruzava na entrada do prédio ou nos elevadores, me chamou a atenção. Muito comunicativa, sempre bem-vestida e maquiada, fazia questão de me cumprimentar, puxar conversa e depois mandar abraços para minha mãe. Foi assim que conheci Yolanda Zaparolli Larangeira, uma senhora de cabeça lúcida, de olhar jovem e voz segura.

Depois de alguns anos, durante uma conversa, ela começou a me contar a história de sua vida e achei interessante registrá-la na revista *Raízes*. Perguntei se permitiria, e ela aceitou de imediato, com grande satisfação. E, no encontro, em seu aconchegante apartamento, colhi as informações a seguir, que deixaram ambas emocionadas, ela que contava e eu, que a ouvia. Cada conta do colar de sua vida traz tanta reminiscência do passado, que age como um forte vento que chega para girar o moinho do presente. Foi assim que vi desfilar cada detalhe de sua tão rica existência.

Yolanda nasceu em 6 de agosto de 1922, em São Caetano do Sul, na Rua Manoel Coelho, onde hoje é o Shopping São Caetano, em frente à Rua Niterói. Foi lá que passou sua infância. Fala de seus pais com um enorme carinho, grata pelo que fizeram por ela. Seu pai, Ângelo Augusto Zaparolli, encanador na cidade e contador de anedotas, era filho de imigrantes italianos. Depois de casado com Carmela Espanholo Zaparolli e de ter dois filhos pequenos, resolveu ir para guerra, por livre e espontânea vontade.

Bodas de prata de Yolanda e Dictino Larangeira, na década de 1960. A cerimônia foi realizada pelo padre Ezio Gislimberti



Foto: Yolanda Zappelli Larangeira

Com ele foi também o namorado de uma irmã de Carmela.

Sem o marido, Carmela se viu apurada para criar os dois filhos pequenos. Conseguiu um emprego na empresa São Paulo Alpargatas Company S.A., deixando os rebentos sob os cuidados de seus pais. Assim se passaram quatro anos, de 1914 a 1918, sem que ninguém tivesse notícias dos combatentes, sem saber se estavam vivos ou se tinham sido vítimas em alguma batalha.

Um certo dia, depois de longos e trabalhosos quatro anos, Carmela ficou sabendo que os sobreviventes da guerra estavam voltando de navio e chegariam ao Porto de Santos. A ansiedade dos familiares foi tamanha, e com razão. Depois de procurar muito uma condução que os levasse até o litoral, receberam ajuda de um membro da família Baraldi, que os conduziu até o porto, no dia da chegada. Quando o navio ancorou e começaram a descer os combatentes que retornaram, conta ela que, conforme sua mãe, não viram os parentes em meio ao aglomerado de gente que descia da embarcação e começaram a chorar, já sem esperanças. Mas, pouco tempo depois, para alegria da família, os dois foram avistados. Foi a maior emoção para todos, mas os filhos de Ângelo, que passaram tantos anos longe dele, não queriam chamá-lo de pai, pois estavam habituados a chamar assim o avô que

ficou com eles, assumindo a responsabilidade paterna.

Depois de voltar para casa condecorado por serviços prestados na guerra, Ângelo aquietou seu coração e voltou à vida de antes, como esposo e pai, e continuou a exercer a sua profissão de encanador. Mais seis filhos nasceram e a nossa entrevistada fez parte dessa segunda leva.

Yolanda estudou no tradicional Grupo Escolar Senador Fláquer (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental) e fez a primeira comunhão na Paróquia São Caetano, ambas no Bairro da Fundação. Quando já era jovem, sua família mudou-se para a Rua Santa Catarina, ao lado do então Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. Do quintal de sua casa, ela e suas irmãs podiam ouvir as músicas das matinês do clube, mas o pai muito severo não deixava as filhas frequentarem o local. Ela conta que ele trancava as portas e até as janelas para que ficassem protegidas dentro de casa. Seu pai gostava muito de caçar e, de vez em quando, partia com os amigos que também tinham o mesmo gosto. Era nesses dias então que sua mãe, atendendo ao insistente pedido das filhas, deixava-as frequentar os bailes vespertinos, sem que o seu pai soubesse. Assim elas se divertiam, faziam amizades e, com timidez, observavam a figura atraente dos jovens que lá compareciam.

Um belo dia, seu olhar cruzou com o

A elegante
Yolanda em
festa de
casamento no
final da década
de 1960

de um belo jovem no salão e ele a chamou para dançar. Foi assim que surgiu a atração mútua entre ela e Dictino Larangeira. Os corações de ambos bateram mais forte. Após brotar esse nobre sentimento, a irmã mais velha de Yolanda, já casada, vinha com o esposo e pedia ao pai que deixasse suas irmãs solteiras irem com ela à matinê, pois era um ambiente familiar e respeitoso. Foi assim que Yolanda continuou a dançar com seu pretendente e os laços do coração foram se estreitando cada vez mais.

O amor falou mais alto, Dictino criou coragem e foi até Ângelo pedir Yolanda em namoro. A resposta foi positiva, mas o pai impôs suas condições: só poderiam namorar dentro de sua casa, sentados longe um do outro e sob suas vistas. Mas esse namoro tão austero durou apenas um ano e, no final desse curto período, casaram-se, quando ela completou 19 anos. Ele era tabelião no cartório da Avenida Conde Francisco Matarazzo, prédio onde foram morar, no pavimento superior, depois de casados. Dictino exerceu a profissão de tabelião por 36 anos em São Caetano. Tiveram três filhos: Maria Josina, José Carlos e Silvia Cristina (sendo esta última assistente social, diretora do Departamento de Serviço Social da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul).

Yolanda tem dois netos (Paulo Fernando e Carlos Eduardo) e três netas (Michele, Fabiana e Camila), além de três bisnetos. Ficou viúva em fevereiro de 1988 e sente muitas saudades do grande amor de sua vida, seu querido Dictino. Das suas três irmãs vivas, Columbia Zapparoli Momesso é sua vizinha no prédio onde reside atualmente.

Na sala do apartamento de nossa en-

trevistada, há várias fotos que marcaram momentos inesquecíveis de sua vida, mostrando Yolanda bem jovem, linda em seus vestidos da época. Ela mostrou também um álbum, seu relicário da memória, onde deposita serenas e saudosas lembranças, inclusive de suas bodas de prata, quando foram abençoados pelo padre Ézio Gislimberti. Admirei cada foto, fechei o álbum e o devolvi a ela, que, do meu lado, relembrava cada momento e estava com os olhos marejados de lágrimas. Eu só pude agradecer e dar um carinhoso beijo em seu rosto, parabenizando-a pela linda história de seus 91 anos de



Acervo/ Yolanda Zapparoli Larangeira



vida, tão bem-vividos, e que, de agora em diante, irá encantar a todos que lerem esta entrevista. **R**

Família reunida no aniversário de 90 anos de Yolanda, celebrado em agosto de 2012. Na imagem, irmãs, filhos, sobrinhos, netos e bisnetos da entrevistada

EVA BUENO MARQUES

É MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA E DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

SEM SEGREDOS OU TEORIAS, 100 ANOS DE SIMPATIA



Foto: Antonio Reginaldo Carlini

Sorridente, Maria Aparecida relembra histórias durante entrevista

Casamento de Maria Aparecida Prestes e Oscar Prestes, realizado em 22 de dezembro de 1934

Quando Maria Aparecida Prestes nasceu, não havia televisão, celular ou mesmo computador. Mas apenas citar essas “recentes” descobertas tecnológicas não ajuda a desvendar a idade de Cida, ou Mosa, como é chamada por familiares e amigos. É preciso dizer ainda que a penicilina não havia sido descoberta, que os bondes eram o principal meio de transporte da população e que não havia ocorrido nenhuma guerra mundial. Com esta apresentação, nos remetemos ao ano de 1913. Sim, há exatamente 100 anos nascia dona Cida.

A conversa a respeito de sua trajetória lembra um papo de comadres, que começa com determinado assunto, é entremeado por comentários, elogios e lembranças, e termina em outro que em nada faz referência ao inicial. Suas histórias têm cores, texturas e gostos. Quem a ouve falar é capaz de imaginar com detalhes, como o uniforme usado por ela para frequentar o Externato São José, localizado na Rua da Glória, no Bairro da Liberdade, em São Paulo, composto pela saia de prega azul marinho, abaixo do joelho, e a blusa branca de manga comprida com gola pierrot redonda, “que dava muito trabalho para passar”.

Desde que nasceu, em São Paulo, Cida foi criada na Rua Galvão Bueno pela madrinha, de quem recorda com muito carinho e gratidão. “Ela me criou, me fez casar, tudo direitinho, como manda o figurino.” Com o pai,

Cida posa entre suas duas filhas, Rita (com 12 anos) e Zuleika (com 9 anos), em praia do litoral sul de São Paulo. Esta é uma das muitas lembranças das viagens em família



Acervo: Maria Aparecida Prestes



Acervo: Maria Aparecida Prestes

teve pouco contato. Já a mãe a visitava ocasionalmente e trazia presentes, mas nunca conviveram. Cida menciona rapidamente que teve outros irmãos, mas que sua irmã de coração é a filha da madrinha, Maria do Carmo Rosa Nunes, que tinha dez anos a mais que ela.

A memória antiga de Maria Aparecida está praticamente intocada pelos anos. Ao falar de sua infância, relembra um episódio marcante que ocorreu quando tinha apenas 4 anos. Em 1918, São Paulo foi tomada por uma epidemia conhecida como gripe espanhola, que atingiu cerca de 350 mil pessoas na época. Cida também ficou doente e lembra que foi levada para um colégio de freiras, no Bairro do Ipiranga, com outras pessoas infectadas. Ela conta que urinava com frequência na cama e que o nariz não parava de sangrar. “A febre espanhola chegou a São Paulo e matou muita gente. Foi um horror. Não tinha lugar para enterrar todo mundo, por isso colocavam-se dois, três corpos em um (único) buraco”, diz.

Cida voltou a morar com a madrinha após o fim da epidemia. Sem sequelas, retomou a vida de criança que ficou suspensa nesse período. Arteira, gostava de subir em árvore, escalar muros e apagar os lampiões na rua, traquinagens de uma infância ingênua e saudável.

Aos 14 anos, conheceu o menino que

viria a se tornar seu único namorado e, posteriormente, marido. Engataram namoro três anos depois e, aos 21 anos, no dia 22 de dezembro de 1934, casou-se com Oscar Prestes. Ao mencionar seu nome, comenta: “Tinha olhos verdes, a coisa mais linda”. Após três anos, em 1937, deu à luz Rita. Em 1939, nasceu sua segunda filha, Zuleika.

Prestes trabalhava como contador da empresa Light durante o dia e, à noite, tinha um segundo emprego como bilheteiro em cinemas da capital paulista. E é com entusiasmo na voz que relembra as tardes em que colocava as meninas para dormir para que pudessem ficar acordadas durante a noite e assistir a filmes nos cines Rosário, Odeon e Cruzeiro. Ir ao cinema exigia planejamento, preparação, pois este era considerado um evento social. Vaidosa como sempre foi, Maria Aparecida também se aprontava para sair. Na maquiagem, não podia faltar pó de arroz e batom. “Sabe como era o batom? Um papel de seda vermelho. Enrolava bem, molhava a pontinha e passava na boca.”

Nesta época, o casal ainda morava em São Paulo. A mudança para São Caetano do Sul só ocorreu em 1950, após o proprietário vender a casa na qual moravam de aluguel. A Rua Rio Branco, no Bairro da Fundação, seria o endereço de duas décadas da família Prestes, que

Retrato tirado na festa de comemoração dos 90 anos de Cida (ao centro). Família prepara-se agora para a celebração dos 101 anos



Arquivo/Maria Aparecida Prestes

lá vivenciou importantes momentos. Em 1970, a família mudou-se novamente, desta vez para o Bairro Rudge Ramos, divisa de São Bernardo do Campo e São Caetano. Cida e Oscar haviam conseguido comprar o primeiro imóvel e é neste local que ela ainda mora.

Do período em que viveu no sobrado da Rua Rio Branco, Cida faz questão de contar que era vizinha do ex-prefeito de São Caetano Raimundo da Cunha Leite e de sua mulher, Maria Dulce. Lembra-se do nascimento dos três filhos do político, seus nomes e profissões.

Ao voltar a falar de Prestes, “muito bom marido”, Cida recorda-se do período de férias da família. “Se você visse os lugares que eu fui. Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina... Só faltou ir para a região Norte. Me esbaldei.” Ela também conta que o marido gostava de surpreendê-la com anéis e pulseiras de ouro. E, para exemplificar os mimos de Prestes, engata uma outra história. Ela conta que Maria do Carmo, filha da madrinha, e o marido tinham uma loja de roupas na Vila Mariana e, ao venderem o estabelecimento, ficaram com algumas peças no estoque. Prestes não se conteve e comprou dois grandes pedaços de seda e mandou fazer um vestido para Cida e outro para Rita.

Uma nova história se inicia quando Maria Aparecida lembra do jeito brincalhão do marido. Ela conta, em meio a risadas, que diversas crianças da vizinhança batiam à sua porta. Prestes fazia “psiu” para a família, como se pedisse cumplicidade na brincadeira, abria, expulsava a garotada e batia a porta. Quando tornava a abrir, a criançada já tinha dado no pé.

Os domingos eram especiais para Cida, pois era quando sua família se reunia com a outra que adotou de coração, a de Maria do Carmo. Nesses dias era sempre Maria Aparecida que comandava os fogões. Cozinheira de mão cheia, satisfazia a todos os gostos. “Uma hora fazia feijoa-

da, em outra, macarronada. Todo domingo tinha coisa gostosa para comer”, afirma. Nos aniversários das filhas, enchia a mesa com torta de palmito, maionese, empadinha, canudinho de cocada, olho de sogra, bolo e brigadeiro.

Em São Caetano, a família manteve o hábito de ir ao cinema. Frequentaram os cines Max, Urca, Copacabana. “O Cine Vitória era o mais chiquetos”, opina Cida. E, falando sobre isso, recorda-se de uma doceria de esquina que ficava em frente ao Cine Vitória. “Tinha doces finíssimos, mas era cara, não?! A gente queria comer, mas não podia porque não tinha dinheiro. Olhávamos com os olhos e lambíamos com a testa”, brinca.

Parte da alegria de dona Cida foi embora em 1994, com a morte do marido. Chegaram a celebrar 59 anos de casados, marcados por muita união e companheirismo. Quando questionada se ela tem medo de morrer, responde: “Tinha bastante medo de morrer, mas agora não tenho mais. Não tem jeito, tem que morrer. Medo por quê? Eu não sou ruim, nunca fiz mal pra ninguém, nunca caluniei, nunca fiz ‘mexida’ com ninguém. Eu estou bem, vou morrer em paz, com Deus. Chegando minha hora, eu vou e está acabado”.

Após a dolorosa perda, Maria Aparecida continuou tocando a vida. Ao lado das duas filhas, três netos (um já morreu), três bisnetos e dois tataranetos, conseguiu encontrar a força que havia perdido. E para celebrar a vida e a família, ganhou uma festa quando completou 90 anos. Na ocasião, brincou, dizendo que gostou tanto da comemoração que, quando fizesse 100 anos, queria outra. Mal sabia que esta data chegaria e que lá estaria ela para celebrar seu centenário. (Marília Tiveron)

R

(Entrevista realizada por Vanusa Nascimento)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.pazeterra.com.br/livro.asp?pp=292>. Acesso em: 22 out. 2013. às 17h30
http://scienceblogs.com.br/rainha/2009/05/o_que_foi_a_gripe_espanhola_em/. Acesso em: 22 out. 2013. às 18h

TIA IRANY:

A CAÇADORA DE TALENTOS



Foto: Arquivo/Câmara da Caixa Piva

Famosa no meio artístico, Irany Marques Rosolini, mais conhecida como Tia Irany, dedicou sua vida a descobrir crianças, adultos e idosos para programas de televisão, por meio de sua agência Prytt Produções, instalada em São Caetano do Sul. Ela deixou sua marca não só na cidade, mas em todo o país.

Desde que nasceu, Tia Irany já sabia que não teria uma vida comum. Seu destino já estava traçado. Era o de despertar em pessoas comuns talentos especiais para o mundo artístico. Ela nasceu no dia 8 de julho de 1930, em São Caetano do Sul, e faleceu aos 81 anos, no dia 24 de outubro de 2011. Dos seus cinco filhos - Roseli, Raul, João Carlos, Alexandre e José Roberto -, os dois últimos eram adotivos. Um de seus derradeiros trabalhos na área artística foi a seleção de crianças para a novela *Carrossel*, escrita por Íris Abravanel, e transmitida pelo SBT. Uma das escaladas foi a filha de Simony, do extinto *Balão Mágico*, Aysha Benelli de Souza.

Mas não foi só Aysha a aposta certa de Tia Irany. Antes dela, várias outras pessoas foram descobertas e até hoje fazem sucesso no mundo artístico, entre eles estão Angélica, Gugu Libera-

to, Rodrigo Faro, Dalton e Selton Mello, Moacyr Franco, Narjara Turetta, Peninha, Adriane Galisteu, Samantha Monteiro (hoje Dalsoglio), Mauro Zukerman, Mateus Carrieri, Sylvia Massari, André Segatti, Luciano Amaral, Luciano Nascimento, Wagner Santisteban, Douglas Aguillar, Talita Cantori, Patrícia Luchesi, Cinthya Rachel, Arles Ximenes, Zildetti Montiel, Daiane Amêndola, Ferrugem, Leandro Léo, Telma Livy, Alessandra Vicente, Janice San, Felipe Campos, Caco Rodrigues, Tânia Mara, Cássia Kiss, Kauê Santin, Claudete Troiano, entre outros, além de grupos como *Dominó*, *Algodão Doce*, *Polegar e A Patotinha*.

A Prytt Produções foi criada por Irany e seu marido João Rosolini em 1958, em São Caetano do Sul, e tornou-se uma das maiores empresas de talentos mirins do país. A agência ganhou o nome de Prytt em homenagem à cachorra de estimação de Tia Irany. Ela gostava

muito de animais e chegou a dividir sua cama com a vira-lata Prytt, e depois com sua segunda cachorrinha, Penélope.

A agência manteve sua atividade até o ano de 2000 e, neste período, lançou vários talentos. Tia Irany fechou a empresa para morar nos Estados Unidos com a filha Roseli, mas continuou vindo para São Caetano. “Ela gostava tanto do que fazia, que, quando vinha para o Brasil, ficava comigo em minha agência. Antes de fechar a Prytt, Tia Irany perguntou se eu gostaria de ficar com a agência, mas eu não quis, era muita responsabilidade. Então decidi abrir a minha própria empresa no ramo. Mas, em 2008, o mercado estava muito concorrido, e Tia Irany estava desencantada com o procedimento de algumas produtoras, que contatavam os artistas diretamente, desrespeitando o trabalho da agência. Por tudo isso, ela me propôs trabalhar em um novo negócio, o de concurso de miss infanto-juvenil. Passamos a atuar nessa área. As seletivas eram feitas em São Caetano, que recebia candidatas de todo o país”, conta Ivete Cabrini da Costa Pina, 57 anos, diretora executiva da agência IRM Produções Artísticas, que trabalhou mais de 27 anos com Tia Irany, alguns deles na Prytt Produções.

O mundo artístico - A entrada de Tia Irany nesse mundo foi, no mínimo, curiosa. Tudo come-

çou com seu filho João Carlos. O menino tinha 3 anos quando ela percebeu que ele apresentava uma memória “fora do normal”, segundo palavras da própria Tia Irany, publicada em matéria que abordou sua carreira, no *São Caetanense Jornal*, do dia 2 de agosto de 1988. João Carlos conseguia responder a cerca de mil perguntas em pouco tempo. Espantada com o talento precoce do filho, Tia Irany foi aconselhada por alguns amigos a levá-lo a uma emissora de televisão. Chegando à TV Record, João Carlos foi apresentado ao publicitário Irineu Souza Francisco, marido de Nair Bello, e dali passou a participar de vários programas como *Telefone para o Melhor* e a antiga *Praça da Alegria*.

Depois de lançar seu filho, Tia Irany deu início à carreira da filha Roseli como miss. Com o sucesso de seus filhos, a caça-talentos passou a ser sondada pelas produtoras de televisão. Foi então que ela vislumbrou um bom negócio e passou a fotografar crianças, filhos de seus vizinhos, e criar portfólios com fotografias coladas em cartolinas, pois, naquela época (década de 1960), ainda não existia o formato atual de *book*. Foi a partir desse momento que Tia Irany descobriu o que gostaria de fazer e resolveu abrir a Prytt, tornando-a sua missão de vida.

De Adriane Galisteu a Rodrigo Faro - Para se ter uma ideia do sucesso que a empresa fazia, só na década de 1980 havia cinco mil fichas de cadastro, não só de crianças de São Caetano do Sul, mas de jovens de todo o Brasil, entre eles Selton Mello, que morava no Brás, em São Paulo, e veio trazido pela mãe em decorrência da fama da Prytt. Em uma entrevista com Tia Irany sobre o sucesso do ator em seu filme *O Palhaço*, ela explicou que, desde o início, viu nos olhos de Mello o talento nato para atuar.

Durante uma entrevista para a revista *Moda Miss*, o ator Rodrigo Faro, que também foi



Tia Irany em encontro com o amigo Leão Lobo e Ivete

Arquivo/Ivete Cabrini da Costa Pina

lançado por Tia Irany, ressaltou a importância dela em sua trajetória profissional. O apresentador disse que aprendeu muito com ela, em especial sobre como encarar a vida artística como uma verdadeira profissão.

Além de selecionar e lançar jovens e crianças no mundo artístico, Tia Irany também ficou conhecida por participar de programas de auditório e shows, entre eles o *Cidade contra Cidade* e *Show de Calouros*.

A descobridora de talentos passou a chamar a atenção das emissoras de televisão e da mídia da época. O *Sancaetanense Jornal* destinou para sua agência uma coluna especial chamada *O Cantinho da Prytt*. Na época, o jornalista Humberto Pastore dirigia o jornal e por isso teve um grande contato com a dona da agência. “São Caetano do Sul teve o privilégio de contar com uma personagem muito marcante nos idos dos anos 1970 e 1980. Era Tia Irany que, com sua agência de modelos, revolucionou uma época. Hoje é comum encontrar empresas deste segmento, mas, naquele tempo, ela foi pioneira. Como desde este período já atuava na imprensa local e, como sempre dei espaço para as pessoas da cidade que fazem algo inovador, inusitado, lembro que as páginas do jornal sempre estavam abertas a ela”, contou Pastore. Para ele, Tia Irany se destacava porque percebeu que o mercado publicitário estava em crescimento, dando espaço cada vez maior para crianças e jovens.

Pastore lembra-se de quando Tia Irany começou a garimpar, entre a população, pessoas que pudessem executar a missão. “Mas não eram apenas jovens e crianças. Um dos atores que ela descobriu no meio do povo foi André Folco. Ele tinha uns setenta e tantos anos e vivia fazendo propaganda”, recorda o jornalista.

Além de lançar novos talentos, Tia Irany teve uma grande importância para São Caetano, na opinião de Pastore, abrindo as portas de



Aerovive Cibirri da Casa Pina

emissoras para que a cidade participasse de diversos programas. “Ela tinha muitos contatos no SBT e passou a levar caravanas para os programas, entre eles o *Cidade contra Cidade*. Na década de 1960, São Caetano disputou com a cidade de Nova Granada. Lembro que eu estudava no Grupo Escolar 28 de Julho e fizemos campanha para angariar doações e entregar para a cidade adversária. Depois, em 1978, na gestão do prefeito Raimundo da Cunha Leite, o município voltou a participar do programa. Naquela época, eu trabalhava no setor da comunicação da prefeitura de São Caetano e fui o representante na competição. O participante precisava responder, em um tempo limitado, três questões feitas por Sílvio Santos. Felizmente acertei todas e dei pontos para nossa cidade. Em outra parte do show, ficávamos ao lado do apresentador e tínhamos de dizer: ‘Passo ou rejeito’. Não me recordo dos detalhes, mas também consegui pontuação para São Caetano do Sul. Se bem que, no resultado final, a cidade perdeu para São José (dos Campos ou do Rio Pardo, não me lembro). O programa era gravado em um sábado e passava na televisão uma semana depois, no domingo. O interessante é que o resultado foi algo como 17 a 15 pontos,

Tia Irany em momento de descontração durante chá da tarde no Hotel Sofitel, em 2008

mas como algumas competições não foram ao ar, a pontuação final ficou em torno de 12 a 10”, recorda Pastore.

Além do jornalista, Ivete Cabrini da Costa Pina também guarda grandes lembranças de Tia Irany. Encontrou a descobridora de talentos pela primeira vez quando tinha 9 anos e foi convidada pela agência Prytt para ir ao SBT, fazer comerciais e participar de programas infantis. “Ela convidava todas as pessoas e vizinhos da Rua Martim Francisco, no Bairro Santa Paula, para participar dos programas. A rua ficava cheia de ônibus que partiam para a emissora. Mais tarde os meus filhos participaram de alguns shows na TV, mas acabaram seguindo outros caminhos. A Tia Irany sempre gostou muito do meu jeito e acabou se apegando a mim. Passamos a trabalhar juntas a partir de 1985. Comecei a produzir os videobooks das crianças. Depois passamos a trabalhar com o Celso Russomano, gravando clipes do Canal 21. Comecei também a ajudá-la a selecionar as crianças para os programas de televisão e assim fui aprendendo com ela. Nós atendíamos todas as faixas etárias, mas a área mais forte da Tia Irany era o trabalho com as crianças. Ela descobriu muitos talentos que até hoje fazem sucesso na mídia. Ela tinha um olho clínico. Olhava para a criança e dizia: ‘Essa vai’. Aprendi muito com ela, como montar um

evento, a gravação para um programa de televisão, a escalação de crianças para os testes dentro do perfil pedido pelo cliente, entre outros trabalhos.”

Tia Irany não era conhecida apenas na região do Grande ABC, mas em todo o Brasil. Seu trabalho e história de vida se tornaram publicações na revista *Veja São Paulo* e no jornal *Notícias Populares*. (Priscila Gorzoni) **R**

Foto recente de Ivete com fotos dos vários talentos lançados por Tia Irany

Acervo/Ivete Cabrini da Costa Pina



Acervo/Ivete Cabrini da Costa Pina



Tia Irany com participantes de concurso em Santa Bárbara d'Oeste, interior de São Paulo

Michela Cucuzza

O GAROTO DAS BICICLETAS

Nicola Giuseppe Perricci nasceu no dia 19 de março de 1942, em Monopoli, na província de Bari, na Itália. Veio para o Brasil no final de 1954 acompanhado por sua mãe e seus seis irmãos, após um pedido do pai, Giovanni Perricci, que já se encontrava na América do Sul há aproximadamente dois anos.

O patriarca veio para o país com seis amigos para tentar a sorte. Aqui seguiu a mesma profissão que praticava na Europa: produzia peças para bicicletas. Assim que se instalou, abriu com um dos imigrantes uma bicicletaria, além de arranjar trabalho nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Revezando com o camarada e batalhando pelo dinheiro suado, conseguiu chamar a família, que se encontrava na Itália e da qual sentia muitas saudades.

Na Itália, comemora-se o Dia de São Giuseppe em 19 de março e, por ter nascido exatamente nesta data, o pai de Nicola queria que ele levasse o nome do santo. Já a mãe insistia para que ele tivesse o mesmo nome do avô materno, Nicola. Após muita conversa, decidiu-se que o garoto se chamaria Nicola Giuseppe Perricci. Por puro azar, seu primeiro nome fora retirado na chegada ao Brasil, tornando-se apenas Giuseppe Perricci.

Quando tinha 12 anos, ele chegou ao país com a sua mãe, Vittoria Oliva Perricci, e os seis irmãos: Vito, Mario, Laura, Margherita, Antônia e Pietro. Já em São Caetano do Sul, foi ajudar o pai a



Giuseppe em
9 de agosto de 1980



sustentar a casa com o trabalho na bicicletaria, que se encontrava na Rua Heloísa Pamplona, nº 59, no Bairro da Fundação. Mesmo tendo de trabalhar duro com seu pai e seus irmãos, Giuseppe ainda arranjava um tempo para estudar. Os anos passaram e Giovanni conseguiu então comprar uma casa na então Vila Gerty, montando nesse bairro uma nova oficina.

Anos mais tarde, um pouco mais velho, Giuseppe viu uma bela garota passando em frente ao local onde trabalhava. Como todo bom cavalheiro, não perdeu a oportunidade e



Foto 1
Giuseppe e seu filho Nicola, em foto de 17 de abril de 1983
Acervo/Michela Cucuzza

Foto 2
A Bicicletaria Santo Antônio, segundo estabelecimento da família, em foto de 1961. Ficava na Rua Heloísa Pamplona, nº 59
Acervo/Michela Cucuzza



Foto 3
Fachada da bicicletaria localizada na Rua Heloísa Pamplona. Na foto aparecem: Sidney (trabalhava na oficina), Giuseppe, Nicola e Edmilson (irmão de Sidney, que também trabalhava na oficina)
Acervo/Michela Cucuzza



Michela e Nicola no dia do casamento, em 5 de dezembro de 1964 na Igreja São Caetano

lhe entregou um bilhete, marcando um encontro em uma sorveteria (que, por coincidência, pertencia ao pai da menina). A garota aceitou a proposta. Após o primeiro encontro, surgiu uma vontade de se reencontrarem. E foi assim que começou o namoro com Michela Cucuzza, com quem anos mais tarde se casaria.

No ano de 1964, o pai deixou a bicicletaria da Rua Heloísa Pamplona para que Giuseppe tomasse conta. Na época, o local levava o nome de Santo Antônio, mas o garoto preferiu algo diferente, e a renomeou de Bicicletaria Nicola. Em 1966, nasceu a primeira filha do casal, Vittoria Oliva Perricci, seguida por outra garotinha, Antonietta Perricci, em 1968, e, por último, dois anos mais tarde, veio um menino, a quem deram o nome que fora retirado do pai, quando chegou ao país: Nicola Giuseppe Perricci.

Em sua época de solteiro, para patrocinar a oficina (ou por pura diversão de adolescente), Giuseppe e seu irmão Vito participavam de competições, corridas e maratonas que envolviam bicicletas. Eles ganharam vários prêmios e bateram alguns recordes.

Por meio da oficina, gostava de fazer grandes passeios ciclísticos, programados com antecedência com amigos e fregueses. Seus favoritos costumavam ser aos domingos, e muitas vezes eram patrocinados pelas Casas Bahia. Nessa ocasião, também eram promovidos sorteios de bicicletas e equipamentos esportivos.

Giuseppe sempre foi muito alegre. Quando conseguiam uma folga da escola, várias crianças se reuniam em frente à oficina para se divertir e conversar com ele, que é lembrado como uma pessoa meiga, que achava graça ao ver as notas que os pequenos conseguiam em suas provas. “Nossa! Tirou oito! Parabéns *bambino!* Toma de presente essa balinha. Já tem bicicleta? Então toma uma buziniha!”, dizia. De uma maneira ou de outra, Giuseppe sempre incentivava as crianças a estudarem. Ele era o amigo mais velho delas. Até mesmo idosos iam à sua oficina para pedir conselhos, quando tinham algum problema. Ele tentava ajudar a quem precisasse.

O bom Giuseppe trabalhou em sua oficina por mais de 40 anos, chegando a ser considerado um dos ciclistas mais velhos ainda atuantes na cidade. Já se aproximando da idade de se aposentar, ficou com a saúde fragilizada e veio a falecer em 2006, aos 63 anos. Até os dias de hoje, muitos adultos se recordam do “seu Nicola das bicicletas” sempre como um homem boa praça, otimista, engraçado e carinhoso com sua família.

MICHELA CUCUZZA
FOI ESPOSA DE GIUSEPPE PERRICCI.

Mário Porfírio Rodrigues

DE SÃO CAETANO PARA HOLLYWOOD



Vivian Gava-Buff levando o nome da família sul-são-caetanense para o mundo

Crédito: www.vivianbuff.com

Em reunião realizada recentemente com alguns amigos, falávamos a respeito do surgimento do cinema em São Caetano do Sul. Lembrei do artigo *O cinematógrafo*, escrito pelo saudoso Manoel Cláudio Novaes em 1988. Reportando-se ao início do século 19, ele menciona: “Algumas vezes comentara-se nos boteco, quando jogavam cartas ou ingeriam um copo de vinho, que em São Paulo, como diziam, havia aparelhos que faziam as imagens moverem-se. Sim, imagens – homens, mulheres, animais, carruagens que se moviam”. E, por volta de 1906, começaram a circular os cinematógrafos pelos salões da Savóia Ítalo Brasileira, de Santo André, e Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, de São Caetano. Todos sabemos que há muitos anos o cinema é uma fabulosa realidade. Atualmente, nesta área, também brasileiros estão fazendo sucesso internacionalmente, incluindo, entre eles, sul-são-caetanenses e descendentes de famílias de São Caetano.

Para comentar o sucesso que uma descendente de duas conhecidas famílias de São Caetano do Sul está fazendo na capital do cinema, Hollywood, reporto-me ao ano de 1920. Foi quando o casal Olga e Sabino Indelicato tiveram uma filha chamada Filomena, cujos irmãos Francisco e Rafael viriam a trabalhar por muitos anos na Cerâmica São Caetano, ocupando cargos de destaque no setor industrial. Um deles foi mencionado no livro recentemente lançado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Memórias de um Engenheiro da Cerâmica São Caetano*, de autoria de Urames Pires dos Santos.

Filomena casou-se com Antonio Gava Filho no dia 3 de janeiro de 1946, na Igreja Matriz Sagrada Família. Ele era “pracinha”, recém-chegado da Segunda Guerra Mundial, cuja família residia no Bairro Barcelona, próximo da atual Rua Oriente. Conhecedor do ofício, passou a trabalhar numa tecelagem conhecida em São Caetano como Fábrica de Casimira, em uma travessa da Avenida Goiás, onde mais tarde se



Foto da Família Indelicato em 1957, na residência de Sabino Indelicato, na Rua Pernambuco. Da esquerda para a direita, o terceiro é Antonio Gava Filho. Logo a sua frente está sua esposa, Filomena Indelicato Gava. Do lado esquerdo de Filomena, sua filha, Vera Lúcia, mãe de Vivian. O menino com terno e gravatinha borboleta é o outro filho do casal. Os demais são filhos (inclusive Rafael e Francisco, que trabalharam na Cerâmica São Caetano), noras e netos de Sabino Indelicato

estabeleceu a firma de produtos químicos Usina Colombina. Tiveram um casal de filhos, ambos nascidos em São Caetano do Sul: Vera Lúcia, casada com Alvaro Pinto de Aguiar, e Antonio Gava Neto, casado com Leila Gonzales Gava.

Desde criança, a filha de Vera Lúcia Aguiar, Vivian, sempre foi apaixonada por música. Animou festas e dedicou-se ao estudo desta arte. Casou-se e, após uma sequência de ótimas notas, foi com o marido, advogado, para os Estados Unidos, a fim de concluir seus estudos na Berklee College of Music, em Boston, e acabou se tornando produtora de trilhas sonoras de superproduções cinematográficas. Em seu currículo constam filmes como *G.I. Joe: Retaliação*, estrelado por Bruce Willis. Ela também é uma das responsáveis pelo que os espectadores ouvem em *Turbo*, animação da Dreamworks, lançada nos cinemas brasileiros no dia 19 de julho. Pela primeira vez seu nome, Vivian Aguiar-Buff, aparece nos créditos da produção na telona.

Hoje, ela dá expediente no Remote Control Productions, estúdio fundado pelo famoso alemão Hans Zimmer, vencedor do Oscar de melhor canção original de *O Rei Leão* (1995) e de

cerca de outros 70 prêmios. Lá, Vivian é o braço direito de Henry Jackmann, compositor da trilha de produções como *O Gato de Botas* (2011) e *Capitão América 2: O Retorno do Primeiro Vingador*, em fase de pós-produção.

Por ter muitas divisões, o esquema de trabalho musical hollywoodiano faz Vivian misturar a criatividade com funções estritamente técnicas, conforme sua própria declaração: “Meu trabalho é muito próximo do de um editor de música. Sou responsável pela parte de logística da produção da trilha, desde falar com o contratante dos músicos da orquestra até tratar com diretores e produtores. Sou a ligação entre estúdios e o Henry Jackman. Além disso, também faço assistência técnica dos computadores dele”.

Julgo ser digno deste registro o fato de uma jovem descendente de sul-são-caetanenses ter alcançado essa prestigiosa função em filmes norte-americanos distribuídos para o mundo inteiro. **R**

MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO *JORNAL DE SÃO CAETANO* E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Márcia Gimenez

GRUPO JAZZTUAL

CINCO VOZES
QUE SAÍRAM
DO ABC PARA
CONQUISTAR
O PÚBLICO
HÁ 30 ANOS

Show no
Jazz & Blues,
em Santo
André, em
1991. Lenin
Gimenez,
Gilmar
Ayres, Alex
Flores, Caio
Monteiro e
Romualdo
Andreuccetti
aparecem
nos micro-
fones



Arquivo/Grupo Jazztual

Reconhecida como um importante celeiro de talentos nacionais, a Fundação das Artes de São Caetano do Sul viu nascer entre seus alunos do curso de música, no ano de 1984, um inovador grupo vocal, o Jazztual. Em 2014, quando se completam 30 anos da criação do grupo, é importante resgatar sua história e relevância no cenário artístico.

O Jazztual foi criado a partir de um projeto do tenor Gilmar de Oliveira Ayres, do barítono Lenin Silveira Gimenez e do baixo Romualdo Andreuccetti. A ideia inicial era mesclar toda a riqueza das harmonias do jazz com a dos *spirituals* (cantos religiosos dos negros norte-americanos), em interpretações a capela – sem acompanhamento instrumental. A união do jazz com *spirituals* serviu de inspiração para o nome do grupo, que logo nos primeiros ensaios ganhou um novo integrante: o tenor Henrique Hiami Neto.

A estreia, no segundo semestre de 1984, foi realizada nos corredores da Fundação das Artes em um intervalo das aulas do período noturno. Como público, alunos de diferentes cursos, professores e funcionários. “Eu e Gilmar nos conhecemos no coral da Fundação das Artes, sempre fazendo repertório erudito, e, desde o início, queríamos trabalhar os vocais de forma mais sofisticada, abordando música popular. O legal é que o público foi atingido, gostou e aplaudiu”, lembra Lenin Gimenez.

Em 1985, o tenor Antonio Marcos Furdiani se juntou ao grupo, que assumiu a formação de quinteto com a qual se notabilizaria nos anos seguintes. “Com cinco integrantes conseguíamos abranger arranjos mais complexos em termos harmônicos, utilizando as vozes de forma premeditadamente instrumental”, explica Gimenez. Desde o início, a qualidade do trabalho chamou a atenção de músicos de prestígio, que logo se dispuseram a escrever arranjos exclusivos. Foi assim com André Abujamra, Ricardo Rizek e outros. Mantendo-se focado no repertório de jazz e *spirituals*, o grupo se apresentou com sucesso em encontros como o II Festival de Coros Cantando a Paz, realizado na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, em setembro de 1988.

Após um breve intervalo e a saída de dois integrantes, o Jazztual voltou a se reunir no início da década de 1990. Após a substituição de Hiani e Furdiani por Caio Monteiro e Alex Flores, teve início a fase de maior sucesso e visibilidade do grupo. Nessa nova etapa, os integrantes investiram cada vez mais em arranjos musicais próprios – escritos por Gimenez e Monteiro em sua maioria – e abriram o repertório para novas possibilidades, passando a trabalhar com música popular brasileira, rock e música pop. Também foi nessa fase que o Jazztual começou a utilizar os recursos da tecnologia, ampliando os efeitos vocais possíveis com microfones. O slogan *Cinco vozes, nenhum instrumento, pura emoção* passou a definir o trabalho.

A ampliação do repertório e a criatividade dos novos arranjos rapidamente conquistaram o público, e as apresentações se tornaram cada vez mais frequentes. Além de fazer sucesso no ABC, de onde eram quase todos seus integrantes – apenas Flores vinha de São Paulo –, o grupo passou a cantar em palcos de prestígio: Fundação das Artes e Teatro Santos Dumont, em São Caetano, Teatro Elis Regina, em São Bernardo, Teatro Municipal



de Santo André, e teatros Sérgio Cardoso, Jardel Filho e Hall, em São Paulo. Apresentações em Indaiatuba, São José dos Campos e Campos do Jordão também levaram o estilo inovador do grupo para o interior paulista, conquistando as plateias.

Em 1994, o Jazztual investiu na montagem de um espetáculo elaborado, trabalhando com Walter Neiva, diretor respeitado no meio erudito de São Paulo e responsável pela montagem de óperas e musicais. Apresentado no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, e no Teatro Municipal de Santo André, o show foi sucesso de público.

O caráter popular da nova fase abriu as portas para o circuito de bares de jazz e MPB, e o grupo fez apresentações regulares nas casas Bourbon Street, Vou Vivendo, Café Paris e Whisky & Jazz, em São Paulo, Windows, em São Bernardo, e Jazz & Blues, em Santo André, entre outras. Também foram marcados shows em várias unidades do Serviço Social do Comércio (Sesc), como em São Caetano, Consolação, Pompeia, Ipiranga e do Carmo, além de uma temporada de verão na colônia de férias da instituição, em Bertiooga.

“A cada show que fazíamos, agregávamos mais fãs ao grupo. O público era bastante variado, às vezes era gente que estava no bar ou no evento por acaso, nos ouvia e acabava sendo conquistado pelo som. Era sempre gratificante”, lembra Andreuccetti.

O Jazztual ganhou maior visibilidade graças também à participação em programas como o *Metrópolis* e o *Vitrine*, da TV Cultura, o programa de Sílvia Poppovic, na TV Bandeirantes, e as atra-

Participação no programa *Metrópolis*, na TV Cultura, com os integrantes Lenin Gimenez, Alex Flores, Caio Monteiro, Gilmar Ayres e Romualdo Andreuccetti. Ao centro, de camisa estampada, o apresentador Cadão Volpato

ções *Mulheres e Manhã Paulista*, na TV Gazeta, além de marcar presença nas rádios Trianon, Rádio USP e Cultura FM.

Não tardaram a surgir novos projetos. Em 1993, o grupo foi convidado a participar da trilha sonora do curta-metragem *Tanta Estrela por Aí*, do cineasta Tadeu Knudsen, interpretando arranjo próprio da música S.O.S., de Raul Seixas. Faziam parte do filme Rita Lee, Marisa Orth, Sérgio Mamberti e Otávio Augusto. “Não bastasse ser um grupo criativo e original na interpretação, mostrou ainda profissionalismo e rigor no trabalho. Mesmo sob duras condições, comuns no cinema brasileiro, realizaram um arranjo delicioso, com toques delicados de humor e técnica poucas vezes ouvidos”, comentou o diretor Knudsen.

A interpretação impecável e harmoniosa de clássicos da MPB e da bossa nova – como *Marina*, de Dorival Caymmi, e *Inútil Paisagem*, de Antonio Carlos Jobim e Aloysio de Oliveira –, ganhou elogios de mestres da música nacional. “O Jazztual é bom gosto melódico e talento harmonioso em seus arranjos; é um privilégio maiúsculo ouvi-lo”, declarou o compositor e pianista Johnny Alf, um dos grandes expoentes da bossa nova. “Ouvir o Jazztual é a plena satisfação para os ouvidos mais exigentes”, disse o baixista Sebastião Oliveira da Paz, o Sabá, integrante do Jongo Trio e do Som Três, famosos na década de 1960.

Em 1997, Alex Flores se afastou do grupo por conta de vários compromissos profissionais. Formado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), além de pianista de concerto, ele também era integrante do Coro Sinfônico de São Paulo, e não conseguiu conciliar as agendas. Em seu lugar entrou o tenor Marcelo Maris.

Após um breve período de adaptação do novo integrante, o Jazztual voltou a se apresentar com sucesso, e, no segundo semestre de 2000, começou a gravar seu repertório no estúdio Fruto da Terra, em Santo André. “Foi uma experiência

riquíssima, que serviu como balanço de nosso trabalho até ali”, observa Gimenez.

Em julho de 2003, o grupo se apresentou com sucesso no Festival de Inverno de Parapiacaba, em noite que também contou com o blueseiro André Christovam. “É uma das grandes lembranças que guardo. A forma como fomos bem recebidos pelo público que estava ali para ouvir um som mais pesado me fez ver que a música, quando é boa, ultrapassa qualquer barreira”, diz Andreuccetti.

Meses depois foi a vez de mais um integrante deixar o trabalho: Lenin Gimenez, um dos fundadores do quinteto, se afastou em decorrência de outros compromissos. Regente coral formado pela Unesp e com atuação destacada no ABC, ele esteve à frente dos coros Capella Aurea, de São Caetano, Imaculada Conceição, de Mauá, e da Casa da Música de Diadema, entre outros. Gimenez passou a investir também na carreira de cantor solista. Em seu lugar, entrou o barítono Eduardo Paniza.

Terceira formação do grupo, em 1997, com Lenin Gimenez, Caio Monteiro, Gilmar Ayres, Marcelo Maris e Romualdo Andreuccetti

Gravação no estúdio Fruto da Terra, em Santo André, em 2001



Arquivo/Grupo Jazztual



Arquivo/Grupo Jazztual

Quarta formação do grupo, em 2004, com Gilmar Ayres, Caio Monteiro, Marcelo Maris (atrás), Romualdo Andreuccetti e Eduardo Paniza (à frente)

Folder de apresentação do grupo na década de 1980

NEGRO SPIRITUALS
& Folk Songs
QUINTETO VOCAL Jazztual
 ANTONIO MARCOS FURDIANI — Tenor
 GILMAR DE OLIVEIRA AYRES — Tenor
 HENRIQUE HIAMI NETO — Tenor
 LENIN SILVEIRA GIMENEZ — Barítono
 ROMUALDO TADEU ANDREUCCETTI — Baixo

PROGRAMA:
 - Sumertime - (GERSHWIN) Arr - André Abujamra - Lenin Gimenez
 - Steal Away (BURLEIGH) Arr Rugero Venê
 - My Lord' What A. Mornin' (BURLEIGH) Arr - Rugero Venê
 - Trampin (TEMA) Arr - Wayne Hooper
 - Were you there (TEMA) Arr - Harry Burleigh
 - Nobody Krows dê trouble I've Seer (TEMA) Arr - Harry Burleigh
 - Deep River (TEMA) Arr - Harry Burleigh

AUDITÓRIO DO A.L.S. ENTRADA FRANCA
 Rua Augusta, 1470 - SP
 DIA 6 DE DEZEMBRO DE 1985 ÀS 21:00 hs.

APOIO CULTURAL ALS-ADVANCED LANGUAGE SERVICE
SPATZ-DISCOS Empresa de Pinturas
 Menezes Ltda.
 NOVOS USADOS - Raridades
 R. Dr. Cesário Mota, 306 - Sto. André-SP
 PINTURAS DE: Prédios - Residências - Indústria - Bancos
 Comércio em geral - Lavagem de Fachadas
 TEL. 440-3100 R. S. Paulo, 1230 - S.C. do Sul-F 453-7488



me enriqueceu tremendamente como músico”, garante Ayres, que faz parte do Coro Lírico do Teatro Municipal de São Paulo e desenvolve carreira como solista. Eduardo Paniza e Cláudio Guimarães também cantam no Lírico, e uma possível volta do Jazztual sempre é assunto entre os amigos.

A profunda ligação de todos com a música (Caio Monteiro fez parte por muitos anos do Coral Sinfônico de São Paulo e segue cantando em corais na capital, e Marcelo Maris também tem carreira destacada como cantor em corais da região e São Paulo) faz ver que uma reunião não é impossível. “Seguimos em frente, mas continuamos apaixonados pela música vocal e pelo trabalho do Jazztual. É como se só tivéssemos dado uma pausa”, encerra Ayres, com esperança de reunir novamente as cinco vozes para levar ao público pura emoção. **R**

A última baixa no grupo se deu anos depois, em 2008, quando Romualdo Andreuccetti, outro dos fundadores, foi substituído por Cláudio Guimarães. “Uma das forças do Jazztual sempre foi o excelente nível de seus integrantes, e, logicamente, todos desenvolveram carreiras solo que dificultavam cada vez mais a reunião do quinteto”, opina Gilmar Ayres.

Tanto isso é verdade que o grupo seguiu se apresentando até 2010, e, desde então, não voltou aos palcos, ainda que seu fim não tenha sido decretado. “Todos temos vontade de voltar a cantar juntos. Eu sinto muita falta, pois foi, sem dúvida, um dos melhores trabalhos que já fiz, que



MÁRCIA GIMENEZ

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM EXPERIÊNCIA COMO REPÓRTER E EDITORA NAS REVISTAS *CARAS*, *HOLLA BRASIL* E NO PORTAL DE INTERNET IG, ENTRE OUTROS VEÍCULOS. PESQUISA DOCUMENTAL E ICONOGRÁFICA FOI FEITA POR SIMONE BELLO GIMENEZ, BIBLIOTECÁRIA DO ARQUIVO MUNICIPAL DA PREFEITURA DE MAUÁ.

Quinta formação do grupo, com Gilmar Ayres, Caio Monteiro, Cláudio Guimarães, Eduardo Paniza e Marcelo Maris, em foto de 2010

Glenir Santarneckchi

SÃO CAETANO... UMA POLÊMICA

Os dias da São Caetano do Sul das décadas de 1950 e 1960 foram bastante agitados. A cidade havia se tornado município, em virtude do plebiscito de 24 de outubro de 1948, quando obteve autonomia de Santo André. Muitas coisas tinham de ser feitas na primeira administração, como melhorias na infraestrutura, a montagem da sua legislação e a organização da prefeitura para atender a população de uma comunidade recém-instalada.

Na segunda administração, já se pensou na criação do brasão e da bandeira, símbolos dessa nova era. Também começaram as primeiras pesquisas sobre a história da cidade, desde a sua fundação, em 28 de julho de 1877, com a chegada dos imigrantes italianos, até a década de 1950.

Uma polêmica surgiu entre esses pesquisadores. Por que colocaram o nome de São Caetano Di Thiene? Por quais motivos o padroeiro consta em nosso brasão e o que ele representava? Várias teses foram defendidas pelos pesquisadores, e essas dúvidas não mais permanecem.

Quando os imigrantes chegaram ao Núcleo Colonial fundado pelo governo imperial, em 1877, cada família recebeu um lote de terreno e, somente mais tarde, receberam o título de propriedade, para montar suas casas, plantar e fazer as criações para sustentar a família.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do S

Em 1631, duas figuras que participaram da formação patrimonial de São Caetano surgem na história do povoado: Capitão Duarte Machado que, com sua esposa, doou as terras de Tijucuçu à Ordem de São Bento, em São Paulo, e o bandeirante Fernão Dias Paes, que doou, em 1671, 500 braças de terra aos monges beneditinos, as quais, anteriormente, haviam pertencido a Manuel Temudo e que foram adquiridas pelo ban-

Festa de Santo Antônio no dia 13 de junho de 1908. Ao fundo a Paróquia São Caetano, primeira igreja de São Caetano do Sul, construída no local onde ficava a primeira capela

deirante em um leilão. Foi a partir dessa doação que Fernão Dias Paes, conhecido como “Caçador de Esmeraldas”, ganhou o direito de ser enterrado com sua mulher em túmulo edificado no Mosteiro de São Bento.

Forma-se, com essas doações, a Fazenda São Caetano, cuja denominação é uma homenagem a São Caetano Di Thiene, o Santo da Divina Providência, muito reverenciado pela ordem beneditina. Entre 1717 e 1720, os monges erigiram uma pequena capela na fazenda. Porém, a partir da segunda metade do século 18, quando Portugal estava sob o governo do Marquês de Pombal, as atividades dos beneditinos começaram a sofrer restrições, culminando, em 1855, com o trancamento do noviciado, o que impediu a Ordem de São Bento de receber novos monges.

As famílias de imigrantes italianos que chegaram em 1877 foram instaladas em galpões da fazenda, que antigamente eram ocupados pelos escravos dos monges beneditinos. Os imigrantes se preocuparam em escolher os lotes que seriam doados pelo governo imperial. Somente dez dias depois, com os problemas sendo resolvidos, decidiram dar atenção a uma pequena capela tomada pelo mato e abandonada, localizada no centro dos galpões. Ao fazerem a limpeza do local, verificaram que existia uma estátua no altar, suja e deteriorada, que seria de São Caetano.

Manoel Cláudio Novaes, de saudosa memória, muito ligado à Igreja São Caetano, escritor, pesquisador do assunto, dizia, com convicção, que antigos imigrantes afirmavam aos seus descendentes que aquela era a imagem de Santo Alberto.

Já outra corrente afirma que os imigrantes, não sabendo qual era aquele santo, consultaram o missal da igreja. Como dia 7 de agosto é Dia de São Caetano Di Thiene, e como eles eram de Treviso (Itália), devotos do santo, acharam tudo uma grande coincidência e assim o adotaram como padroeiro.

Uma terceira corrente se aprofundou mais nas pesquisas e disse que os monges beneditinos, que construíram a capela entre 1717 e 1720, tinham aqui montado a Fazenda São Caetano (nas terras do Tijucuçu), já que eles eram muito devotos do santo. Quem confirmou essa versão foi o professor José de Souza Martins, sociólogo da Universidade de São Paulo, nascido em São Caetano, fundador do Museu Histórico Municipal e autor de diversos livros sobre a história da cidade, em especial, o *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*.

Em conversa nos congressos de História do Grande ABC, Martins explicou que, com a chegada dos monges beneditinos às terras do Tijucuçu, eles construíram uma capela em devoção a São Caetano Di Thiene, formando a Fazenda São Caetano, com escravos de origem africana e índios, além de olarias, criações, plantações de hortaliças, grãos e frutas, a partir das quais o Mosteiro de São Bento era abastecido. A origem do nome São Caetano, que designou o Núcleo Colonial e, mais tarde, o município, advém dessa devoção dos religiosos da Ordem de São Bento ao Santo da Divina Providência. **R**



Foto: Antonia Regina de Camargo

Imagem do santo São Caetano Di Thiene que faz parte do acervo do Museu Histórico Municipal

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI
É JORNALISTA, ADVOGADO, ESCRITOR E PESQUISADOR DA MEMÓRIA DA REGIÃO. É AUTOR DO LIVRO *SÃO CAETANO DI THIENE – O SANTO QUE DEU NOME À CIDADE* E É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

O TÚMULO DE ERNESTO TORETTA

O túmulo da família de Ernesto Toretta, um dos mais visitados do Cemitério da Saudade

Em todos os pontos do mundo existem lugares inusitados. Locais que destoam do tempo, guardam segredos, mistérios ou que parecem esquecidos de uma época. Em São Paulo encontramos vários destes pontos como o Cemitério da Consolação, o Edifício Joelma, o castelinho da Rua Apa (construído em 1937), a Capela dos Aflitos, o Edifício Martinelli, o Teatro Municipal de São Paulo, entre outros. Cada uma destas construções guardam estilos arquitetônicos, enigmas e histórias de uma época.

As metrópoles escondem esses locais, que muitas vezes passam despercebidos em nossa vida acelerada. Esses lugares podem ser chamados de lugares de memória¹, que são, antes de tudo, restos. Eles nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, entre outros acontecimentos. Também podemos chamar esses locais de ilhas de passado conservadas.²

Conhecer um pouco destes locais é adentrar nos lugares da memória ou nas ilhas de passado conservadas. É uma experiência fundamental para compreender a história e a memória da cidade e dos moradores que ali estiveram.

A criação de roteiros turísticos nesses pontos tem sido uma tendência atual em várias cidades brasileiras. Em São Paulo, a empresa Griffit criou um roteiro de quatro horas chamado São Paulo



Foto/Priscila Gorzoni

Além dos Túmulos, que sai do Largo do Arouche, passa pelo Cemitério da Consolação, pelo castelinho da Rua Apa e termina no Edifício Joelma. O objetivo do passeio é contar um pouco da história por meio de seus túmulos, personagens sepultados, prédios e lendas. Esse trabalho teve início em 2000. Mas não é só em São Paulo que encontramos esse tipo de turismo. A cidade de Recife também desenvolveu o roteiro Recife Assombrado, que passa por casarões, museus e teatros da cidade.

Entrada do Cemitério da Saudade



Foto: Priscila Gorzoni

Nesta seção faremos um pouco deste turismo, contando histórias curiosas e inusitadas de locais, túmulos ou personagens que um dia passaram por São Caetano do Sul. A ideia é falar de cada um destes lugares e despertar o interesse e a curiosidade dos moradores.

Um dos locais que chamou minha atenção foi o túmulo de Ernesto Toretta, no Cemitério da Saudade. Estive no local fotografando e coletando histórias por algumas vezes e, em todas elas, encontrei pessoas variadas visitando a capela de Toretta. Ela fica em uma das primeiras travessas, cortada pela rua principal do cemitério.

Para os que não sabem, o Cemitério da Saudade surgiu da desapropriação do ato 17, de 9 de julho de 1931, assinado pelo prefeito de São Bernardo do Campo na época, Armando Ítalo Setti. Era uma área de 20 mil metros quadrados, dentro do imóvel Meninos e Meninos Novo, na época situada no Bairro da Cerâmica, que hoje faz parte do Bairro São José. O nome Necrópole da Saudade foi dado ao cemitério no dia 3 de outubro de 1932, por meio do ato 38, do mesmo prefeito.

O Bairro São José é cercado de religiosidade e histórias de migrantes nordestinos. Essa fama ganhou força nas décadas de 1940 e 1950 com as primeiras construções de cortiços da região. Muitas famílias vindas do Nordeste buscavam o bairro para trabalhar na Cerâmica São Caetano. Um dos cortiços mais famosos desta época era o do Batata Assada, que, na verdade, se chamava Antônio da Fonseca Martins. Nada mais resta desta

habitação, que ficava na Rua Padre Mororó.

Muitos moradores do bairro se recordam de Ernesto Toretta, entre eles estão Wilson Maria, 65 anos, e José Pires Maia, 74. Eles contam que Toretta era um homem bom, conhecido no bairro inteiro e respeitado como benzedor. Sua fama era tão grande, que pessoas de toda a cidade o procuravam para curar os males da alma e do corpo.

Toretta nasceu no dia 10 de maio de 1909 e faleceu no dia 3 de maio de 1970. Ele era casado com Maria Pereira, que nasceu no dia 24 de dezembro de 1909 e faleceu no dia 13 de junho de 1998.

Ernesto Toretta era considerado um benzedor diferenciado por demonstrar carinho, bondade e simplicidade. As pessoas o procuravam para serem benzidas e eram curadas pela fé que dirigiam a ele.

Para o morador Wilson Maria, Toretta não fazia milagres. “As pessoas tinham uma determinada doença, tomavam remédios e nada resolvia. Ficavam sabendo deste homem e acreditavam que seriam curadas. Com certeza, Deus usava as mãos dele através de sua simplicidade e bondade e assim aconteciam as coisas. Muitas pessoas vinham de outros bairros para pedir a cura. No entanto, hoje poucas se lembram deste homem”, afirma. (Priscila Gorzoni) **R**

NOTAS

¹ Termo definido por Pierre Nora no texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares*.

² Termo citado por Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva*

NOTAS

MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.

RUSSO, Alexandre Toler. *Caminhos da fé: itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.

Suzeti Rocha

Moda de Outrora

CHAPÉUS

Nos países tropicais, o uso dos chapéus tem função protetora do sol e das intempéries. Nas nações de clima frio, o chapéu tem seu uso mais frequente, sobretudo como proteção do vento e temperaturas baixas. É um acessório importante que, por meio de diferentes formas, materiais e cores, pode caracterizar a personalidade de determinada pessoa.

A palavra chapéu provém do latim antigo *cappa*, *capucho*, que significa peça usada para cobrir a cabeça. Servia como fator de distinção de classes na sociedade.

Após a Renascença, nos séculos 14 e 15, os chapéus masculinos adquiriram diversos formatos, sendo ricamente enfeitados e usados por homens poderosos. Data desta época o aparecimento, na Itália, das boinas, constituídas de uma peça circular de tecido franzido nas laterais, contendo uma faixa por onde passava um cordão ajustável. Durante a Revolução Francesa (1789-1799), quando as vestimentas foram influenciadas de modo a torná-las mais simples, surgiram os chapéus de copa alta e formato côncavo, que se desenvolveram até darem origem às cartolas.

Com o surgimento do uso da fibra de palha, na metade do século 17, suíços e italianos criaram uma imitação de palha feita de papel, papelão, grama e crina de cavalo, o que tornou o chapéu de palha economicamente mais acessível.

Nas primeiras décadas do século 20, os chapéus masculinos pouco mudaram quando comparados aos femininos, que conheceram uma diversidade de tipos e variações.

Os anos de 1920 foram um período no qual os chapeleiros usaram de muita imaginação para englobar o modo de vestir das nações mais distantes, de culturas pouco conhecidas. Inspirações vinham do Egito, China, Japão e Rússia.

Nos anos 1930, em consequência da queda da bolsa de valores de Nova Iorque, a crise financeira encareceu a produção dos chapéus, por isso esses ficaram reduzidos a boinas e casquetes, usadas por Marlene Dietrich no cinema e que também tinham um diferencial de estilo, pois misturavam looks masculinos (hoje são conhecidos como looks andróginos e chapéus do tipo boinas).

Na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, diversas dificuldades atingiram o mundo da moda, principalmente quanto às matérias-primas. Nessa época foram usados novos

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Piquenique da família Santarelli, realizado na Vila Galvão, em São Paulo, em 2 de abril de 1934. Mulheres e crianças utilizam o acessório

Mulheres com modelos clássicos de chapéus durante distribuição de brinquedos aos filhos dos funcionários da Cerâmica São Caetano na época do Natal, no ano de 1945

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



materiais, também nos chapéus. Esses passaram a ser a marca registrada da atriz Vivien Leigh, e podem ser vistos no filme *E o Vento Levou*, do diretor Victor Fleming.

Já nos anos 1950, com o fim da recessão, as *maisons* – lojas de alta-costura – passaram a investir no luxo e no glamour, com chapéus gigantes com plumas, casquetes, etc. Entre as que investiram nesse acessório estavam: Pierre Cardin, Balmain, Balenciaga, Paulette e Alboux.

Nos anos 1960, o ícone de moda e beleza foi a atriz Brigitte Bardot que usava o enorme chapéu *floppy hat*, confeccionado em palha. Este modelo foi revisitado recentemente, com famosas usando chapéus nesse estilo e de diversos materiais (uma tendência do verão de 2011).

Na década seguinte, os anos 1970, o chapéu foi esquecido. Já nos anos 1980, ele voltou a ser importante peça de vestuário, contando com forte influência da princesa Diana que o usava com frequência em seus looks. Os modelos da época iam dos clássicos aos mais extravagantes. Nos anos 1990, a moda foi para o minimalista e investiu no chapéu boina, usado por Julia Roberts, no longa *Uma Linda Mulher*.

Hoje em dia o uso do chapéu é mais restrito, sendo usado por algumas culturas e para eventos específicos. **R**

Angela Martorelli e sua amiga Lola na saída da missa da Igreja Matriz Velha, em 1919. Nota-se a maioria dos homens vestindo chapéus



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

SUZETI ROCHA
É PROFESSORA DE MODA,
PÓS-GRADUADA EM HISTÓRIA
DA ARTE E ESPECIALISTA EM
HISTÓRIA DA MODA.

Humberto Pastore

RECORDANDO NOSSAS RAÍZES

EDIÇÃO Nº 3

Ilustrando a capa e a contracapa da revista *Raízes* número 3, datada de julho de 1990, uma bela foto da Igreja Ortodoxa Ucraniana Autocéfala Paróquia São Valdomiro, que tem sua sede na Rua dos Ucranianos, no Bairro Barcelona, em São Caetano do Sul. Nas 56 páginas da publicação, muitas histórias associadas a imagens em preto e branco.

As 11 primeiras páginas trazem as recordações de Henry Veronesi. De uma forma gostosa, sua narrativa vai sendo irradiada e somos brindados com relatos de sua infância, sempre intercalados com fotografias que nos remetem a uma São Caetano do início do século passado.

Na revista *Raízes* desse período, estão sempre presentes também os artigos do professor José de Souza Martins. Nesta edição sua contribuição tem como título *O bairro de São Caetano no censo de 1765*. Isto mesmo: 1765. Sua rica pesquisa vale ser lida pela população atual, para que todos tenham acesso a nossa real história. Só para dar um aperitivo informamos que o censo arrolou a existência de 11 famílias e seus 37 membros.

Definido como uma “crônica de uma época” pelo próprio autor Jayme da Costa Patrão, seu escrito descreve a história verídica do “bondinho das professoras”, inclusive apresentando o registro fotográfico de um destes bondes que servia a comunidade em 1925.

O desempenho dos principais candidatos

nas eleições presidenciais de 1989 na região do ABC é enfocado no estudo da professora Maria Tereza Aina Sadek. A Passeata do Silêncio e o movimento estudantil na década de 1960 são os temas tratados no trabalho de Oscar Garbelotto. Estes acontecimentos foram marcantes para a geração daquele período.

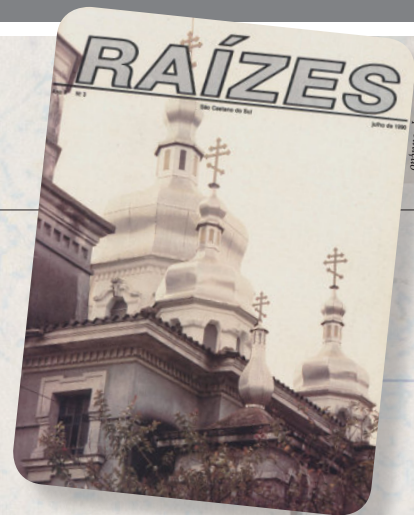
A seção *Memória Fotográfica* abrange, nesta edição, quatro páginas e 12 fotografias com legendas explicativas. O jornalista Ademir Medici também se faz presente com o trabalho *Crônicas da rua Baraldi*. E *Passatempos Prediletos*, com as opções de lazer dos primeiros moradores de São Caetano, é o relato apresentado por Claudinei Rufini.

Em três páginas, Antonio de Andrade abre a revista para um tema regional ao abordar *Mauá, o barão e o desenvolvimento do ABC*. Já Valdenizio Petrolli preferiu nos presentear com o estudo *Brasão e bandeira de São Caetano do Sul* (origem, cronologia e crítica).

Mario Botteon decidiu falar sobre a família de Fernando Capuano. E no espaço *Homenagem*, o perfil apresentado é o do primeiro prefeito da cidade, Ângelo Raphael Pellegrino, em trabalho de autoria de Sonia Maria Franco Xavier. Terminando a edição, um pequeno artigo intitulado *Em busca das próprias raízes*, escrito pelos organizadores da revista. **R**

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

É JORNALISTA E ESCRITOR. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.



Marlene Gezelman

FAMÍLIA GESELLMANN:

89 ANOS EM SÃO CAETANO DO SUL



Filha de Wilhelm e Magdalena Čaja, pequenos agricultores, assim como João, foi para os Estados Unidos à procura de uma vida melhor.

João e Viktória passavam a semana trabalhando muito. Ele, na agricultura, e ela, como empregada doméstica. No tempo livre, aos domingos à tarde, gostavam de dançar. No dia 8 de março de 1909, eles se casaram em Saint Louis, no Missouri (Estados Unidos). Não sabemos se moravam na cidade ou se apenas lá se casaram. Brevemente, seu primogênito Mathias nasceu.

Após o nascimento do primeiro filho, eles voltaram para a Europa/Sredichte, cidade natal de João. Em 1911, nasceu Elisabeth, que veio a falecer logo em seguida. Por motivos familiares, mudaram para Kikinda, cidade situada no nordeste de Belgrado, onde viviam os irmãos de Viktória. Entretanto, a volta para o país natal não foi muito feliz, pois, com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, João foi convocado como soldado do exército austro-húngaro.

Ele lutou na Rússia, onde permaneceu por alguns anos como prisioneiro de guerra. Na segunda tentativa de fuga conseguiu atingir Viena a pé. No período durante o qual ficou preso, não obteve nenhum tipo de informação sobre o desenvolvimento dos conflitos e do estado de miséria em que o povo europeu estava vivendo. Foi um choque muito grande quando, ao atingir a estação central de Viena, maltratado, mal- -tratado, com fome e no poder somente de uma velha e seca fatia de pão, foi cercado por crianças esfomeadas, pedindo esmola e querendo sua comida.

A foto mostra a família por volta de 1940, diante da sua casa na Rua Cassaquera, na então Vila Ressaca. Em pé, da esquerda para a direita, vemos: Anton Gesellmann, Martin Gesellmann, Mathias Gesellmann, Rodolfo Gesellmann e José Gesellmann. Sentados: Viktória Gesellmann e João Gesellmann

A família Gesellmann, proveniente do Banato, região hoje pertencente à atual Sérvia, emigrou para o Brasil para trabalhar na agricultura, em princípios de 1924, e se estabeleceu desde então em São Caetano do Sul. Mas, antes de chegar aqui, um longo caminho foi percorrido.

João Gesellmann nasceu no dia 5 de agosto de 1885, em Veliko Sredichte, povoado situado no sudeste de Belgrado, na atual Sérvia. Filho de Jakob e Margarethe Gesellmann, aprendeu, no sítio do pai, e ao lado do irmão, Anton, todos os trabalhos relativos à agricultura.

Com aproximadamente 20 anos, emigrou para os Estados Unidos. Partiu no navio S S Slawonia, em 27 de abril de 1905, do Porto de Fiume, hoje Rieka (Croácia), em direção a Nova Iorque. Lá desembarcou em 14 de maio de 1905. Seu destino final era a cidade de Mansfield, em Ohio.

Logo conheceu uma moça, pela qual se enamorou. Viktória Čaja nasceu no dia 9 de fevereiro de 1885 em Nerau, atual Sinnicolau Mare (Romênia).

Fotografia do passaporte recebido pela família em 1923. João e Viktória aparecem com os filhos Mathias, Martin, Antonio, José e Kristina

Somente naquele momento João concientizou-se do que havia ocorrido nesses anos de captura. Sua preocupação maior foi obter informações sobre sua família. Mas Viktória lhe escreveu, dizendo que ele deveria vir para casa, pois tinham o suficiente para comer. Sua esposa e filhos tinham sobrevivido aos anos de guerra com muito vinho e pão, feitos por ela mesma.

Nos anos seguintes, a família viveu em Kikinda, trabalhando na agricultura, vinicultura e na modesta criação de pequenos animais. Em uma época de grande inflação e situação política instável na então Iugoslávia, João Gesellmann e Viktória temiam uma nova guerra. Desta forma, providenciaram passaporte e visto de entrada para o Brasil, que estava recebendo imigrantes agricultores. Em dezembro de 1923, em posse do passaporte familiar, partiram com seus filhos Mathias, com 14 anos, Martin, 10, Antonio, 8, José, 4, e Kristina, que tinha 1 ano de idade. A mais nova acabou falecendo em 3 de maio de 1924.

A viagem foi de trem, passando pela Eslovênia, Áustria, Suíça e, finalmente, chegando a Cherbourg (França), onde tomaram o navio (Desna), partindo rumo ao Brasil. Por fim, no dia 14 de março de 1924, desembarcaram no Porto de Santos e continuaram sua viagem pela Estrada de Ferro Santos-Jundiáí até a Hospedaria dos Imigrantes, no Bairro do Brás, em São Paulo. Um agente de viagens os acompanhou por todo o trajeto, descrevendo os privilégios da agricultura brasileira. Espigas de milho gigantescas eram descritas, enquanto infinitos bananais eram vistos pela janela do trem. Ao descerem na estação Brás foram recepcionados por uma chuva de laranjas embrulhadas em panfletos, advertindo-os para não irem às fazendas de café, pois todas as promessas não eram cumpridas.

Na hospedaria, receberam os primeiros cuidados médicos. Nos dias que se seguiram, ficaram no local, com outros imigrantes que já haviam chegado há mais tempo. Estes confirmaram as informações dos panfletos. Viktória, muito cautelosa, convenceu o marido a não ir para uma fazenda de café. Assim sendo, alugaram, em conjunto com outras famílias



imigrantes, uma casa na Rua da Moóca.

Outra vez a vida dos Gesellmann foi fortemente influenciada por problemas políticos. No dia 5 de julho de 1924, estourou a revolta do tenentismo em São Paulo, um motim de caráter político-militar, no qual os tenentes do exército lutaram pelo poder no país. Seus objetivos eram eliminar a corrupção estadual e federal, introduzir as eleições secretas, criar uma economia nacional e escolas para todas as crianças do país. No começo da revolução, os tenentes receberam o apoio generalizado da população. Mas logo as intenções do proletariado já não eram mais compatíveis com as dos tenentes, que apenas queriam modernizar o antigo governo.

Os revolucionários assumiram todos os pontos e funções estratégicas da cidade de São Paulo. Durante a ocupação, houve vários combates armados entre os tenentes e as tropas do exército, e a vida no Bairro da Mooca se tornou impossível.

João, com mulher e filhos, teve de abandonar sua casa, e fugir com bandeira branca hasteada, entre as tropas combatentes, até atingir a Estação da Luz. Lá tomaram o trem para Campinas, onde encontraram moradia num hospital. No final da revolução, voltaram para sua casa na Moóca e João logo assumiu seu primeiro emprego na Cervejaria Antártica, onde trabalhou até se aposentar.

Em finais de 1924, compraram um terreno em São Caetano do Sul, na antiga Rua Bom Jesus, nº 28 (mais tarde nº 216) - atual Alameda Cassaquera. Seus vizinhos também eram imigrantes iugoslavos e romenos. Todos se integraram nas vilas Ressaca e Paula (como eram chamados os bairros na época) como parte de uma grande família.

Visto que o terreno era relativamente grande e que, nas redondezas da Vila Ressaca, existia muito

mato, além da várzea do Córrego dos Meninos, a família pôde fazer do terreno um pequeno sítio. Criavam vacas, porcos, galinhas, patos, gansos e abelhas.

Na horta cresciam legumes, verduras e árvores frutíferas. As vacas pastavam diariamente na várzea do córrego. Quando elas voltavam no final do dia, Viktória as recebia com um pedaço de pão na porta da cozinha. Assim, os animais eram recompensados por voltar para casa e, ao mesmo tempo, adestrados. O leite produzido por elas era vendido pela família. Diariamente, antes de ir para a escola, o filho José levava dois recipientes com a bebida para as leiterias.

No fundo do quintal, havia, aproximadamente, 100 caixas de abelhas. A coleta de mel era feita nos fins de semana por João e seus filhos Mathias e Rodolfo. As grades com os favos eram instaladas em um grande cilindro metálico com fundo cônico como um funil, que era ligado a um motor que girava. O mel era removido do favo pela centrifugação e envasado em latas de 18 litros e em vidros. Era vendido na feira semanal no Bairro da Fundação. Das laranjas colhidas no quintal, Viktória produzia um vinho para consumo próprio, que era muito apreciado pelos amigos mais próximos.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a vida dos Gesellmann foi novamente influenciada por circunstâncias políticas. Com a partida de João para Kikinda, na década de 1910, e mais tarde a imigração para o Brasil, seu irmão, Anton, acabou herdando o sítio do pai em Veliko Sredichte (Iugoslávia). A propriedade pertenceu à família de Anton Gesellmann até o segundo conflito mundial. Como habitantes de origem alemã, Anton e sua família foram perseguidos pelos iugoslavos/sérvios, até que conseguiram fugir, abandonando todos seus pertences, para Nuremberg (Alemanha), onde viveram até morrer. A vida deles no país também foi muito difícil por causa da guerra. João procurava ajudar seu irmão, enviando continuamente pacotes com café e cigarros para serem vendidos no mercado negro.

João Gesellmann faleceu no dia 9 de junho de

1971, e está sepultado no Cemitério São Caetano. O falecimento de Viktória ocorreu em 29 de dezembro de 1943, também sepultada no Cemitério São Caetano.

Os filhos de João Gesellmann e Viktória:

- Mathias Gesellmann nasceu em 29 de julho 1909, nos Estados Unidos e faleceu em 3 de julho de 1974. Foi sepultado no Cemitério São Caetano;
- Martin Gezelman nasceu em Kikinda, no dia 27 de julho de 1913. Seu falecimento ocorreu em 5 de julho 1988 e foi sepultado no cemitério de São Pedro do Timbó (Santa Catarina);
- Anton Gesellmann nasceu em 7 de abril de 1915, em Kikinda, e faleceu em 6 de março de 1989. Está sepultado no Cemitério São Vicente, em Ponta Grossa (Paraná);
- José Gezelman nasceu em 17 de novembro de 1919, em Kikinda;
- Kristina Gezelman nasceu em 21 de outubro de 1922, também em Kikinda, tendo falecido em 3 de maio de 1924. Foi sepultada no cemitério do Brás, em São Paulo;
- Rodolfo Gesellmann nasceu em 18 de outubro de 1925, em São Caetano do Sul. Seu falecimento ocorreu em 14 de novembro de 2003. Foi sepultado no Cemitério São Caetano.

Os descendentes dos Gesellmann vivem hoje em São Caetano do Sul, Curitiba (Paraná) e São Pedro do Timbó (Santa Catarina). Restam alguns comentários sobre a ortografia do nome Gesellmann. A forma Gesellmann é a ortografia original alemã, enquanto que Gezelman é o mesmo nome, porém escrito no alfabeto servo-croata.

O império austro-húngaro, que tinha o alemão como língua oficial, foi dissolvido no final da Primeira Guerra Mundial (a região do Banato fazia parte deste império), dando origem a vários novos países, entre eles a Iugoslávia, cujo idioma oficial era o servo-croata. A emissão do passaporte familiar para a imigração foi feita pelas autoridades iugoslavas, de forma que o nome Gesellmann foi escrito no alfabeto servo-croata, passando a ser Gezelman.

Com a mudança na ortografia do nome, toda a família, gerações atuais e futuras, foi mais uma vez afetada por circunstâncias políticas, pois alguns descendentes carregam o nome com ortografia alemã, enquanto outros têm o nome com ortografia servo-croata. **R**

MARLENE GEZELMAN

É GENEALOGISTA E BACHAREL EM LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS E PORTUGUÊS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP).

Talita Scotá Salvatori

FAMÍLIA SCOTTA

UMA HISTÓRIA DE
RESISTÊNCIA NAS
LEMBRANÇAS
DE LUIZA SCOTTÁ

“Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.”

Ecléa Bosi

Sempre que se fala em migração e urbanização de São Caetano do Sul, antes da era dos loteamentos, a família Scotta é lembrada como uma das primeiras famílias a possuírem terras no Bairro Nova Gerty, ao lado dos Fiorot. Essas terras ficaram conhecidas popularmente como “Mata da Viúva”. Sabe-se, por alto, que, na década de 1940, meninos da Vila Paula e outros bairros centrais passavam as tardes na “Mata da Viúva” procurando por ossos de vacas, de bezerros e outros animais para serem vendidos e transformados em botões. Mesmo que nunca tenham visto a “suposta” viúva, morriam de medo de sua lenda. Ainda há registros da desapropriação dessas terras por parte do poder público municipal.

Com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre esta família e de lhe dar a oportunidade de ser referenciada no processo de construção da história da cidade de São Caetano do

Sul, contamos com o valioso e esclarecedor depoimento de Luiza Scottá Marzano, a caçula e única filha viva dos imigrantes italianos Domingos Scotta e Santa Viel Ferro Scotta. Ao receber nosso convite, ela prontamente concordou em colaborar com a pesquisa.

História - Atualmente, Luiza mora sozinha em uma casa no Bairro Oswaldo Cruz. Viúva e mãe de dois filhos, teve que desempenhar sozinha os papéis de pai e mãe da família. Começou em seu primeiro emprego muito jovem, aos 12 anos, em uma cerâmica e fábrica de estatuetas de barro, localizada na Rua Amazonas. Trabalhou também, posteriormente, nas empresas Louças Claudia, Cerâmica São Caetano e São Paulo Alpargatas Company S.A.

Aos 91 anos, muito receptiva e espontânea, começa a narrar algumas lembranças da família e de sua história de vida: “São lembranças



Arquivo/Luiza Scottá Marzano

Luiza Scottá
Marzano
quando jovem

que não agradam nada. São coisas que machucam a gente.” É começando assim seu depoimento que, mais adiante, conseguiremos compreender as emoções e perspectivas de mundo que Luiza Scottá Marzano carrega consigo.

Esta primeira frase denota claramente o sentimento de impotência diante dos inúmeros infortúnios que viveu. Enfrentando muitas situações de privação, ela resistiu e sobreviveu para reconstruir sua história, podendo agora compartilhar com a sociedade alguns pequenos e preciosos fragmentos de sua memória.

“Chamo-me Luiza Scottá Marzano, nasci no dia 25 de novembro de 1922, em São Caetano do Sul. Sempre assinei meu sobrenome com dois ‘t’, mas sei que alguns assinam com um só.

No ano de 1895, vieram para o Brasil, desembarcando no Porto de Santos, minha avó paterna, Augusta Scotta, meu pai, Domingos Scotta, e minha mãe, Santa Viel Ferro Scotta. Não cheguei a conhecer minha avó. E meu pai, diziam que eu tinha apenas seis meses quando ele morreu.

Minha mãe, nascida em 1º de novembro de 1882, natural de Udine, na Itália, era uma mulher de personalidade forte, não gostava de muita coisa errada. Mas comigo, que era a caçula, ela era legal. Dava-me mais coisas. Éramos nove irmãos: Augusto, João, Orlando, Antonio, Augusta, Francisca, Angelina, Maria e eu. Fui a única que sobrou para contar a história!

A relação da minha mãe com os vizinhos, ao contrário do que se pensa, era boa. Sempre que tinha farinha, ela fazia pão e corria para aprontar a mesa para servir com café a quem fosse à casa. Lembro-me que ela tinha aquelas jarras de bala e enchia de pinga com um pouco de açúcar, colocava cambuci e curti a pinga. Ficava parecendo um licorzinho.

Éramos muito simples, não existia muito diálogo e, por isso, não tínhamos muito assunto e nem muito afeto.

Ela não era aquela religiosa fanática de ir à igreja todos os dias, mas, como uma boa italiana, estava sempre com seu livro de reza à mão. Lembro-me que ela não tinha terço, então pegava um barbante, fazia os nós do terço e era com esse terço de barbante que ela rezava.

Naquela época ainda não havia feira livre em São Caetano. Íamos a pé até Santo André. Ela adorava! E, sempre que podia, na volta, nos presenteava com algo para comer.”

Mata da Viúva – “O terreno era enorme, aproximadamente quatro alqueires, ia do final da Visconde de Inhaúma até lá em baixo, na barroca da Vila Nova.

Luiza Scottá
Marzano
(terceira da
esquerda para
a direita) na
12ª Festa
“ALPARGA-
TAS”, São
Paulo, 1952

Arquivo/Luiza Scottá Marzano

12.ª FESTA “ALPARGATAS” SÃO PAULO, 1952

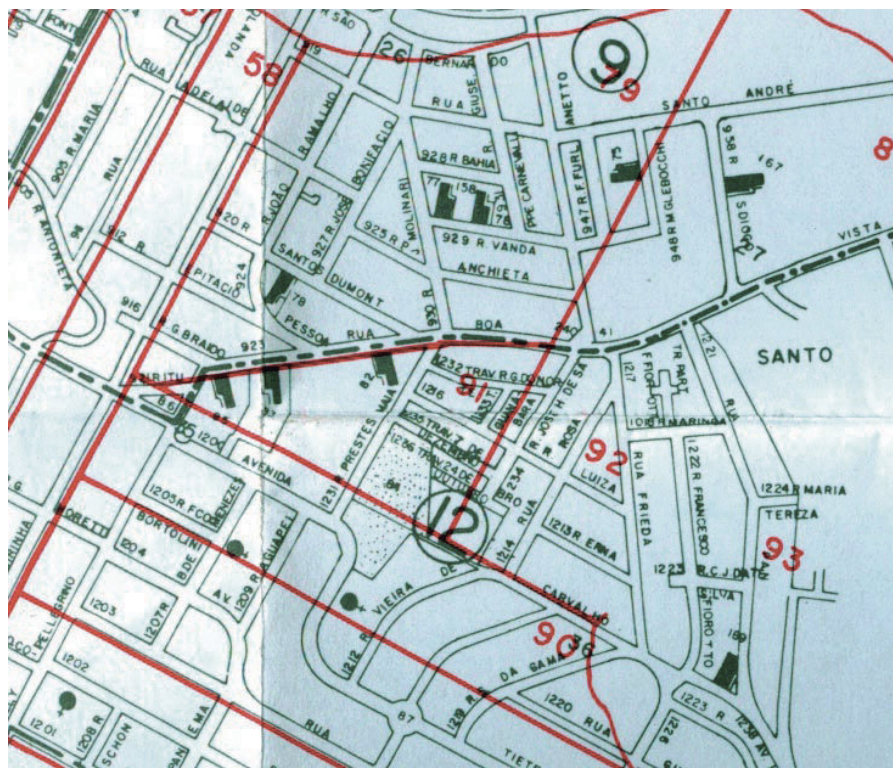
A casa era grande. Tinha cozinha, sala com um enorme corredor e dois quartos. Um para os homens e outro para as mulheres. Lembro-me que os quartos eram de terra batida. Na casa não havia banheiro, íamos ao mato mesmo e tomávamos banho de bacia. Lembro-me também que no terreno havia um poço enorme e que, apesar de não ser muito fundo, eu morria de medo de cair lá dentro.

Havia uma horta. Carpiamos para plantar batata, feijão e milho. Havia também vaca, porco, cavalo, burro. O cavalo se chamava Valente, mas era muito teimoso, você ia para um lado e ele para o outro. E a vaca era a Princesa.

Tínhamos pé de pera, laranja, eucalipto. Em 1944, colocaram uma antena de rádio no alto do pé de eucalipto. Minha mãe adorava fazer suas tarefas escutando o rádio!

Uma das lembranças que mais me marcaram eram os tombos e escorregões que eu levava na baixada da Visconde. Da Rua Nelly Pellegrino até a Igreja da Candelária era só barro.”

Desapropriação - Em 1958, Santa Viel Ferro Scotta recebeu um forte golpe. Foi notificada pelo poder público municipal sobre a desapropriação de suas terras. Luiza recorda o drama



que viveu: “Chegamos a passar fome por causa daquele terreno, para não atrasar os impostos, conseguir pagar tudo em dia. Mas não se preocuparam com a parte emocional das pessoas.

Posso dizer que minha mãe morreu foi de desgosto. Dizia que só sairia de lá morta. E morreu logo em seguida, no ano de 1964. Imagina você viver praticamente 82 anos no mesmo lugar e ver um trator passando por cima de tudo que é seu, de tudo que lutou para conquistar? Aquilo acabou com minha mãe!

Eu fui a única filha que chegou a ir até a prefeitura para reclamar. Não tínhamos instrução, não sabíamos como lidar com aquela situação. Mas a luta maior mesmo foi depois da de-



Santa Viel Ferro Scotta, imigrante italiana, natural de Udine. Nasceu em 1º de novembro de 1882, filha de João Batista Viel Ferro e Francisca Viel Ferro. Desembarcou em 6 de abril de 1895 no Porto de Santos, e adquiriu terras no bairro Nova Gerty, em São Caetano, onde viveu até 1964, ano de seu falecimento

Planta do Núcleo Colonial de São Caetano em 1877. Nota-se o lote nº 91, de propriedade da família Scotta

ACERVO/LIBRERIA SCOTTA MIRZANO

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ESTADO E CAPITAL DE SÃO PAULO
DISTRITO DE SÃO PAULO
6.º SUBDISTRITO — BRÁS
Registro Civil: RUA MARIA MARCOLINA, 16

HERMES DE MENDONÇA
OFICIAL VITALÍCIO
DR. LAURO SOARES DE MENDONÇA
SUCESSOR VITALÍCIO

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Livro 7 Folhas 99 N.º 113

CERTIFICO e dou fé, que no dia 28 de abril de 1900,
neste 6.º subdistrito - Brás em cartório,
às _____ horas, perante o Juiz de Paz e Casamentos Major Albino Soares Bairão
depois das formalidades legais receberam-se em matrimônio Domingos Scotta
e dona Santa Viel Ferro, solteira, que adotará
o nome de _____
ele nascido na Itália, com vinte e quatro anos de idade residente neste distrito,
filho de Augusto Scotta
e de dona Augusta Scotta
ela nascida na Itália, com vinte e um anos de idade residente neste distrito,
filha de Baptista Viel Ferro
e de dona Francisca Viel Ferro

Obs: _____

6.º Subdistrito, Brás, 27 de Julho de 1949

O Oficial Dr. Lauro Soares de Mendonça

Reconhecer a firma no
17.º Tabelião - ARMANDO SALES
RUA FELIPE DE OLIVEIRA, 32
(Próximo ao Palácio da Justiça)
Fones: 4-932 e 3-825 SÃO PAULO

EMOLUMENTOS
8,00
5,00

Certidão de casamento dos
imigrantes italianos
Domingos Scotta e Santa Viel
Ferro Scotta, 1900

sapropriação, quando cada um teve que lutar por si próprio para sobreviver.”

É intrigante observar um rosto experiente a recordar, com semblante sereno, entoando um discurso honesto sobre as intempéries e obstáculos da vida. A resiliência é edificada valendo-se das próprias memórias, despindo-as do peso de serem boas ou ruins. Assim como afirmou a filósofa Marilena Chauí, “a verdade não pode scandalizar”. Todo fato desvelado pode agregar, transformar e enriquecer, de alguma forma, o processo de construção da história da humanidade. **R**

Transcrição do texto original: CERTIDÃO DE CASAMENTO / Livro 7, Folhas 99, N.º 123. CERTIFICO e dou fé, que no dia 28 de Abril de 1900, neste 6.º subdistrito – Brás, em cartório às – horas, perante o Juiz de Paz e Casamentos Major Albino Soares Bairão, depois das formalidades legais receberam-se em matrimônio Domingos Scotta, solteiro e Dona Santa Viel Ferro, solteira que adotará o nome de –. Ele, nascido na Itália, com vinte e quatro anos de idade, residente neste distrito, filho de Augusto Scotta e de dona Augusta Scotta. Ela, nascida na Itália, com vinte e um anos de idade, residente neste distrito, filha de Baptista Viel Ferro e de dona Francisca Viel Ferro. Observações: - 6.º Subdistrito, Brás, 27 de Julho de 1949. O Oficial Dr. Lauro Soares de Mendonça.

Em dedicatória à família,
um poema de Carlos
Drummond de Andrade:

MEMÓRIA
Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MARTINS, José de Souza. *Diário de fim de século: notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano do Sul no Século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
- _____. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*. São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. 2. Ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2002.
- MÉDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.

TALITA SCOTÁ SALVATORI

É HISTORIADORA, GRADUADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ, E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Leonilda Verticchio

ELES CONHECERAM O FOGO DO INFERNO, SENTINDO O FRIO, O GELO, A NEVE...



www.verticchio.com.br

Símbolo da Força Expedicionária Brasileira, que trazia uma cobra fumando

A data do relógio do computador insiste em chamar minha atenção, porém eu já sabia o que significava esse dia e mês. Há 68 anos, o dia 6 de maio de 1945, um domingo, foi de intensa alegria em São Caetano do Sul, em todos os cantos do Brasil e também em todo o mundo. O motivo do contentamento eram as primeiras notícias de que a Segunda Guerra Mundial havia terminado. A confirmação oficial veio dois dias mais tarde. A paz foi alcançada depois de muita destruição, dor, sofrimento e tantas jovens vidas perdidas.

A participação do Brasil no maior confronto bélico do século 20 teve início no final de 1944, quando a Força Expedicionária Brasileira (FEB) enviou cerca de 25 mil expedicionários para a Itália. Todos imbuídos de muita coragem para fazer a “cobra fumar”²¹. Os combatentes do Brasil ajudaram a expulsar tropas nazistas do norte da Itália e a pôr fim ao grande conflito.

Eles partiram para uma luta que não tinha sido travada pelo Brasil, uma batalha que não era deles, para defender um povo que não era o seu, em terras estranhas, onde mal entendiam o idioma. Para que a paz voltasse a reinar no mundo, nossos jovens se tornaram soldados no terror das batalhas, tendo também que enfrentar o inverno italiano, muito rigoroso.

São Caetano do Sul teve seus representantes nesta guerra. Da localidade seguiram rapazes bonitos, saudáveis, mas que em matéria de combate deveriam ser tão inocentes quanto os jovens das cidades que iriam defender. Acredito que as guerras que conheciam eram as dos filmes norte-americanos passados nos cines Central e Max, nos quais os soldados nunca

morriam e sempre recebiam medalhas.

O artigo *FEB, cinquenta anos depois*, de autoria de Sílvio José Buso, publicado na revista *Raízes* nº 6 (janeiro de 1992), publicou a lista dos expedicionários de São Caetano, conforme segue: Alexandre Marcossi, Alfredo Guido, Amaro Francisco Alarça, Arlindo Maurício Pereira, Aníbal Ferrari, Antonio de Múcio, Américo Oliveira Silva, Aparecido de Campos, Althayre Broso, Antonio Crivellaro, Cezário Antonio Bortolini, Danilo Serafim, Dias Bedore, Egydio Demambro, Eurides Gomes Fernandes, Eduardo Cruz, Gerval Bispo Varjão, João Aguiar Elizon, João Morlan Martinez, José Bianchi, José Clemeniano de Carvalho, José Frederico Furlanetto, José Maria Lobato Atan, José Rosa de Castro, Júlio Fachini, Lecarião Pereira de Mello, Lauro Gomes, Lourival Marques da Silva, Lucas Gonzales, Luiz Grecco, Manoel Eli-son da Silva, Manoel Gonçalves Zodra, Orfeu Bertelli, Orlando João Forcine, Pedro Mainente, Pedro Peres, Raimundo Veriano de Araújo, Roberto Baade, Roberto Bissule, Rodolpho Kühne, Rosário D’Amico,

Salustiano Motta, Sérgio Monteiro dos Santos, Silvio Pinheiro André, Torquato Fratti, Victorino Nicareto e Walter Fazzoni.

O Exército Brasileiro sempre preparou os jovens para a defesa do país e não para estratégias de guerra. Prova disso são as tropas já enviadas em missões de paz e ajuda para países como Angola e Haiti.

Em tempos como os de hoje, não há distância que a tela do computador não encurte. Os anos passados retornam às nossas memórias rapidamente. Por meio da internet, pude ter acesso a informações de várias comunas italianas que receberam soldados brasileiros e que lá mantêm esta memória de guerra preservada. Descobri que muitas delas ergueram monumentos para homenagear os combatentes. No depoimento de alguns pracinhas de São Caetano, que constam no artigo *João Aguiar e suas memórias de Guerra*, escrito por Jocimara Sperate e publicado na revista *Raízes* nº 9 (julho de 1993), eles lembraram, em meio às recordações da luta e do frio, das cidades que os acolheram como amigos, como foi o caso de Montese, Fornovo di Taro, Collecchio, Monte Castello, Zocca, Ponte Scodogna, entre outras.

Daqueles 25.334 soldados que deixaram o Brasil para lutar na Europa, 467 não voltaram. Na comuna de Pistoia, na região da Toscana, foi construído o Cemitério Militar Brasileiro, onde foram sepultados 443 soldados. Em 1960, os restos mortais dos combatentes foram repatriados e, no local, foi erguido o Monumento Votivo Militar Brasileiro.

Em Montese, na região da Emilia Romagna, o museu local conta parte da história brasileira na Batalha de Montese durante o conflito, por meio de fotografias e objetos. Em 2007, um busto em homenagem ao sargento Max Wolff Filho, considerado herói de guerra, foi inaugurado na comuna que denominou, ainda, uma rua e uma praça em homenagem à FEB.

Outras comunas como Gaggio Montano, Vergato, Santa Croce Sull'Arno, Castelfranco Di Sotto, Fanano, Porreta Terme, Collecchio, também contam com monumentos e marcos que reverenciam a parti-

Soldados da FEB. Entre eles, foram identificados: Alfredo Guido, José Furlanetto, Oswaldo Perrella, Cezário Antonio Bortolini, Manoel Elison da Silva, João Morlan Martinez, Amaro Francisco Alarça, Rodolpho Kuhne, Egydio Demambro e Alexandre Marcossi

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/Comuna de Montese

Hoje as cidades italianas nos oferecem paisagens maravilhosas, sem nenhum sinal do ontem, nem das vidas perdidas, muito menos da destruição. Imagem da comuna de Montese



Acervo/Comuna de Montese

Os tons de verde da paisagem, como esta em Montese, atualmente nos remetem à alegria, luz, esperança e paz

cipação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Depois destas descobertas, resolvi fazer contato com algumas cidades, na esperança de retorno sobre nossos pracinhas. Para meu espanto, consegui mensagens de resposta assinadas pelos próprios prefeitos, o que, na minha opinião, ressaltou o quanto nossos brasileiros foram importantes por auxiliar a Itália na guerra.

Destaco, na sequência, algumas mensagens recebidas, que fico feliz em compartilhar com os leitores de *Raízes*.

Fornovo di Taro

Eu fiquei emocionada ao encontrar um endereço eletrônico para enviar um email para a prefeitura de Fornovo, contando sobre a recordação dos pracinhas sul-são-caetanenses e das lembranças das cidades que os acolheram. A resposta de Emanuela Grenti, prefeita, me surpreendeu, pois me pareceu que ela sabia do que eu estava falando, da cidade de São Caetano:

Sono molta contenta che abbia scritto. Dobbiamo continuare a testimoniare il grande contributo que l'Exercito Brasileiro há rezo al nostro Paese, nella lotta di liberazione e dell amecisia che si é instalata con i nostri partigiani e i nostri cittadini. Spero di avere suoi contatti. Um abbraccio e um saluto sincero, Emanuela Grenti

(Estou muito contente que tenha escrito. Devemos continuar a testemunhar a grande contribuição que o Exército Brasileiro prestou ao nosso país, na luta de libertação e da amizade que se instalou com nossos *partigiani*² e nossos cidadãos. Espero receber seus contatos. Um abraço e uma saudação sincera, Emanuela Grenti)

Quando contei a ela sobre a revista *Raíces* e que eu escrevia sobre moradores antigos, ela me respondeu:

Sarà sempre un piacere condividere qualche con lei... Scrivere e raccontare delle sperienze vissuti dai più anziani é necessario per far comprendere alle generazione più giovani che quello che oggi godiamo é fruto del sacrificio di chi ci ha preceduto. Un dono che dobbiamo imparare ed apprezzare.

Complimenti per suo memoriale. A presto! E. Grenti

(Será sempre um prazer compartilhar algo com você... Escrever e contar sobre as experiências vividas dos mais antigos é necessário para fazer compreender às gerações mais jovens que aquilo que hoje gozamos é fruto de quem nos tenha precedido. Um dom que devemos aprender e apreciar. Cumprimentos pelo seu memorial. Até mais! E. Grenti)

O que me deixou comovida com essas trocas de mensagens é que tive a impressão de que os italianos cultuam este acontecimento, prezam a liberdade de suas cidades e de seu país, mais do que os brasileiros que os ajudaram a conquistá-la. Importante ressaltar que na luta também estavam americanos e *partigiani* de vários outros países.

Para confirmar o que eu havia dito, comentei com Emanuela Grenti sobre o último depoimento dos pracinhas para a revista *Raíces*, no qual eles contaram muito sobre aquelas cidades. A resposta de Emanuela foi a seguinte: “È di mio, di nostro interesse, mi farebbe piacere leggere le pagine tradotta

Montese

A cidade de Montese tem como prefeito Luciano Mazza. Contudo, quando fiz contato, quem me respondeu foi a vice-prefeita, Milena Bernabei, com muita delicadeza e simpatia.

Da Vicesindaco di Montese

Inanze tutto la ringrazio personalmente per la sensibilità che ha avuto nei confronti del nostro comune, e dichiaro che siamo molto interessati a ricevere il materiale che lega il Brasile com il nostro comune in particolare con la FEB. Ricordo che abbiamo un bellissimo museo con sale dispositive dedicata ai soldati brasiliani. Questo museo è una tappa d'obbligo per ricerche stòrice e culturale per tutti appassionati di quegli eventi. Quanto vorrà farci avere si di interesse stòrico lo sporremo nel interno del museo. Ringrazio anticipatamente e porgo cordiali saluti. Vicesindaco, Milena Bernabei
(Da vice-prefeita de Montese)

Diante de tudo a agradeço pessoalmente por sua sensibilidade nos confrontos da nossa comuna, e declaro que estamos muito interessados em receber o material que liga o Brasil com a nossa comuna, em particular com a FEB. Lembro que temos um bellissimo museu com salas expositivas dedicadas aos soldados brasileiros. Este museu é uma parada obrigatória para pesquisas históricas e cultural para todos apaixonados por aqueles eventos. Quando quiser nos enviar material de interesse histórico o exporemos na parte interna do museu. Agradeço antecipadamente e estendo saudações cordiais. Vice prefeita, Milena Bernabei)

della *Raíces*...” (É de nosso interesse e seria um prazer ler as páginas traduzidas da *Raíces*). Diante de palavras tão bonitas, me veio uma tristeza de quase ter certeza de que nenhum soldado brasileiro ficou sabendo que a luta deles até os dias atuais é muito reconhecida.

Hoje, estas cidades italianas nos oferecem paisagens maravilhosas, sem nenhum sinal do ontem, nem das vidas perdidas, muito menos da destruição. Hoje elas repousam em planícies e vales, agasalhadas, abraçadas por montanhas de todos os tons de verde – verde de alegria, de luz e de esperança... verde de paz! **R**

NOTAS

¹ A Força Expedicionária Brasileira (FEB) adotou como lema do grupamento a expressão “A cobra vai fumar” e sua insígnia é formada por uma cobra verde fumando um cachimbo.

² *Partigiani* é o nome dado aos membros da resistência italiana, movimento armado de oposição ao fascismo e à ocupação da Itália pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

LEONILDA VERTICCHIO

É MEMORIALISTA.

TRADUÇÃO: MÔNICA IAFRATE

João Tarcísio Mariani

AUTOS NOMOS

É em homenagem aos 65 anos da emancipação de São Caetano do Sul e, mais especificamente, aos autonomistas, a quem a nossa cidade deve o fato e o feito histórico, que nós nos atrevemos a escrever uma Cartilha da AUTONOMIA.

1ª LIÇÃO AUTONOMIA: O QUE É?

Do grego: *autos*: por si só; de si mesmo.
nomos: lei; território.
autonomia: faculdade ou liberdade de se administrar por suas próprias leis; dirigir-se por sua própria vontade; independência administrativa.

2ª LIÇÃO AUTONOMIA: QUAIS AS CONOTAÇÕES QUE AJUDAM A ENTENDÊ-LA MELHOR?

Na ciência política, autonomia é a qualidade de um território ou organização de estabelecer, com liberdade, as suas próprias leis ou normas. Na filosofia, o conceito de autonomia se confunde com o de liberdade. Em matéria de interpretações, encontramos:

- Aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades e/ou princípios;
- Direito de um povo de se governar de acordo com seus próprios regimentos ou leis;
- Direito ao livre-arbítrio que faz com que qualquer indivíduo esteja apto a tomar suas próprias decisões;
- Liberdade moral ou intelectual.

3ª LIÇÃO AUTONOMIA: POLÍTICA

Quanto à significação, o sinônimo de autonomia, acredite se quiser, é autarquia, e esta, por sua vez, é definida como regime econômico de um Estado que procura bastar-se a si mesmo.

Autonomia financeira é um serviço cuja gestão financeira independe da coletividade pública que o criou e controla.

Em especial, o Brasil é um Estado com um regime econômico que tem tanta autonomia financeira que a única coisa que não consegue bastar-se a si mesmo é o dinheiro dos gastos públicos.

Por aqui, a coletividade pública ajuda, pagando impostos, mas não controla; o Estado, por seu turno, cria cada vez mais despesas públicas e “controla” cada vez mais a autonomia dos cidadãos. Não sabemos se deu para entender, mas se não deu, paciência, a coletividade pública faz tempo que também não entende, e daí o estado geral da nação e da “danação”.

4ª LIÇÃO AUTONOMIA: MEMÓRIA

Não estamos aqui para contar a epopeia da nossa autonomia, porque isso já foi e continua a ser feito de forma brilhante por alguns dos insignes partícipes do movimento de 1948. Exemplo disso é o poeta da autonomia, Mário Dal'Mas, que, em seu poema *Lembrando a Autonomia*, já havia discorrido de forma eloquente sobre a memória da nossa emancipação. Nós apenas ousamos participar de um grupo de cidadãos que, comprometido com a memória de São Caetano do Sul, tem o firme propósito de resgatar o brio e a dignidade daqueles que um dia lutaram corajosamente, se mobilizaram e empreenderam uma causa, através da qual a nossa cidade despertou para os sentimentos de cuidado com o seu próprio destino, busca de sua liberdade e, uma vez obtida, preservação de sua soberania.

5ª LIÇÃO AUTONOMIA: HISTÓRIA

A autonomia de São Caetano foi contada por diversos autonomistas, que mais do que inseridos no contexto histórico da emancipação, também estão mais abalizados do que nós para tratar de um tema que, para a maioria, foi o fato mais marcante em suas vidas. Mas,

em homenagem a eles e à liberdade pela qual lutaram e nos deram de presente, hoje podemos contar a nossa modesta versão livre dessa história.

Era uma vez um pequeno grupo de pessoas cheias de idealismo e apaixonadas pelo pedacinho de terra onde habitavam. Por sinal, temos ouvido cada vez



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Registro do fotógrafo José Honório de Castro mostra grupo de autonomistas em evento no Teatro Paulo Machado de Carvalho, no final da década de 1960

menos falar em idealismo e ideal. Idealismo significa propensão do espírito para o ideal, e ideal, por sua vez, é o objeto da nossa mais alta aspiração. Era exatamente assim que se traduzia o sentimento latente nas cabezinhas jovens e corajosas dos nossos 95 autonomistas. Eles assumiram a missão de inculcar os seus elevados ideais nos habitantes do povoado que se acostumara a contar a sua história como mero anexo ou apêndice do livro escrito por (e em) Santo André. Em terras da Borda do Campo, São Caetano era a borda, o campo (ou a área) ficava para Santo André e São Bernardo. Por isso, os idealistas da autonomia resolveram sair a campo e comer pelas bordas. Enquanto os incrédulos de São Caetano e os coligados com Santo André confundiam idealismo com devaneio e fantasia, os autonomistas marchavam na campanha porta a porta, a fim de, definitivamente, mudarem a nossa história.

A propósito, é da respeitada antropóloga americana Margaret Mead (1901 – 1978) a afirmação: “Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo. De fato, sempre foi assim que o mundo mudou”.

A semelhança da iniciativa dos autonomistas, no final dos anos 1940, com o pensamento de Margaret e, ainda, com as passeatas de protesto pelo Brasil inteiro

neste ano de 2013, é uma plena coincidência, pois idealismo é preciso sempre! Assim sendo, o pequeno grupo de autonomistas se preparou, de forma consciente e engajada, para trabalhar numa sequência histórica, lógica e cronológica:

- Lançamento do *Jornal de São Caetano* em 28 de julho de 1946;
- Fundação da Sociedade Amigos de São Caetano em 2 de setembro de 1947;
- Realização do plebiscito para aprovação ou não da autonomia, em 24 de outubro de 1948, com o seguinte resultado:
 - o Sim – 8.463 votos
 - Não – 1.029 votos
- Realização da primeira eleição para prefeito, em 13 de março de 1949, com o seguinte resultado:

- o Ângelo Raphael Pellegrino (alinhado com São Caetano) - 4.094 votos
- José Luis Flaquer Neto (alinhado com Santo André) - 1.017 votos

6ª LIÇÃO AUTÔNOMIA: HOMENAGEM

Fica aqui registrado o nosso melhor preito de admiração e gratidão destinado a todos aqueles que foram os responsáveis por existirmos como cidade e como cidadãos de São Caetano do Sul. Os autonomistas escreveram, em 24 de outubro de 1948, a página mais importante, mais cívica e mais bela da história desta nossa querida cidade. Fazemos memória a todos aqueles homens e mulheres idealistas que dedicaram sua vida, seu empenho e seu ardor à causa e à serviço da autonomia. Estamos homenageando cada um dos 95 bravos autonomistas de São Caetano e suas respectivas famílias na comemoração dos 65 anos do movimento emancipacionista. Por todos eles e, em especial, pelos que ainda estão conosco, o nosso mais efusivo e caloroso muito obrigado por terem nos dado como herança simplesmente o doce sabor da liberdade e a honra da cidadania. **R**

JOÃO TARCÍSIO MARIANI

É CONSULTOR DE EMPRESAS E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

João Jenidarchiche

Lembranças de padre Ézio

Voltando aos anos 1950, após a saída do sempre lembrado padre Alexandre Grigolli da Paróquia Sagrada Família, encontramos o pároco Ézio Gislumberti e seus padres coadjutores Luciano, Arthur e Vicente.

Além de suas virtudes religiosas, como bom pastor e eloquente pregador, padre Ézio era também um emérito administrador e um profundo conhecedor de artes cênicas. Sob seu comando, foi construído o Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli, posteriormente Cine Aquarius, que, mais tarde desativado, deu origem ao complexo educandário Instituto de Ensino Sagrada Família.

Era tal o interesse do bondoso padre por aquela obra que tratava pessoalmente da compra de materiais para a edificação do prédio. Era um ótimo negociante, um comprador por excelência, que fazia sucesso na seção de compras de qualquer multinacional.

Mantinha um rol de amizades extenso, o que lhe permitia aproximação e contatos diretos com empresas para adquirir materiais, os quais, por certo, eram comprados por valores bem aquém dos praticados no mercado comum.

Não raro via-se o padre com mangas arregaçadas (da batina, pois naquela época todos os padres indistintamente as usavam) a trabalhar no meio dos operários. Se preciso fosse e, sem cerimônia alguma, manejava com maestria pá,

enxada, picareta, martelo e qualquer outra ferramenta utilizada em construção.

Bem, dizíamos também que padre Ézio era exímio conhecedor, admirador e atuante nas artes cênicas. Chegava ao ponto de ensaiar peças de teatro com o pessoal das irmandades religiosas, notadamente os Congregados Marianos e as Filhas de Maria. E não só ensaiava, como também traduzia e dirigia peças que eram encenadas primeiramente no salão paroquial e, após concluída a construção, no teatro. O local foi inaugurado com a apresentação da ópera *O Barbeiro de Sevilha*, tendo como regente a maestra Giannella di Marco, um gênio, verdadeiro prodígio, nos seus 14 anos de idade.



Padre Ézio Gislumberti, em foto de meados da década de 1950, aproximadamente



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Padre Êzio (agachado, à esquerda) junto a outros padres estigmatinos de São Caetano do Sul, em foto de 1953. Foram identificados os padres Dário (em pé, o segundo, a partir da esquerda) e, na sequência, Arthur, José e o bispo D. Hélio Pascoal. Ao lado do padre Êzio Gislimberti, padre Luciano

Inúmeras peças foram apresentadas, porém, entre elas, duas fizeram grande sucesso. Uma novidade para a comunidade foi a opereta intitulada *O chinelo perdido na neve*, um misto de canto e diálogos, traduzida do vernáculo original para o português e encenada ainda no antigo salão paroquial. Como protagonista, o saudoso e bom amigo Waldomiro Kaminski, que fazia o papel de um professor ranzinza numa comunidade de lenhadores.

A outra era uma peça clássica denominada *Trilogia do Calvário*, cujo papel principal, o de Judas, foi encenado pelo conceituado artista, dublador, premiado radialista dos tempos áureos da Rádio São Paulo, Mário Jorge Montini (graças a Deus ainda forte, simpático e atuante entre nós até os dias de hoje). Desta peça participava o renomado Coral Santa Cecília, sob o comando do jovem e talentoso, e também saudoso, maestro Roberto Manzo que, na juventude ainda, musicou o Hino Oficial de São Caetano do Sul.

Padre Êzio foi fundador do Cruzada Esporte, um dos grandes clubes esportivos amadores da cidade. Dedicou-se também à campanha da emancipação de São Caetano ao lado de

tantos outros bravos autonomistas. Entusiasta das artes, muito contribuiu para a presença do renomado tenor italiano Beniamino Gigli em nossa cidade, oportunidade em que se inaugurou o órgão da igreja, um legítimo *Hammond*, tão raro, precioso e ambicionado quanto um violino *Stradivarius*. A orquestra que acompanhou a apresentação do festejado tenor foi regida, na ocasião, pelo maestro do Teatro Municipal de São Paulo, Ângelo Camin.

Padre Êzio veio jovem para São Caetano do Sul, onde permaneceu por um longo tempo. Teve breves passadas por paróquias de Praia Grande, litoral de São Paulo, e Santa Cruz, no Rio de Janeiro, mas quando retornou para nosso município, ainda muito contribuiu nos serviços paroquiais. Veio a falecer e foi sepultado na própria igreja que o acolheu por muitos e muitos anos, no altar dedicado ao patrono São Caetano, na Paróquia Sagrada Família. **R**

JOÃO JENIDARCHICHE

É ADVOGADO, FORMADO PELA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (TURMA DE 1979), E ATUA NA ÁREA CÍVEL. JÁ PUBLICOU DIVERSAS CRÔNICAS SOBRE A CIDADE EM JORNAIS DE SÃO CAETANO.

Candido G. Veitez

TRABALHADORES E POLÍTICOS DO ABC PAULISTA



O ano de 1979 foi marcado por uma série de paralisações envolvendo vários segmentos profissionais. Na imagem, o flagrante do palco montado pelo Sindicato dos Metalúrgicos, em razão da greve, na região do ABC, por aumento salarial. Com o microfone, Frei Chico, irmão de Lula

O ABC paulista é, tradicionalmente, uma área industrial com importante condensação de operários e trabalhadores em geral. Quando o assunto é o mundo do trabalho, o nome de Luiz Inácio Lula da Silva é prontamente evocado.

Sua notoriedade está justificada. Ele não foi simplesmente presidente da República, mas sim o primeiro presidente da República de origem operária, o ex-metalúrgico do ABC paulista que se converteu em eminente personalidade nacional e internacional. Esta é uma historietta que se tornou trivial. Entretanto, o nome de Lula, metalúrgico, começou a circular nacionalmente muito antes que ele tivesse ocupado qualquer cargo público.

Esse fato começou a ocorrer lá pelo tempo em que uma massa de trabalhadores, desafiando a ditadura, se reunia no Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, para, com lideranças e dirigentes, dentre os quais se destacava Lula, deliberar a respeito de sua luta por melhores condições de trabalho e, também, em prol das liberdades democráticas.

As concentrações de Vila Euclides são inseparáveis da história das greves que eclodiram na região. Estas foram as primeiras manifestações que ocorreram no país, após tantos anos de repressão da ditadura. Devido a isso, o redivivo Movimento Operário e Popular (MOP) do ABC, no qual se ressaltava Lula como liderança mais carismática, virou referência para os demais trabalhadores organizados do país. Contudo, uma coisa é um líder ser conhecido no país nos meios operários e outra, muito distinta, é ser reconhecido por amplos contingentes da população em geral, que foi o que ocorreu com Lula (1978-1980).

Como foi possível esse acontecimento insólito? A elevação de um dirigente sindical local à condição de figura nacional foi em boa parte obra da mídia (jornais, revistas, rádios e redes de televisão). Os motivos foram basicamente de duas ordens. A primeira é essencialmente política. A segunda é política, mercantil e, até certo ponto, técnica.

Quando o MOP explodiu, quadros das classes dominantes que incluíam setores estratégicos tanto da ditadura quanto da mídia perceberam

que os dias do regime militar estavam contados e era necessário preparar a transição ao Estado de Direito. Eles estavam dispostos a conviver com o MOP. O que não podiam admitir é que o MOP, tal qual ocorrera anteriormente a 1964, viesse a ter nos comunistas uma referência importante. Portanto, era vital agir no sentido de que o novo MOP que se estruturava decorresse livre da influência comunista. Foi nessa encruzilhada que esses quadros toparam com Lula e seu grupo. Eles execravam o Lula sindicalista e grevista e tudo o mais que a isso dizia respeito. No entanto, Lula não era comunista, bem como a maioria de seus companheiros, e o pensamento político que defendiam, se não era o desejável, era pelo menos suportável. A tarefa então consistia em possibilitar a reorganização do MOP, já que esta se afigurava inevitável, sob a égide de correntes ideológicas em desafeto com a tradição comunista.

Nesse empreendimento entrou a mídia, divulgando o novo modo de fazer sindicalismo e a figura de Lula. A mídia realizou essa tarefa em parte por seu próprio interesse de classe e, em parte, por seu *modus operandi* enquanto negócio. Na mídia domina o pensamento liberal. E, para este pensamento, o indivíduo é o centro do universo social, a origem e a finalidade de todas as coisas. Devido a esse individualismo atávico (BOUVEAIS, 2008), a mídia trata de subjetivizar quaisquer que sejam os fatos que examina e apresenta ao público. É por essa razão que ela está sempre em busca de personagens arquetípicas: heróis, anti-heróis, *don juans*, patetas, santos, crápulas e demônios. Se não as encontra na realidade, as inventa. E se as personagens que encontra na realidade não são satisfatórias para seus propósitos, ela as enfeita. A alavancagem de Lula, de sua condição de liderança regional à de figura nacional, atendeu, pois, tanto aos interesses políticos da mídia quanto à sua lógica operatória de negócio da comunicação.

O MOP do ABC paulista foi subjetivado ou “encarnado” em algumas personalidades e especialmente em uma. Em confronto com a ditadura,

mediante a realização de eventos explosivos, como greves e concentrações, Lula e seus companheiros possibilitaram à mídia vender notícias durante anos. Ao mesmo tempo, a visibilidade pública necessária ao propósito político não manifesto também se realizou. Entretanto, a exposição midiática de Lula exprime as contradições contidas nesse ato. Lula e os trabalhadores eram importantes, porque foram capazes de desafiar a ditadura e, antes de mais nada, porque constituíam notícia rentável. Todavia, no retrato servido pela mídia ao grande público, Lula sempre esteve muito mais para anti-herói do que para herói.

Nesse processo de produção midiática, os termos da vida real se inverteram. O que ocorreu no ABC paulista aparece como atividade protagonista de um punhado de lideranças e dirigentes. A classe trabalhadora ficou no fundo da cena, como coadjuvante um tanto obscura. E, no entanto, Lula e demais lideranças nem ao menos teriam existido, sindical e politicamente, não fosse a capacidade de ação e atividade organizadora dessa classe, pois, diferente do que sugere a socialização liberal, não são os líderes que criam o movimento social, mas o inverso.

Nas linhas seguintes, oferecemos um breve resumo assinalando a atividade das organizações coletivas de massa dos trabalhadores do ABC, a qual, longe de ter emergido em fins dos anos 1970, remonta à fundação da República.

Anarquistas, comunistas, trabalhistas e católicos - Na Primeira República, a classe operária industrial no país era diminuta. Não obstante, assinalando uma tendência, algumas indústrias iam assentando-se na região, notadamente em Santo André.

Por essa época e até o Estado Novo, a corrente ideológica com mais ascendência entre os trabalhadores da indústria era a anarquista. Os anarquistas eram principalmente imigrantes, espanhóis e italianos, sobretudo estes últimos. Eles incentivaram a criação de associações de trabalhadores, fossem elas de ajuda mútua ou de luta. A mais importan-

te foi a União Operária. Esta, em 1919, coordenou uma greve na fábrica Ipiranguinha, em meio à qual foi morto pela polícia o operário Constantino Castellani (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1979).

Em 1917, ocorreu a Revolução Soviética na Rússia, o que induziu muitos trabalhadores a criarem partidos comunistas mundo afora. Em Santo André, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi fundado em 1922, com a participação significativa de muitos anarquistas que se encantaram com a revolução.

Em 1930, surgiu aquele que foi – e em certo sentido ainda é hoje – o sindicato de referência para os trabalhadores no ABC paulista: o dos metalúrgicos. Dessa época até 1958, esse sindicato com sede em Santo André abrangia todo o ABC paulista. Nele militavam várias tendências, contudo, os ativistas ligados ao PCB iam ganhando ascendência, a começar com aquele que foi seu primeiro presidente e um dos mais respeitados dirigentes sindicais do ABC até 1964: Marcos Andreotti.

Durante o Estado Novo (1937-1945), o MOP retraiu-se, dado o caráter autoritário do regime político. O intervalo subsequente, porém, que se estendeu do fim da Segunda Guerra Mundial ao Golpe de Estado de 1964, foi uma época de ascensão do MOP, que transcorreu sob o signo da Revolução Brasileira (VIEITEZ, 1999). Esse período correspondeu à primeira metade da era dourada sistêmica do capitalismo. A acumulação de capital disparou e o país seguiu num enérgico movimento de industrialização. Todavia, os problemas engendrados pela rápida acumulação, somados às expectativas de melhorias sociais dos trabalhadores, alimentaram a conflituosidade social.

Em 1947, os comunistas elegeram prefeito e 13 vereadores em Santo André. Esse episódio insólito foi neutralizado pelo governo Dutra, com a cassação dos eleitos (MEDICI, 1999). No entanto, ele foi indicativo da atmosfera que caracterizaria os anos seguintes. Nesse tempo, os ativistas anarquistas tinham decrescido, substituídos principalmente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e pelos comunistas. Mas, no fim dos anos 1950, entraram em

cena também os católicos de uma corrente emergente que se aproximava do MOP, sobretudo pela ação da Juventude Operária Católica. Essa foi também a época de D. Jorge Marcos, bispo pioneiro no apoio ao MOP, o que lhe valeu o epíteto de *bispo vermelho*, atribuído pelo jornal *O Estado de S. Paulo*.

Para o MOP, esse foi um período rico em mobilizações e organizações. Os sindicatos fortaleceram-se e disseminaram-se pelo Grande ABC. Funcionavam muitas sociedades amigos de bairro (SABs) e formaram-se algumas cooperativas. O Conselho Sindical da Borda do Campo, criado originalmente como uma instância sindical, atuava como uma espécie de conselho urbano geopolítico regional. O Centro Popular de Cultura (CPC) possibilitava aos trabalhadores contatos com o teatro e o cinema de qualidade, tornando-se uma referência para estudantes e parte da intelectualidade de Santo André e da região. Essa enumeração é apenas exemplificativa. E, de qualquer modo, a ação do regime militar liquidou a atividade do MOP até praticamente a eclosão da greve de 1978.

Compressão e retomada do Movimento Operário e Popular (1978-1985) - A ditadura perseguiu, prendeu ou matou os ativistas do movimento popular, com ênfase nos comunistas. As organizações do movimento foram desmanteladas. Uma parte, como os sindicatos, se manteve, porém, passou a atuar sob todo tipo de restrições. A participação em greves ou manifestações públicas era punida com repressão ostensiva, prisão ou algo pior.

Não obstante esses empecilhos, o MOP não desapareceu. Centenas de ativistas remanescentes passaram a atuar de modo clandestino ou semiclandestino nas fábricas e bairros, formando pequenos grupos ou outras modalidades de organização. Eles também estiveram presentes nos sindicatos de modo contido, atuando em meio aos interventores ou aos novos dirigentes moderados que emergiram no clima da ditadura. Esses militantes eram os portadores da

tradição do MOP, que era passada para os novos militantes que se aproximavam do movimento.

Até o Golpe de Estado, a indústria no ABC estava ainda dominada por pequenas e médias empresas, nas quais os oficiais industriais tinham bastante ascendência sobre os trabalhadores. Nos anos 1970, contudo, os tempos já eram outros. Instalara-se no ABC uma grande indústria fordista, notadamente em São Bernardo, que implicou em uma enorme massa fabril e urbana de novos trabalhadores advéncios à classe. Essa foi a base social da renovação de suas organizações. Nas fábricas, incidiram os comitês de fábrica clandestinos. Nos sindicatos, começaram a medrar os germes do posteriormente denominado novo sindicalismo. Nos bairros, destacaram-se os católicos que impulsionaram as comunidades eclesiais de base (CEBs).

Grosso modo, esse foi o *humus* sobre o qual foi se robustecendo o MOP. Até que, quando a situação econômica e social se tornou menos adversa ao movimento, este explodiu na greve *Braços cruzados, máquinas paradas*, na empresa Scania, em São Bernardo. Logo vieram outras movimentações no ABC e, seguindo seu rastro, em vários outros setores e lugares do país, formando uma maré montante que acabou culminando no fim da ditadura e na volta ao Estado de Direito.

A sociedade individualista na qual vivemos encontra-se edificada sobre um sistema de cooperação social que é o mais desenvolvido e extenso da história humana. Ele é composto por trabalhadores que, em cada uma das centenas de milhares de unidades de trabalho, constituem um sistema de cooperação, um trabalhador coletivo. Paradoxalmente, porém, a cooperação não pertence ao trabalhador coletivo, porque se encontra vendida ou alienada para o capital, mediante o instituto social do assalariamento.

Devido a essa peculiaridade, os trabalhadores só podem se apropriar de suas próprias atividades cooperativas e ainda assim, muito variavelmente, em instâncias que estão fora do processo de trabalho. Esta é a razão pela qual, a contar da Revolução Industrial, os trabalhadores empenharam-se em criar

organizações coletivas: mutualidades, cooperativas, centros culturais, sindicatos ou partidos políticos.

Os trabalhadores do ABC são conhecidos por produzirem carros e muitos outros bens industriais. Entretanto, existe pouca consciência social de que os trabalhadores do ABC, além desses bens, produzem artefatos de uma natureza bem distinta, cujo valor é cultural, social e político. No plano individual, em cada época histórica, produziram ativistas, dirigentes e lideranças: Castelani, Andreotti, Lula, Frei Chico. Concomitantemente, produziram organizações, que se renovam no tempo ou que se apresentam inéditas. Uma dessas, que se notabilizou na nação, é o Partido dos Trabalhadores (PT). O que os trabalhadores pretendiam com o PT? Originariamente, pretendiam basicamente três coisas: contar com uma organização própria, na qual a sua necessária atividade cooperativa fosse controlada por eles mesmos; utilizar essa organização para interferir a seu favor, nas relações de compra e venda da cooperação nas unidades de trabalho; e, dar início a um processo de articulação social, visando à reapropriação, pelo menos de modo significativo, do sistema de cooperação nas unidades de trabalho. O empreendimento acabou não acontecendo de forma como esperada, com o PT integrando-se à ordem liberal em pouco tempo. No entanto, se há algo que podemos extrair da história dos trabalhadores, é que estes não desanimam com as derrotas, sejam estas ocasionadas por outras forças, sejam pelos próprios desacertos. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIS, J.-L. *Tratado de la servidumbre liberal* – análisis de la sumisión. Madrid: La Oveja Negra, 2008.
 DIÁRIO DO GRANDE ABC, Santo André, 30/09/1979.
 MEDICI, A. *9 de Novembro de 1947: a vitória dos candidatos de Prestes*. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999.
 VIEITEZ, C.G. *Reforma nacional-democrática e contra-reforma: a política do PCB no coração do ABC paulista/1956/1964*. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999.

CANDIDO GIRALDEZ VIEITEZ

É GRADUADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PROFESSOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP). É MESTRE E DOUTOR PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP) E TEM PÓS-DOUTORADO PELA FACULDADE DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UNIVERSIDADE COMPLUTENSE DE MADRID (ESPANHA).

Carlos Eduardo Sampaio Burgos Dias _____

HISTÓRIA ESQUECIDA:

REBAIXAMENTO E EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO



Acervo/Serviço de Memória e Acervo da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo

Um período pouco abordado na historiografia da cidade de São Bernardo do Campo corresponde ao período do Estado Novo. Durante os anos em que Getúlio Vargas governou o país, a região do ABC paulista passou por algumas mudanças. O que compreendemos hoje como Grande ABC¹, até 1945 era uma única cidade. Chamou-se São Bernardo e Santo André (Gaiarsa, 1968 e PMSA, 2000).

São Bernardo era dividido em vilas e distritos no início do século 20, com maior destaque para a vila de São Bernardo (hoje o centro do município) e o distrito de Santo André, conhecido, na época, como bairro da estação, em referência à Estrada de Ferro São Paulo-Railway, que cortava a cidade, ligando Santos a Jundiaí. Essa estrada de ferro foi importantíssima no desenvolvimento econômico de São Bernardo, de modo que muitas fábricas instalaram-se em suas proximidades, facilitando a aquisição e o escoamento de matérias-primas e produtos para o Porto de Santos e o interior do Estado.

A cidade até então tinha como principal fonte econômica as fábricas moveleiras, têxteis e as olarias. Com o advento da São Paulo-Railway, novas elites industriais surgiram, ganhando espaço e prestígio. Com o tempo, estes grupos começaram a disputar o poder político da cidade.

Após a promulgação da constituição de 1937, o Estado de São Paulo, por meio de seu interventor, possibilitou mudanças na administração das cidades. Uma delas foi a transferência da sede administrativa da prefeitura de São Bernardo, que saiu da vila de São Bernardo e foi para o distrito de Santo André, consequentemente alterando o nome da cidade, que passou a se chamar Santo André.

Somente em 1945, São Bernardo voltou a adquirir poderes políticos, por meio de decreto estadual que determinou a divisão administrativa do território. Assim, a cidade foi dividida, inicialmente, em Santo André e São Bernardo do Campo, e, posteriormente, em São Caetano do Sul, Diadema, etc.

Uma das primeiras reuniões de estudos para emancipação de São Bernardo. Foi realizada na Chácara Jardim do Lago, residência do Dr. João Firmino de Araújo, em 1943. Foram reconhecidos na foto Aldino Pinotti, Wallace Simonsen e João Firmino

Rebaixamento - O rebaixamento de São Bernardo ocorreu em 30 de novembro de 1938 por meio de decreto assinado por Adhemar de Barros, interventor federal do Estado de São Paulo. Esse fato aconteceu na gestão do então prefeito Décio Leite. Como Santo André possuía mais indústrias, principalmente no entorno da estrada de ferro², arrecadava mais impostos, tendo, assim, mais peso político junto ao governo estadual, São Bernardo deixou de ser sede do município. Só na década de 1940, essa cidade começou a crescer em termos industriais com a criação da Rodovia Anchieta, que ligava São Paulo à Baixada Santista.

A ideia de dividir o município não pairava nos princípios do rebaixamento. Havia sim um ranço, que alimentava a ideia de um retorno ao poder dos são-bernardenses, mas que se distanciava na medida em que os distritos próximos à estrada de ferro enriqueciam. Somente em 1943, a possibilidade passou a ser ventilada, e a elite são-bernardense ganhou a adesão de um importante banqueiro.

O jornal *O São Bernardo* foi uma importante ferramenta de apoio à mudança, por ser o veículo regional de maior circulação, vinculando notícias privilegiadas aos andreenses. Notas de apoio a Santo André eram veiculadas e, posteriormente, críticas foram feitas ao movimento emancipacionista são-bernardense. Porém, o apoio mais evidente do jornal se construía nos cadernos de esportes. Em primeiro lugar porque dedicava grande parte do seu conteúdo ao tema, pouco discutindo sobre política, economia e outros assuntos, parte por conta da censura imposta pelo governo federal, parte pelo desinteresse em discutir questões locais. Dentro das matérias de futebol apoiava o time andreense do Primeiro de Maio, dando pouco enfoque aos times de São Bernardo, o Palestra e o Esporte. Dentro de um contexto em que a população era reprimida pelo governo, pouco se pensava sobre a política local, cabendo esta

tarefa às elites e aos políticos. Um exemplo disso é que a população sequer foi consultada sobre a mudança da sede administrativa e nome da cidade.

Emancipação - A emancipação de São Bernardo começou a forjar-se em 1943 por meio do decreto estadual nº 13.295, de 31 de março, que criou uma Comissão de Revisão Judiciária e Administrativa do Estado, que tinha por obrigação verificar as divisas territoriais dos municípios paulistas, assim como as comarcas para o período de 1944-1948 (Dias, 2007, p.25).

No início da discussão previa-se a criação de uma comarca para Santo André, porém, com isso, o distrito de São Caetano passaria a fazer parte da cidade de São Paulo. Como ele contava com diversas indústrias, como a General Motors do Brasil, e muito arrecadava, logo as elites se manifestaram contrárias a esta decisão. Santo André ficou sem a comarca, porém não perdeu o distrito. A edição do jornal *O São Bernardo*, de 14 de março de 1942, mostra que o distrito de São Caetano era responsável pela maior arrecadação de tributos junto ao governo federal, deixando Santo André na segunda colocação.

A elite andreense era contra a divisão da cidade, porém muitos buscavam poder político, o que a fragmentava. O já citado jornal, no dia 2 de maio de 1943, publicou matéria contrária à divisão do município, afirmando que sua riqueza e tamanho político no cenário estadual era fruto da união desses territórios. Porém, grupos políticos que perderam prestígio com o rebaixamento em 1938, começavam a buscar um novo espaço. No dia 3 de março daquele ano reuniram-se no Bar Expresso algumas personalidades da região:

Corria o ano de 1943. Nossa Vila de São Bernardo, com umas dezenas de fábricas de móveis, algumas tecelagens de seda, várias oficinas e pequeno comércio, já começava a sentir indícios de futuro progresso, com a recém inaugurada Via Anchieta

O São Bernardo

Diretor: PROF. NICOLA TORTORELLI
Santo André PUBLICA-SE aos DOMINGOS
EST. DE SÃO PAULO
Sede, Redação e Administração: — Rua Coronel Oliveira Lima, 132 (BRASIL)
ANO XII SANTO ANDRÉ, DOMINGO, 11 DE ABRIL DE 1943 NÚM. 499

Comissão de Revisão Judiciária e Administrativa do Est. S. Paulo

O "Diário Oficial do Estado", de 24 de abril de 1943, publica o Decreto Municipal de 11.295, de 31 de março de 1943, que institui a Comissão de Revisão Judiciária e Administrativa do Estado de São Paulo, encarregada de revisar as decisões municipais e o funcionamento de todos os municípios, bem como o quadro geral da divisão territorial, das comarcas e termos e respectivas zonas de jurisdição para o período de 1941 a 1945.

A instalação dessa Comissão obedecerá ao disposto no § 3.º do artigo 16 do Decreto-Lei Federal nº 311, de 2 de março de 1937, que dispõe sobre a divisão territorial do País, cujo texto é o seguinte:

Repercussão do discurso do Dr. Carvalho Sobrinho, na Capital da Republica

"O Estado de S. Paulo", de quarta-feira, 8 de corrente, em sua primeira página, um lugar de destaque, publicou o seguinte:

"MÉDICA DO RIO — SÍMBOLO DO ESPÍRITO DA SOLIDARIEDADE MUNDICÍPLICA — RIO, 8 (Folha) — Via Viçosa — O discurso pronunciado pelo Dr. Carvalho Sobrinho, em nome do povo de São Paulo, por ocasião da entrega do 'Atropamento' e Força Aérea Brasileira, — que foi abençoado e consagrado por todos os jornais brasileiros — fez um resumo das condições econômicas, que se acentuam desde o tratado dos Iliões. Entretanto, primeiro, constatou que quando se trata de forças contrárias de mundo, cada nação acaba de sofrer e sofrer, sem fôlego, o quadro de situação terrível, de caráter de emergência, em defesa da nossa soberania.

Então, em meio da repercussão que vem conquistando na imprensa do Rio, São Paulo, a revista de espaço, os jornais brasileiros publicaram a seguinte notícia do jornal de São Paulo: — que dos mais importantes municípios do grande Estado, em São Paulo, os jornais brasileiros, celebrando a oportunidade e justiça da sua existência.

Momento que passa...

Santo André é, não há dúvida, um grande centro irradiador de energias. Tudo nele, tudo parece estar atuando de agitação. A fétr progressista tem sua sede nesta terra. A vida acontece dia por dia. Desdobram-se suas indústrias. O campo de ação é cada vez maior. A terra se abre em jardins, o vegetal verde feito pelas grandes frentes desaparece, e das fendas cavadas no solo, erguem-se colinas solidas e magostas! depois... uma nova fábrica aparece. E Santo André que cresce! Santo André que se transforma em vilas vivas.

Não há nesta cidade pedras arrastadas pelo peso de tristezas, a fazer saudades. As ruas...

Arquivo/Serviço de Memória e Arquivo da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo

Wallace Simonsen³, banqueiro e empresário do café paulista, que possuía uma chácara no Bairro de Nova Petrópolis, e que tinha muita influência junto ao meio político nacional, uma vez que era dono de um dos maiores bancos de São Paulo, o Noroeste. Para isso, no dia 17 de maio foi constituída a Sociedade Amigos de São Bernardo, e no dia 6 de junho foi oficializada, tendo como presidente Wallace Simonsen, contando com a participação de políticos, empresários, comerciantes e outras pessoas mais com influencia na elite local. (Dias, 2007, p.27). A elite andreense não aderiu ao plano, e, no mesmo mês, começou a publicar editoriais no O São Bernardo criticando a postura do divisionismo e insistindo na criação de uma comarca, que tornaria a cidade juridicamente emancipada de São Paulo. Sustentavam seus argumentos dizendo que somente os municípios de Santos e Campinas arrecadavam mais que Santo André, e que essa divisão

Jornal O São Bernardo. Abaixo do título do jornal, notam-se as palavras Santo André. Abaixo, à esquerda da matéria de capa, notícia sobre o processo da Comissão de Revisão Judiciária e Administrativa do Estado de São Paulo, de 11 de abril de 1943

Edição de 2 de maio de 1943 de O São Bernardo, com o título Teremos o município tripartido?. Notícia vinculada na capa do jornal com preocupação sobre a possível divisão territorial do município

Sociedade Italiana de Mútuuo Socorro, localizada na Rua Marechal Deodoro. Foto do ano de 1937

O São Bernardo

Diretor: PROF. NICOLA TORTORELLI
Santo André PUBLICA-SE aos DOMINGOS
EST. DE SÃO PAULO
Sede, Redação e Administração: — Rua Coronel Oliveira Lima, 132 (BRASIL)
ANO XII SANTO ANDRÉ, DOMINGO, 2 DE MAIO DE 1943 NÚM. 502

1.º de Maio Teremos o Município tripartido? 3 DE MAIO

Quando alguém comemora o dia 1.º de Maio, o dia do trabalho, não se trata de um dia qualquer. É um dia que representa a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho, por melhores salários, por melhores condições de vida. É um dia que representa a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida.

Santo André é um dos mais antigos povoados paulistas. A sua história está vinculada a própria história de São Paulo e a genes de suas primeiras famílias. Se, em dias passados, a vida de Piratininga obscureceu o progresso, o tempo, dando-lhe a privilegiada estrutura industrial, restituiu-lhe o ritmo do crescimento e lhe fixou o retiro, para tornar-se um grande Município, uma grande cidade trabalhista. Esse ritmo, que sua expressão econômica financeira, dia a dia, se acelera e ninguém pode prevêê-lo através de índices seguros. No

Em todo o Brasil como em Portugal, se comemora o dia 3 de Maio como o dia da descoberta do nosso País. No entanto, o Brasil foi descoberto pelo navegador português Pedro Álvares Cabral e seus companheiros, em data de 22 de Abril de 1500. Explicam um historiador que em 1500 o ano solar era calculado em 365 dias e 6 horas, quando a duração real do ano solar — de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 47 segundos. Havia, pois, uma diferença de maior de 11 minutos e 13 segundos. Com o decorrer dos tempos, essa diferença atingiu

(...) Começaram então a se reunir Armando Setti, Francisco Miéle, Pery Rochetti, João Corazza, Joãozinho de Lima, Nerino Colli, Bortolo Basso, Dr. Plínio Ghirardelo, Dr. Gabriel Nicolau, além de outros que foram aderindo, inclusive o padre Jerônimo Angeli, nosso vigário na época (...). (Pessotti, 1981, p.105).

Esse grupo então procurou o prefeito de Santo André na época, José de Carvalho Sobrinho, para demonstrar a intenção de tornar São Bernardo novamente município. Procuraram também elites locais, comerciantes e empresários para somarem-se à ideia. Buscaram apoio de



Arquivo/Serviço de Memória e Arquivo da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo

só reduziria o prestígio da cidade.

Com a Segunda Guerra Mundial e a adesão do Brasil ao bloco dos Aliados, a perseguição aos italianos, alemães e japoneses começou (Carone, 1991). Coincidentemente, as maiores colônias de estrangeiros em São Bernardo eram de italianos e japoneses. Logo foi possível utilizar-se da perseguição aos imigrantes para inibir a ação das elites são-bernardenses.

A discussão se dava entre as elites locais, os andreenses brigando pela criação da Comarca, que lhes daria respaldo jurídico, e pela manutenção do território; já os são bernardenses querendo a emancipação do distrito. O atrito se dava pelo poder político, que por sua vez era mantido pela economia industrial da cidade. Em nenhum momento a discussão colocava-se ao povo, na verdade, no máximo, discutiam as intenções de uma elite ou outra, que sempre se dava por fatores econômicos, a arrecadação de impostos. (Dias, 2007, p.29).

Em 21 de outubro de 1942, o decreto-lei nº 5901 que tratava das normas nacionais de revisão da divisão judiciária e administrativa do país deu alento aos andreenses, que sonhavam com a comarca, e aos são-bernardenses, que desejavam tornar-se outro município. Porém, esse decreto não citava nomes, apenas quantidades a serem criadas. Em 21 de novembro, uma emenda a esse decreto criou um novo distrito em Santo André, Utinga (Dias, 2007, p.30). Em 22 de dezembro, Getúlio Vargas visitou São Paulo para inauguração de um trecho da Via Anchieta.

Wallace Simonsen, provando do seu prestígio, trouxe Vargas para o centro de São Bernardo, proferindo um discurso de recepção que foi publicado dias depois em vários jornais paulistanos. Nele, defendeu explicitamente a emancipação: "(...) V. Sa. Compreenderá, pelos motivos que acabamos de expor, que vinha em nossos corações o desejo de ver esta cidade retornar ao quadro municipal da nação". (*Folha da Manhã*, 24/dez/1943).



“Alguns dos presentes no evento contam que Vargas teria dito na ocasião que assumia o compromisso de colocar a cabeça no lugar de onde ela foi extirpada.” (Médici, 1997, p.88). Em 1944, iniciou-se uma nova discussão: seria Santo André anexado ao município de São Paulo? A capital paulista buscava em três anos superar a capital federal em números populacionais com essa e outras anexações, conseguiria aumentar também a arrecadação de impostos da cidade (*Folha da Manhã*, 07/03/1944). Contudo, no dia 21 de março do mesmo ano, foi publicado no *Diário Oficial do Estado* parecer do Conselho Administrativo tratando desse assunto, que foi relatado no dia 26 de março pelo *O São Bernardo*:

A emenda nº 2 diz respeito ao município de Santo André, cuja extinção, prevista no projeto, este Conselho não aprovou, mantendo o ‘status quo’. Há, em torno desta emenda, duas opiniões divergentes. A Comissão revisora opinou, agora, pela conservação do município de Santo André, compreendendo o distrito sede, com suas duas zonas, e o de Mauá; e pela criação dos municípios de São Bernardo, composto de um único distrito, e de Ribeirão Pires, integrado pelo distrito da sede e pelo de Paranapiacaba. E, por seu termo, o Conselho Nacional de Geografia manifestou-se



Arquivo: Serviço de Memória e Acervo da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo

Posse do
prefeito
Wallace
Cockrane
Simonsen,
em 1945

favorável a criação do Município de São Bernardo, compreendendo tão só, o distrito da sede, mas contrário a criação de Ribeirão Pires, que assim, deverá ser mantido como distrito de Santo André, juntamente com Paranapiacaba (...) Santo André e São Bernardo, pois ambos próximos da capital, representam importantes núcleos de população urbana, com capacidade de produção e trabalho bastantes para acelerar suas fontes de riqueza e seus serviços públicos, não havendo, por isso, razão de serem absorvidos pelos municípios vizinhos na atual emergência.

Em São Paulo, esse fato iria se consolidar em 1º de janeiro de 1945. No dia 12 de agosto de 1944, Wallace Cockrane Simonsen foi nomeado pelo prefeito José de Carvalho Sobrinho subprefeito do distrito de São Bernardo. Sua posse ocorreu no dia 15 do mesmo mês.

O já citado jornal, quando ciente da emancipação de São Bernardo, mudou seu nome para *O Borda do Campo* em referência à primeira vila da região, nos primórdios do Brasil colonial. No dia 8 de novembro de 1944, Simonsen comunicou aos associados da Sociedade Amigos de São Bernardo que finalmente eles haviam conseguido o que tanto sonhavam.

Porém somente no dia 10 de novembro divulgou-

-se a notícia da emancipação. O aguardado Decreto Estadual nº 14.334, assinado por Fernando Costa, veio em 30 de novembro. A partir do primeiro dia de 1945 passaria a existir oficialmente o município de São Bernardo do Campo, separando-se de Santo André (o apêndice “do Campo” surgiu devido a necessidade de se diferenciar de um município homônimo já existente, localizado no Maranhão). (Dias, 2007, p.37).

Por decreto, no dia 5 de dezembro de 1944, Wallace Simonsen foi nomeado prefeito de São Bernardo.

Com base no que foi apresentado ao longo deste artigo, é importante ressaltar que todas essas mudanças políticas aconteceram mais por vontade das elites econômicas, do que pela vontade dos são-bernardenses ou andreenses. Por isso, boa parte dessa história está esquecida, pois tais questões interessavam apenas aos segmentos abastados, chamados emancipacionistas, como empresários, comerciantes e profissionais liberais. A população só foi chamada a participar na grande festa de emancipação da cidade e posse de Wallace Cockrane Simonsen. **R**

NOTAS

Jornal *Folha da Manhã*, 24 de dezembro de 1943, Serviço de Memória e Acervo, PMSBC.
Jornal *Folha da Manhã*, 07 de março de 1944, Serviço de Memória e Acervo, PMSBC.
Jornal *O São Bernardo*, 14 de março de 1942, Serviço de Memória e Acervo, PMSBC.
Jornal *O São Bernardo*, 11 de abril de 1943, Serviço de Memória e Acervo, PMSBC.
Jornal *O São Bernardo*, 2 de maio de 1943, Serviço de Memória e Acervo, PMSBC.
Jornal *O São Bernardo*, 26 de março de 1944, Serviço de Memória e Acervo, PMSBC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARONE, E. *Brasil: Anos de crise 1930-1945*. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos)
DIAS, C. E. S. B. *São Bernardo do Campo: Estado Novo, rebaixamento e emancipação*. (Trabalho de conclusão de curso). Santo André (SP): UniABC, 2007. 49p.
GAIARSA, O. *A cidade que dormiu três séculos*: Santo André da Borda do Campo seus primórdios e sua evolução histórica: 1553-1960. Santo André (SP): Bandeirante, 1968. 408 p.
MEDICI, A. *Memórias do Banco do “Seu Wallace”*: Banco Noroeste. São Bernardo do Campo (SP): PMSBC, 1997. 142p.
PESSOTTI, A. *Vila de São Bernardo. São Bernardo do Campo (SP)*: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1981. 136p. (Cadernos Históricos)
PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. *De todos os lugares Histórias de Migrantes. Santo André (SP)*: Prefeitura Municipal de Santo André - Museu de Santo André, 2000 - 96p.
SKIDMORE, T. E. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Tradução coordenada por Ismênia Tunes Dantas. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
STANGORLINI, M. *As colônias do bairro Assunção*. 2 ed. São Bernardo do Campo (SP): Bartira, 1997. 62p.

CARLOS EDUARDO SAMPAIO BURGOS DIAS

É HISTORIADOR PELA UNIVERSIDADE DO GRANDE ABC (UNIABC) E PEDAGOGO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). MESTRANDO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP) E HISTORIADOR DO LABORATÓRIO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO INSTITUTO BUTANTAN.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Uma parte do Bairro da Fundação em uma imagem panorâmica do início do século passado. Na época do registro, a região ainda possuía muitas áreas vazias. Destaque para o prédio que hoje abriga o Museu Histórico Municipal (Palacete De Nardi), para o templo da atual Paróquia São Caetano e para o espaço que foi, posteriormente, ocupado pelas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Na ocasião, as poucas instalações existentes pertenciam à Pamplona, fábrica de sabões, velas e óleos vegetais, instalada na cidade em 1896. Em primeiro plano, as dependências de uma antiga olaria



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Evento na Sociedade Amigos do Bairro da Fundação. Discursando, Constantino De Nardi. Foram também identificados Luiz Mantovani (o primeiro, à esquerda), Filomeno Silvestre (o quarto, a partir da esquerda) e Armando Lopes (à direita). Foto da década de 1960, aproximadamente



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Flagrante de um momento de descontração durante um churrasco na casa de Mafalda Lorenzini (de blusa escura). Destaque para a presença de Oswaldo Samuel Massei



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Luís Polastre com Celso Polastre (no colo), Paulo Roberto Polastre, Luiz Antônio Polastre, Maria Encarnação Polastre e José Luiz Polastre. Ao fundo, Encarnación Polastre. Foto tirada em maio de 1952, no quintal da residência da família, na Avenida Prosperidade, nº 654 (atual nº 725), no Bairro Prosperidade



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Terceira Feira de Ciências na Escola Coronel Bonifácio de Carvalho, em 1970



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Casamento de Joana Angela Cavassani Barile e João Barile, 27 de julho de 1918. Em pé da esquerda para a direita: Abramo Cavassani, Maria Tereza Barile, Primo Cavassani, Matheus Peruchi, Antonio Barile, Carmine Barile, Maria Peruchi Barile, Yolanda Barile (no colo), Ana Maria Boemer Barile, Maria Monica Cavassani, Antonio Cavassani e Amabile Boemer Barile. Sentados: Monica Cavassani, Antonio Perella, Joana Angela Cavassani Barile (noiva), João Barile (noivo), Filomena Perrella e Nicola Perrella. As crianças são: Eduardo Barile, Damacena Cavassani, José Cavassani, Otaviano Cavassani, Orlando Barile, Kosmo Boemer Barile

RAÍZES E RETRATOS

A *Raízes* apresenta, nesta seção, fotos de participantes do projeto *Raízes e Retratos*, que tem o intuito de fazer com que a população contribua para a produção da revista, contando e compartilhando suas histórias por meio de imagens dos acervos familiares.

Casamento de Katarina e Alexander Potas, em 1944. Ucranianos, chegaram ao Brasil em 1947. O casal participou da criação da comunidade ucraniana e da Igreja Batista Ucraniana em São Caetano do Sul. Katarina nasceu em 1927 e seu marido, em 1922 (Alexander faleceu em 25 de maio de 2006). Tiveram três filhos: Sérgio, Walentyna e Vera Alexandra. A família, que inclui ainda sete netos, ainda mora no município

ACERVO/ALBERTO VEIGA POTAS



Casamento de Carmen Barbieri e Lauriston Garcia, veedor na época, realizado na Igreja Matriz Sagrada Família em 18 de janeiro de 1951. Na foto, feita no Foto Jacinto, também aparecem os padrinhos do casal, Assunta Lorenzini, Jacob João Lorenzini, Elvira Paolilo Braido e João Nicolau Braido, conhecido como Paraná. A união foi celebrada pelo padre Ézio Gislimberti

ACERVO/CARMEN BARBIERI



Casamento de Maria Pasquali Santarneckchi e Dante Santarneckchi, ocorrido em 6 de fevereiro de 1929, em Veranópolis (Rio Grande do Sul). O casal teve oito filhos e radicou-se em São Caetano do Sul em 1945, no Bairro da Fundação, onde ficou até seu falecimento (Dante morreu aos 90 anos, e Maria, aos 92)

ACERVO/DOMINGO
GLENIR SANTARNECCHI



Escultura de madeira em frente à Fundação das Artes, na Rua Visconde de Inhaúma. Foto de março de 1980

ACERVO/CLAUDINEI
APARECIDO PEIXOTO



RAÍZES E RETRATOS



Apresentação de Claudino de Lucca e do grupo Pampa, formado por Amilcar, Paschoal e Ivanildo, durante Concurso da Rainha do VI Jogos Industriais de São Caetano do Sul, realizado em 24 de junho de 1983 no então Estádio Lauro Gomes de Almeida

ACERVO/CLAUDINO DE LUCCA

Desfile da Independência realizado em 3 de setembro de 1972 na Avenida Goiás. À frente está a professora Sônia C. Martins levando alunos do 1º grau

ACERVO/CLAUDINO DE LUCCA



Antonio Gimenez Garcia posa para foto acompanhado da esposa, Lucia Liron Gimenez, e dos filhos Iracema e João. Ano de 1952

ACERVO/LEANDRO
GEANNACCINI GIMENEZ

Antonio Gimenez Garcia, avô de Leandro Geannaccini Gimenez, na esquina das ruas Taipas e Maceió em 1954. Antonio nasceu em Granada, na Espanha, em 8 de abril de 1913 e morreu em 12 de agosto de 2010. Foi morador do Bairro Barcelona, em São Caetano do Sul, por mais de 80 anos. A farmácia que aparece na foto existe até os dias atuais

ACERVO/LEANDRO
GEANNACCINI GIMENEZ



RAÍZES E RETRATOS

Attilio Vascon, na esquina da Alameda São Caetano com a Rua Marina, encostado em seu carro, um Chevrolet 1946. Foto do ano de 1947

ACERVO/NEIDE VASCON POLI



Da esquerda para a direita, Nilson Antonio Vascon, Antonia Chiorlin Vascon, Attilio Vascon e Neide Vascon Poli em junho de 1959

ACERVO/NEIDE VASCON POLI



Irmãos posam para foto no ano de 1948. Da esquerda para direita, Antonio Moretto Neto, Inês Moretto e Maria de Lurdes Moretto

ACERVO/SÉRGIO MILANI



Autorização de pesca emitida pelo então prefeito, Anacleto Campanella, a Angelo Moretto válida para a Repreza Rudge Ramos

ACERVO/SÉRGIO MILANI



RAÍZES E RETRATOS



A Panificadora Brasília foi fundada em dezembro de 1956 e se localiza na esquina das ruas Amazonas e Piauí. Atrás do balcão de atendimento estão José Moya Martinez (um dos proprietários), Josepha Moya Garcia e Antonio Torres

ACERVO/WILLIANS MOYA GARCIA



Equipe de atendimento da copa da panificadora. Na foto aparecem Manoel, conhecido como Manézinho, Aluizio e Guilherme Garcia

ACERVO/WILLIANS
MOYA GARCIA

Equipe de fabricação de pães e doces da panificadora. Na foto podem ser identificados Rubens Cioroli, Hermelindo Luiz Valentim (um dos proprietários), Soares, Ezequiel, Ildfonso, Irineu, Miro, José Português, Armando Romano e José (fornheiro)

ACERVO/WILLIANS
MOYA GARCIA



GUARDA CIVIL MUNICIPAL

60 ANOS DE HISTÓRIA

Em comemoração aos 60 anos da Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul, a revista *Raízes* apresenta uma *Memória Fotográfica* especial sobre esta importante instituição.

A guarda foi criada em 17 de setembro de 1953, mas foi somente no ano de 2000, durante a gestão do ex-prefeito Luiz Olinto Tortorello, que ela recebeu a denominação atual. Entre as metas da GCM estão proteção do patrimônio público e da segurança coletiva, controle de trânsito e segurança escolar, garantia da integridade de praças e

parques municipais, planejamento e operação da Defesa Civil Municipal, entre outras.

O efetivo da GCM é composto por 440 guardas, além de 39 viaturas, sete bases comunitárias fixas, três bases móveis, 16 bicicletas, 10 motocicletas e oito cães policiais. Atualmente, a guarda é comandada por Carlos Augusto Almeida da Silva, major da reserva da Polícia Militar, e integra a Secretaria Municipal de Segurança, dirigida por José Quesada Farina, coronel reformado da Polícia Militar.



A Guarda Civil Municipal foi criada em 17 de setembro de 1953. Entre suas missões estão segurança coletiva, controle de trânsito e proteção escolar, garantia da integridade de praças e parques municipais, entre outras. Foto do ano de 1989

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL



A GCM também tem o objetivo de proteger o patrimônio público, seus bens, serviços e instalações municipais, além de apoiar a administração pública no exercício de seu poder

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL

GUARDA CIVIL MUNICIPAL

60 ANOS DE HISTÓRIA



Foi somente em 29 de abril de 2000 que a Guarda Civil Municipal recebeu a atual denominação

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL

A GCM é uma corporação uniformizada e armada, fundamentada nas legislações Federal e Estadual e na Lei Orgânica do Município

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL



Além de treinamento físico, palestras e cursos, os membros da Guarda Civil Municipal recebem instrução de tiro, armamento e munição. Foto de 1994

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL



Inauguração do SOS 199, novo serviço de emergência de São Caetano do Sul, na Avenida Goiás, nº 2000. Hoje este espaço é ocupado pelo Same (Serviço de Atendimento Móvel de Emergência). Foto do ano de 2000

ACERVO/HERMES DA FONSECA

Hasteamento de bandeira na Fundação Anne Sullivan. Guardas ensinavam noções de civismo aos alunos. Foto do ano de 2003

ACERVO/HERMES DA FONSECA



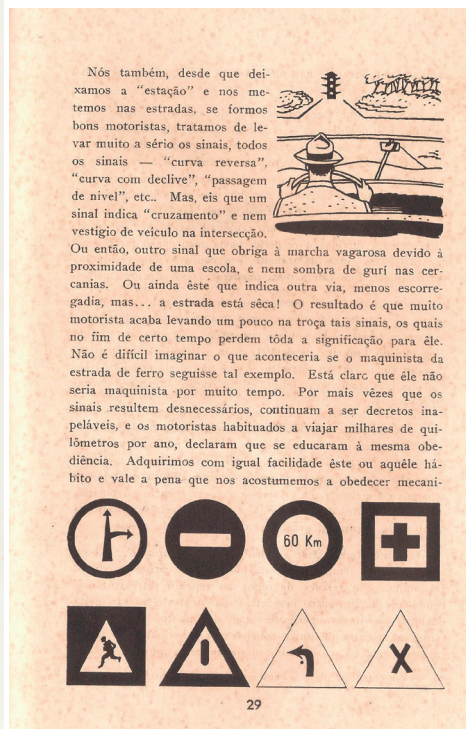
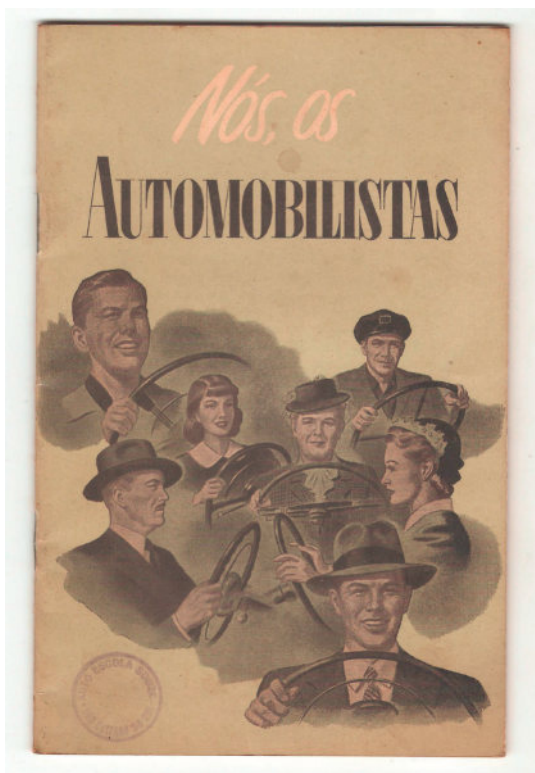
GCM apresenta novas viaturas da instituição, por meio da ROTAM (Rondas Táticas com Motocicletas), agrupamento de motociclistas policiais, preparado para chegar nos locais de ocorrência em menor tempo possível

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL



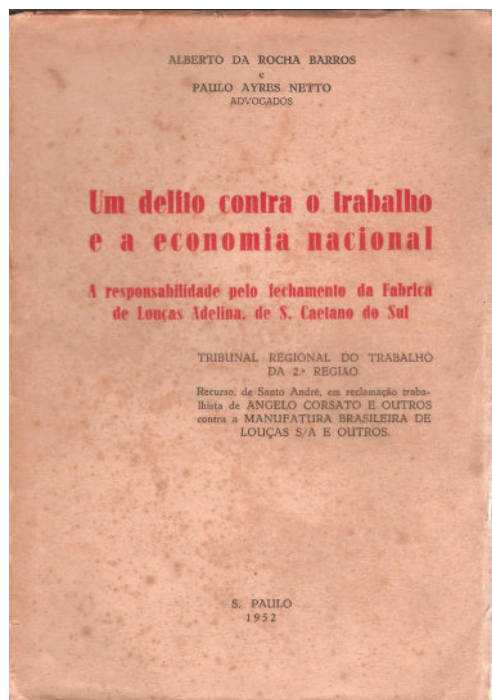
BAÚ DE MEMÓRIAS

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória, promovido pela Fundação Pró-Memória, por meio do Centro de Documentação Histórica, o *Baú de Memórias* publica mais uma amostra das doações recebidas no segundo semestre de 2013, e que foram incorporadas ao acervo da instituição.



Nós, os Automobilistas, guia sobre a arte de dirigir automóveis, publicado pela General Motors do Brasil, na década de 1950. A publicação tinha por fim divulgar ensinamentos sobre automobilismo

DOAÇÃO DE MARIA
ARLINDA DA FONSECA



Um delito contra o trabalho e a economia nacional; a responsabilidade pelo fechamento da Fábrica de Louças Adalina de São Caetano do Sul, dos advogados Alberto da Rocha Barros e Paulo Ayres Netto, publicado em 1952. Contém as informações do recurso em reclamação trabalhista de Angelo Corsato e outros funcionários da empresa

DOAÇÃO DE CARMEM BARBIERI





'São Caetano é Progresso', foto de Sandra Iamarino, participante do São Caetano em Foco, em 2004. Foto tirada do 10º andar de um prédio que estava, na ocasião, em construção, na esquina das ruas General Osório e Piauí

*Arquivo/Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul*

EXPOSIÇÕES

ANITA – GRAVADORA

A mostra *ANITA – Gravadora*, realizada em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB – USP), ofereceu ao público a oportunidade de conhecer um aspecto menos divulgado da obra de Anita Malfatti, a gravura. Anita foi um dos maiores nomes da arte moderna brasileira e teve participação fundamental na Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22. A exposição trouxe 21 obras de gravura em metal e ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal de 6 de abril até 31 de julho.

UNIVERSO
LÚDICO DE
INOS CORRADIN

No dia 4 de julho, a Fundação Pró-Memória abriu a exposição *Universo Lúdico de Inos Corradin*, na Pinacoteca Municipal. Pintor, cenógrafo, gravador e desenhista, Inos é artista versátil que possui extensa obra com nome consolidado no panorama artístico brasileiro. Nesta exposição os trabalhos – pinturas e esculturas - levaram tema lúdico e cores alegres. No mesmo dia da abertura foi lançado o livro *O Sabor das Artes*. A visitação seguiu até 28 de setembro.

POÉTICAS
DO GRAFITE:
IMAGENS
HISTÓRICAS
DE SÃO
CAETANO

A exposição *Poéticas do grafite: Imagens Históricas de São Caetano* apresentou os 17 melhores croquis de grafite, com representações das temáticas da história econômica, social e cultural do município, enviados para o concurso de ocupação urbana *A Cidade como Museu a Céu Aberto*, que teve o objetivo de difundir a prática artística do grafite. A abertura ocorreu no dia 10 de julho. O público pôde conferir os resultados até 15 de setembro, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes.

EXPOSIÇÕES

MEMÓRIAS
EM PINCELADAS

MARCOS E PAISAGENS
DE SÃO CAETANO DO SUL
NAS TELAS DE
FELISBERTO DE NARDI

De 31 de julho a 23 de outubro, esta exposição trouxe telas pintadas a óleo do pintor local Felisberto De Nardi, que dedicou seus momentos de lazer a registrar cenários, paisagens e a história de São Caetano do Sul, intercalados ao seu trabalho diário. As obras expostas no Museu Histórico Municipal foram produzidas nas décadas de 1940 e 1950 e fazem parte do acervo da instituição.



DIÁLOGOS

Esta exposição fez parte do projeto *Diálogos – o artista e sua obra, o artista e seu tempo*, que tem o objetivo de trazer a público dois momentos da trajetória de um artista, propondo um contraponto entre obras do acervo e sua produção contemporânea. Nesta mostra, na Pinacoteca Municipal, destacou-se o trabalho de Flávio Abuhab, cuja obra foi premiada no XI Salão de Arte do município, em 1988, e posteriormente incorporada ao acervo da Pinacoteca de São Caetano. O público pôde conferir este trabalho de 24 de agosto a 31 de outubro.

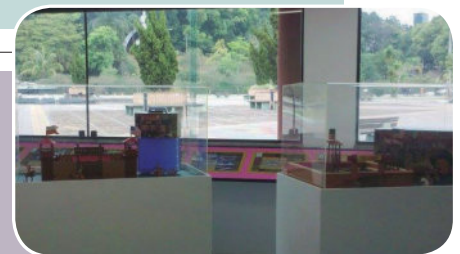


BRINQUEDOS GULLIVER:

A ARTE DO BRINCAR

A maior parte dos brinquedos que hoje nos parece indispensável ao desenvolvimento da criança já existe há séculos, mas sob outras formas e designações. Antigamente, os pequenos veículos eram carroças e os robôs de *Guerra nas Estrelas* eram apenas soldadinhos de chumbo. Então, para comemorar o mês das crianças, a exposição

traçou a história dos brinquedos a partir da trajetória da fábrica de brinquedos Gulliver, fundada pelo imigrante espanhol Mariano Lavin Ortiz, e sediada em São Caetano do Sul desde 1969. A mostra ficou em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes de 17 de setembro a 3 de novembro.



EXPOSIÇÕES

CAMBRIDGE NA FOTOGRAFIA DE UM SÃO-CAETANENSE

Há cerca de 40 anos, o professor emérito, sociólogo, fotógrafo e escritor, nascido em São Caetano do Sul, José de Souza Martins foi convidado pela Universidade de Cambridge para ser pesquisador visitante. E foi durante essas quatro décadas de visitas e residência periódica no local que Martins fez centenas de registros fotográficos. Uma pequena parte deste trabalho pôde ser apreciada de 1º de outubro a 1º de novembro, em uma exposição organizada pela Fundação Pró-Memória no Espaço Cultural do Atende Fácil.

Cerca de 40 imagens trouxeram para São Caetano do Sul os diferentes, bucólicos e exuberantes cenários da cidade e os idílicos jardins dos Colleges, especialmente o seu Trinity Hall. Vale lembrar que Martins é um importante protagonista da construção e preservação do patrimônio histórico, artístico e literário de São Caetano, sen-

do o idealizador e primeiro diretor do Museu Histórico Municipal. A dimensão de sua obra é vasta, sendo composta por 40 livros, mais de 100 pesquisas e produções e cerca de 500 textos publicados em jornais e revistas, além de 14 prêmios e títulos recebidos.



EXPOSIÇÕES

SÍMBOLOS E MENSAGENS DO NATAL



A chegada do Natal é anunciada desde o dia 6 de novembro no Museu Histórico Municipal com esta exposição, que traz presépios de várias regiões e épocas, confeccionados em diversos materiais, e cartões de Natal de vários estilos, além de objetos relacionados à data. Ela seguirá até 6 de janeiro de 2014.

5ª ARTE POSTAL – 13º ARTE OFÍCIO

Muitos artistas trocaram correspondências de caráter artístico entre si, a exemplo de Vincent van Gogh e seu irmão Theo. Na década de 1960, a arte postal passou a ser uma manifestação de arte pelos artistas contemporâneos. O curador da mostra, Valdo Rechelo, coordenador do curso de artes visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, traz diversos artistas interessados nessa manifestação na Pinacoteca Municipal com obras inéditas dentro do tema *O Sonho de van Gogh* e outras do acervo da Fundação das Artes de edições anteriores. A visitação começou em 26 de novembro e seguirá até o dia 15 de fevereiro de 2014.

ROBERTO GYARFI: MESTRE IMPRESSOR

A mostra marca os 40 anos da trajetória do mestre impressor Roberto Gyarfi, conhecido como Alemão. A exposição contempla obras de vários gravadores que trabalharam com Gyarfi e também outras que resultaram de oficinas de litogravura, desenvolvidas por ele, em programas sociais com as comunidades, como o projeto *Da Luz à Paranaíacaba*, realizado de 2005 a 2007. A mostra foi aberta em 23 de outubro e segue até 15 de fevereiro de 2014, na Pinacoteca Municipal.



EXPOSIÇÕES

IGREJAS:

OS TEMPLOS DA FÉ



Considerando a importância da religião na vida das pessoas, e ainda como a presença de construções com fins de devoção e exercício da fé interferem no cotidiano de uma cidade, além de demonstrar a diversidade de crenças dos moradores de São Caetano, a exposição, que ficará em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes de 5 de novembro a 12 de janeiro de 2014, reúne imagens de igrejas católicas, evangélicas, metodistas, ortodoxas, batistas, dentre elas a Igreja Messiânica, que está em São Caetano do Sul há mais de 40 anos, e a Igreja Presbiteriana Filadélfia, a primeira entidade religiosa do Grande ABC.

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida. O projeto tem como objetivo funcionar como complemento para a divulgação do acervo da Fundação Pró-Memória. As mostras virtuais ficam no ar pelo período de um mês e sempre apresentam um texto de introdução e cerca de 20 imagens, de acordo com o tema proposto.

Em agosto, os 21 anos da Festa Italiana de São Caetano do Sul foram o foco da exposição. Para setembro e outubro, a Fundação

prestou homenagem aos 60 anos da Guarda Civil Municipal. Para esta exposição, a Pró-Memória fez um convite para que os guardas con-

tribuísem com a mostra, trazendo fotos de seus acervos pessoais. Em novembro foi a vez de comemorar os 60 anos do CISE Moacyr Rodrigues, um dos espaços de terceira idade mais importantes da cidade. Para dezembro, a Fundação preparou uma mostra sobre formaturas em São Caetano.



PROJETOS E PARCERIAS

AGIR E INTERAGIR – ARTE E CRIAÇÃO



O projeto é uma ação contínua que proporciona visitas à Pinacoteca Municipal, orientadas por arte-educadores, que visam ampliar o conhecimento e a fruição estética, por meio de jogos, exercícios

de apreciação e expressão artística. O programa atende grupos de adultos e crianças a partir de 4 anos com atividades e linguagem adaptadas para cada faixa etária. O atendimento é realizado de segunda a quinta-feira.

A PEÇA EM DESTAQUE

Este projeto consiste em destacar, mensalmente, um objeto do acervo do Museu Histórico Municipal com o intuito que o público possa, além de contemplar cada item de forma diferenciada, fornecer novas informações, enriquecendo os registros de cada peça.



SEXTAS COM ARTE

Neste projeto o objetivo é proporcionar aos visitantes um contato mais estreito e lúdico com os primeiros passos do processo de criação e técnicas disponíveis na confecção de desenhos. Ele é realizado todas as sextas-feiras, exceto feriados. A cada semana é ensinada uma técnica diferente. Desenho de observação (objetos existentes no Ateliê Pedagógico), pintura (tema livre com tinta guache, giz de cera, giz pastel seco e carvão), xilogravura (tema livre – gravação de matriz e impressão) e colagem (tema livre – recorte e cola) estão entre as técnicas abordadas nas aulas que possibilitam aos alunos a aproximação com formas de expressão através da arte.



PROJETOS E PARCERIAS

RENDILHADOS
DA MEMÓRIA

O projeto tem o objetivo de recuperar histórias, subjetividades e modos de fazer que estão se perdendo na contemporaneidade, como a prática do crochê e tricô.

Os encontros com contação de histórias e oficina da prática são realizados nas dependências da Fundação Pró-Memória com moradores da cidade que desejam transmitir e aprender as técnicas. Ao fim das oficinas, os trabalhos vão ornamentar uma árvore do jardim da instituição. Foram realizados encontros em agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

ERA UMA VEZ
UMA ESCOLA...

O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio de parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de ensino infantil (EMEI) de São Caetano do Sul, que serão retratadas por meio de exposições fotográficas que ficarão permanentemente nas escolas, além da apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Fundação. Já foram contempladas as EMEIs Luiz José Giorgetti, Castorina Faria Lima e José Ferrari.

LEMBRANÇAS
DA CIDADE:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DA GENTE DE
SÃO CAETANO DO SUL

A Fundação Pró-Memória e o Laboratório de Hiperâmídias/Memórias do ABC da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) implantaram este programa para o registro das histórias de vida de moradores da cidade e pessoas atuantes nos mais diversos ramos de atividades aqui desenvolvidas (educação, esportes, política, indústria, comércio, cultura, etc), que

são agentes de transformação e construção da história local. Primeiro, em agosto, foi realizada a palestra *Memória, Patrimônio e Cidadania*:

as possibilidades da História Oral, ministrada por Ricardo Santhiago. Em seguida, entre agosto e setembro, foi desenvolvida a oficina *História Oral: O que é e como fazer*, dividida em três encontros. E, por fim, desde outubro, estão sendo feitas gravações com a utilização da história oral. Os primeiros a darem entrevista são os remanescentes do movimento autonomista de São Caetano do Sul.



PROJETOS E PARCERIAS

7ª PRIMAVERA DOS MUSEUS

A Fundação Pró-Memória participou da 7ª Primavera dos Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC), que neste ano teve como tema *Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira*. Além de uma apresentação de capoeira da ADC Santa Izabel, também foi realizada a exposição *Ginga e molejo: as expressões culturais afro-brasileiras em São Caetano do Sul*, composta por imagens e acessórios usados nas variadas expressões



da cultura afro-brasileira. Ela ficou em cartaz de 23 de outubro a 30 de novembro. Para o encerramento, houve a apresentação do grupo Cia de Danças Bruma Magias, que fez um mix de danças étnicas e tribais.

SEMANA DA AUTONOMIA

A Fundação Pró-Memória comemorou os 65 anos da autonomia política e administrativa de São Caetano do Sul (celebrada em 24 de outubro) com três eventos que reuniram abordagens distintas, dentre elas: a histórica, com o lançamento do *Tabloide do Movimento Autonomista: História, personagens, marcos e representações*, que fez menção aos principais aspectos, episódios e representações do movimento emancipacionista; a literária, que compreendeu o lançamento do cordel



A saga de um povo na trilha da autonomia, de Francisco Luiz Mendes; e a artística, com atividades voltadas para a temática autonomista, dentro do projeto *Sextas com Arte*.

ENCONTROS/PALESTRAS/OFCINAS

INOS CORRADIN E OUTROS MANEIRISMOS:

COR, FORMA E
DISTORÇÃO EM
PONTORMO,
PARMIGIANINO,
EL GRECO, INGRES,
MODIGLIANI, TAMARA
DE LEMPICKA E PICASSO



Em setembro, esta palestra abordou os maneirismos estilísticos desde Pontormo e Parmigiani, passando por El Greco, e outros artistas de estética amaneirada, como Ingres, chegando a poéticas da distorção formal do modernismo, tomando Modigliani, Tamara de Lempicka e Picasso como referencial e apresentando o artista Inos Corradin enquanto exemplo do desdobramento dessa tradição na arte brasileira.

DIÁLOGOS FLÁVIO ABUHAB: ENCONTRO COM O ARTISTA

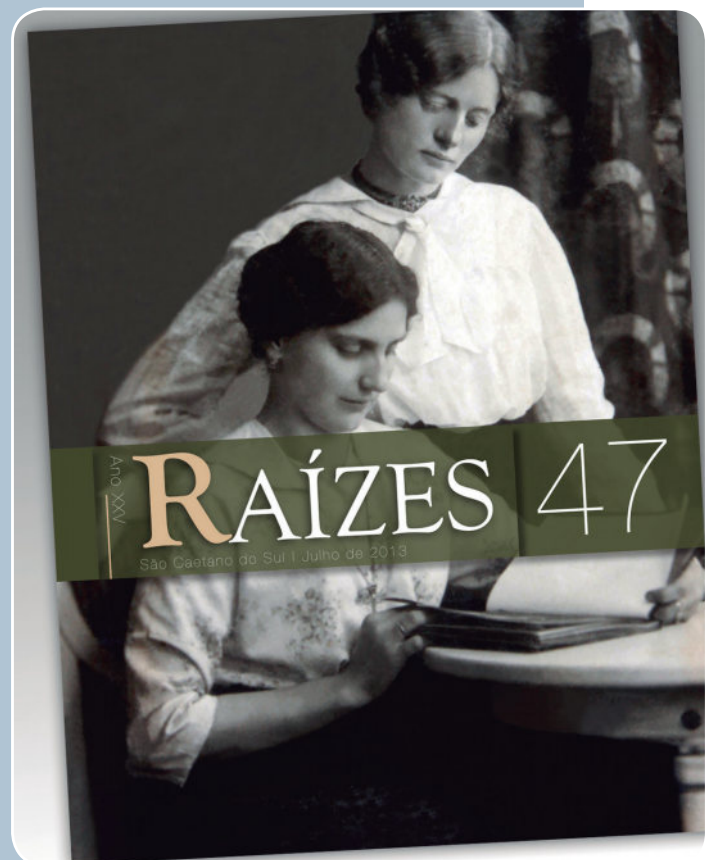


Em outubro, o artista Flávio Abuhab conversou com estudantes sobre a mostra *Diálogos*, contextualizando sua produção com a arte contemporânea, entre o conceito e prática.

LANÇAMENTO

LANÇAMENTO DO NÚMERO 47 DA REVISTA RAÍZES

No dia 29 de julho, a Fundação Pró-Memória lançou o número 47 da revista *Raízes*, em evento realizado no Teatro Santos Dumont. A publicação trouxe em suas páginas a história e a memória da cidade e da região do Grande ABC, sempre fazendo um elo com o presente e com as novas gerações. Nesta edição, o assunto principal foi a literatura em São Caetano e sua importância como registro de tradições, costumes e comportamentos de uma época.

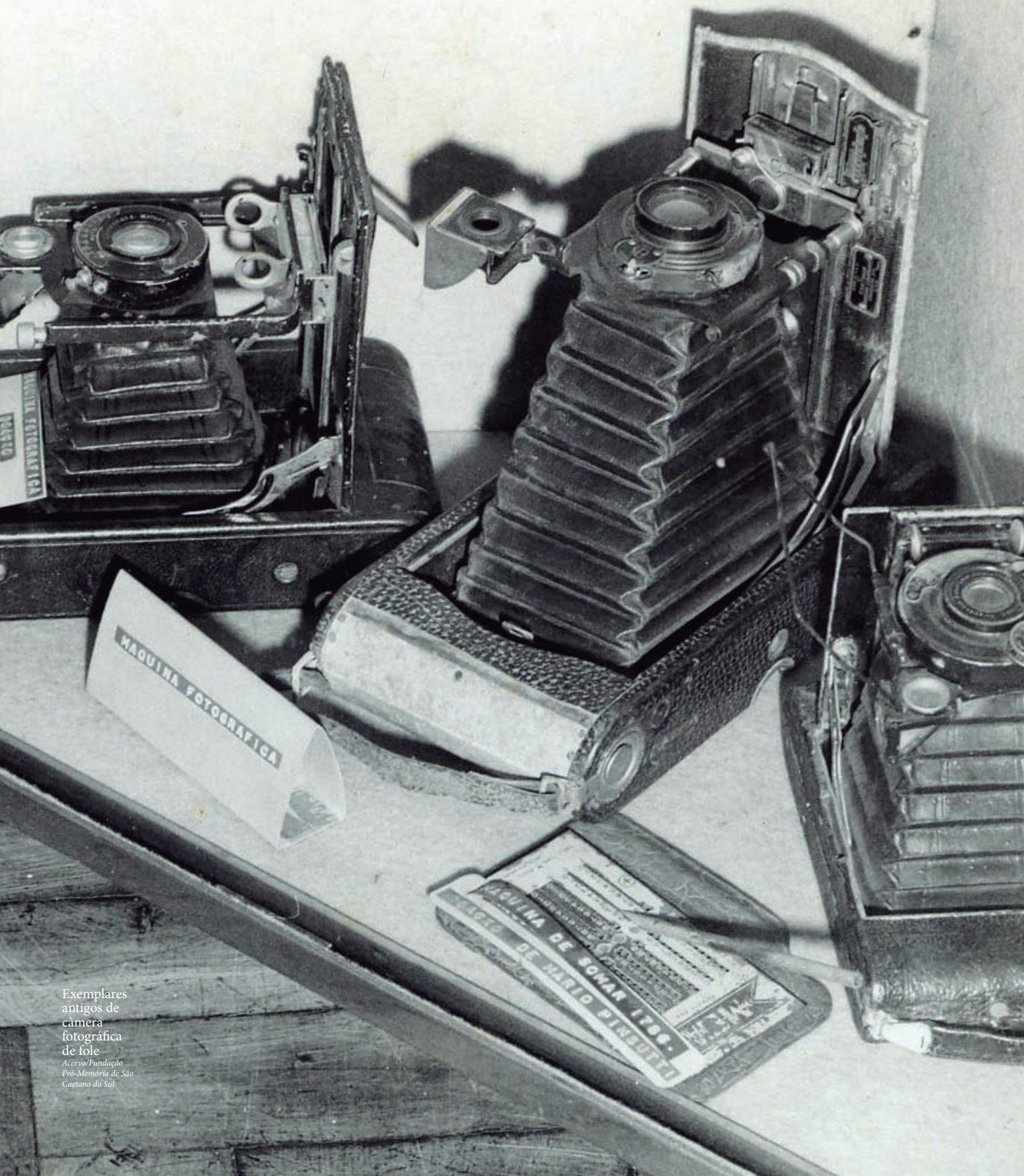






'Uma Praça de Fé,
foto de Cláudio
Martins de Oliveira,
um dos participantes
do São Caetano em
Foco, em 2004.
Destaque para a
Capela de Santa
Rita de Cássia

*Acervo/Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul*



MAQUINA FOTOGRAFICA

MAQUINA DE SONAR 1286
MAQUINA DE MARIO PINHEIRO

Exemplares antigos de
câmera
fotográfica
de fole
Acervo/Fundação
Pro-Memória de São
Caetano do Sul

ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Secretaria Municipal
de **Cultura**



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE